

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

FLORANICE SANTOS DE ANDRADE

**O CORAÇÃO DE DEUS NO
CORAÇÃO DA HUMANIDADE**
**A Cristologia na vida e
ação missionária de Teresa Verzeri**

Prof. Dr. Érico João Hammes

Orientador

Porto Alegre
2013

FLORANICE SANTOS DE ANDRADE

O CORAÇÃO DE DEUS NO CORAÇÃO DA HUMANIDADE A
Cristologia na vida e ação missionária de Teresa Verzeri

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Professor Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre

2013

Floranice Santos de Andrade

"O CORAÇÃO DE DEUS NO CORAÇÃO DA HUMANIDADE: A cristologia na vida e ação missionária de Teresa Verzeri.."

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 22 de agosto de 2013, pela Banca Examinadora.

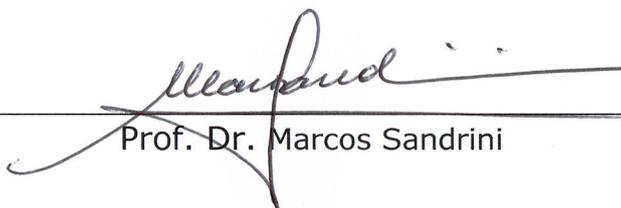
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Érico João Hammes
(Orientador)



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin



Prof. Dr. Marcos Sandrini

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo chamado à vida, à vocação religiosa e por todos os dons concedidos.

À Congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus, de forma especial a Ir. Luciana Welponer, superiora geral, às Irmãs: Maria Aparecida Zacarias e Jelda Zorzo, da Província Santa Teresa Verzeri e às Irmãs Maria Elvira de Oliveira e Elisabete Bernardi, da Província Nossa Senhora Aparecida, por todo o incentivo, apoio, carinho e compreensão.

A todas as Irmãs das duas províncias brasileiras, por todo o interesse, apoio, compreensão amizade e prece.

Às Irmãs integrantes da comunidade: Cristina de Almeida Cruz, Lúcia Balzan e particularmente a Neusa Falcade, pelo interesse, ajuda, cordialidade, companheirismo a todas as jovens em formação que constituíram a comunidade durante este tempo de estudos.

À minha família, amigos e amigas, pelo interesse, compreensão, incentivo e renovado carinho.

Ao professor Dr. Leomar Brustolin, Coordenador do Curso de Pós Graduação, pela sabedoria partilhada, por todo incentivo oferecido e pelo interesse em formar profissionais humanos e competentes.

Aos professores do Programa de Pós Graduação da PUCRS, pela dedicação, interesse, amizade e saber colocado a serviço.

Ao professor Dr. Frei Luiz Carlos Susin, pela dedicação na leitura da obra em questão, por seu olhar atento, objetivo e claro.

Ao professor Dr. Pe. Marcos Sandrini, grande conhecedor da Congregação e amigos das Irmãs FSCJ, pela leitura interessada e minuciosa de todo o trabalho, com ricas contribuições para melhor qualificação do mesmo.

Aos funcionários da secretaria, especialmente Flávia Teixeira, por todo carinho, incentivo, competência, amabilidade com que sempre incentiva e orienta a todos.

Aos colegas da turma, companheiros e companheiras, por sempre acreditar que é possível ir além e por continuar alimentando o sonho de um mundo melhor possível.

A Ir. Sonia Terezinha Daudt, eterna mestra e amiga, pelo incentivo constante e por dedicar parte de seu tempo para também colaborar na construção desse texto com sua leitura e observações.

A Ir. Odete Padilha de Moura, pela leitura atenta, competente, incentivadora. Pela vibração do coração nos momentos alegres ou mais difíceis, sempre acreditando na capacidade e crescimento das pessoas.

Ao querido professor orientador, Dr. Pe. Érico Hammes, por todo incentivo, empenho, dedicação, competência com que orientou esse trabalho, dando iluminadas contribuições para que o mesmo pudesse chegar a bom termo.

Por tudo isso, dou graças em toda e qualquer situação, porque esta é a vontade de Deus no Cristo Jesus a meu respeito (cf. 1Ts 5,18).

Resumo:

A presente dissertação visa apresentar alguns aspectos da Cristologia a partir dos escritos de Teresa Verzeri. Procurou-se para isso ler vários de seus textos, bem como de outras pessoas que escreveram a seu respeito. Teresa Verzeri não tem uma Cristologia elaborada como se entende nos dias atuais, mas em vários de seus escritos aparecem elementos cristológicos que à luz da Cristologia trabalhada por teólogos recentes, se pode verificar a importância do legado deixado por ela. Para melhor verificar isso foram lidas obras de vários autores como: Jon Sobrino, Bruno Forte, Vera Ivanise Bombonato, Victor Codina, Maria Clara Bingemer, entre outros. Com a leitura destas obras procurou-se estabelecer um diálogo entre elas e o pensamento de Verzeri. Foram abordados conteúdos relacionados ao contexto histórico no qual viveu Teresa Verzeri, além disso, procurou-se delinear temas do evangelho que aparecem também em Verzeri como a misericórdia e a compaixão, a predileção de Deus pelos necessitados e excluídos, o relacionamento de Jesus com o Pai, o seguimento de Jesus, o mistério pascal, entre outros. A última parte da obra procura verificar se o Instituto fundado por Verzeri continua hoje através de suas Irmãs, as Filhas do Sagrado Coração de Jesus, o carisma por ela iniciado. Espera-se com esse trabalho, além de aprofundar alguns conteúdos da Cristologia, verificar qual a importância para uma práxis autêntica, da proposta de Verzeri para os dias atuais.

Palavras-chave: Cristologia, Filhas do Sagrado Coração de Jesus, Verzeri, Misericórdia, Seguimento, Coração de Jesus.

Abstract:

This Masters' Thesis aims to present some aspects of Christology from the writings of Teresa Verzeri. I tried to read several of Verzeri's texts, as well as works by others who wrote about her. Teresa Verzeri has not elaborated on a Christology, as it is understood today, but in several of her writings there are christological elements that surface in the light of Christology developed by recent theologians, so that we can value the importance of her legacy. In order to further verify this, I read the works of several authors such as Jon Sobrino, Bruno Forte, Vera Ivanise Bombonato, Victor Codina, Maria Clara Bingemer, among others. After reading these works, I sought to establish a dialogue between them and Verzeri's thought. The work addressed also content related to the historical context in which Teresa Verzeri lived, as well as gospel themes, such as mercy and compassion, God's predilection for the needy and the outcast, the relationship of Jesus with the Father, Jesus follow-up, the paschal mystery, among others. The last part of the work aims to verify if the Institute founded by Verzeri continues today through its sisters, the Daughters of the Sacred Heart of Jesus, the charisma started off by her. I hope that this work, besides offering an in-depth study of some contents of Christology, will show the importance of Verzeri's proposal for an authentic praxis for today.

Key Words: Christology, Daughters of the Sacred Heart of Jesus, Verzeri, Mercy, Tracking, Heart of Jesus.

SUMÁRIO

1 CONTEXTO HISTÓRICO DE TERESA VERZERI.....	10
1 Contexto histórico da Península Itálica de 1800.....	10
1.1 Contexto geral.....	11
1.2 O contexto espiritual.....	16
1.3 Contexto do Império Lombardo-Vêneto.....	19
1.4 Teresa Verzeri.....	26
2 EXISTE UMA CRISTOLOGIA EM TERESA VERZERI?.....	40
2.1 Teresa Verzeri e sua relação com Jesus de Nazaré.....	41
2.2 Um coração inquieto: Verzeri e o seguimento a Jesus Cristo.....	43
2.3 Verzeri e o Coração de Jesus.....	47
2.4 Jesus e os pobres.....	54
2.5 Jesus e as mulheres.....	61
2.6 Jesus e seu relacionamento com o Pai.....	65
2.7 Quem é Deus para Teresa Verzeri?.....	67
2.8 Paixão, morte e ressurreição de Jesus.....	72
3 O DOM CARISMÁTICO DE TERESA VERZERI HOJE.....	82
3.1 O serviço de amor ao próximo.....	82
3.2 A chama da fé.....	84
3.3 Vida de oração e oração na vida.....	87
3.4 Atualidade do dom carismático das FSCJ.....	91
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

“Esperei firmemente no Senhor, e ele se inclinou para mim, atendendo a minha súplica. (...) Fez-me cantar um canto novo, um louvor ao nosso Deus” (Sl 40,2.4).

O tema proposto para esse trabalho é um dos mais significativos da Teologia. Trata-se da Cristologia. Mas a ênfase que será dada vai além do simples estudo e aprofundamento de textos cristológicos, o que por si só já tem uma grande importância. O objeto de estudo diz respeito aos elementos da Cristologia presentes no pensamento Teresa Verzeri, fundadora da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus¹.

Teresa Verzeri nasceu na cidade de Bérgamo, Itália, no início do século XIX (1801) e fundou a Congregação no dia 08 de fevereiro de 1831. Ela deixou como legado aos membros desse Instituto e a todos quantos venham a se aproximar do seu carisma, uma grande riqueza em forma de escritos. Boa parte do que Verzeri sistematizou, encontra-se no assim chamado Livro dos Deveres, que é um conjunto de ensinamentos práticos destinado à formação das Irmãs. Na introdução do primeiro volume² e no epílogo do terceiro³, ambos em língua italiana, Teresa Verzeri diz que escreve para concretizar o desejo de seu guia espiritual e também Fundador do Instituto, Giuseppe Benaglio. Este queria que ficasse registrado um sólido ensinamento que servisse para as Irmãs que estavam iniciando o Instituto e para todas que viessem a integrá-lo ao longo dos anos. Verzeri reconhece que transmitiu com a máxima fidelidade possível o pensamento de Benaglio, embora admita que em algum momento o que diz pode estar marcado pelos termos próprios de seu gênero, de sua condição e de suas limitações.

A obra foi escrita, segundo registra Verzeri, para que nela se reconhecesse o Espírito e a doutrina de Jesus Cristo, espelho e mestre da verdadeira santidade. Assim como o exemplo é

¹ No presente trabalho o nome da ongregação vai aparecer frequentemente com a sigla de suas iniciais: FSCJ.

² VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. I, p. XXV e XXVII.

³ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. III, p. 486-487.

mais potente e eficaz que a palavra, o divino Pai dá o próprio Jesus Cristo, não só como mestre, mas como modelo de santidade: “este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o” (Lc 9,35)⁴.

Embora o título possa parecer “seco”, na verdade o conteúdo trabalhado nesta obra, é de muita vida, ternura e espiritualidade, bem como de uma sólida doutrina cristã. O texto foi escrito baseado na leitura de vários autores místicos e espirituais da época, como: Inácio de Loyola, Teresa d’Ávila, Francisco Salles, entre outros, como também na vida dos santos. Na referida obra e sobretudo nas mais de 3.500 cartas que Verzeri escreveu a diferentes pessoas, entre as quais, numerosas foram dirigidas a seus confessores, aparece um forte acento na espiritualidade do Coração de Jesus. Daí as perguntas: a seu modo e no seu tempo teria Verzeri contribuído para fazer emergir uma Cristologia? Que Cristologia? É possível visualizá-la a partir de seus escritos? Ainda tem sentido hoje as palavras de Verzeri sobre a pessoa de Jesus? Tendo passado mais de 180 anos de fundação da congregação, como as Filhas do Sagrado Coração de Jesus têm continuado a obra iniciada pelos Fundadores?

Na tentativa de responder essas e outras questões é que se deu início a este trabalho. Ao longo do mesmo vai-se descobrir que Verzeri, vivendo naquele contexto preciso dificilmente faria Cristologia no modo como se compreende hoje. Porém, aprofundando um pouco mais seu pensamento, pode-se concluir que ela deu uma contribuição significativa para se visualizar a pessoa de Jesus Cristo de um ponto de vista diferenciado: a partir do seu Coração. Com isso não se quer dizer que ela foi inovadora porque falou do Coração de Jesus, antes dela vários outros já tinham falado, entre eles: São João Eudes (1601-1680) e Santa Margarida Maria de Alacoque (1647-1690) esta última inclusive, várias vezes foi citada nos escritos de Verzeri. O que se quer evidenciar portanto, é a centralidade na qual se firma Verzeri, ou seja, no Coração amoroso de Jesus.

Verzeri, nos seus escritos, propõe para suas Irmãs e conseqüentemente para as demais pessoas, que se aproximem do amoroso Coração de Jesus que é todo ternura, compaixão e misericórdia e como está escrito nas Sagradas Escrituras, não veio para os que têm saúde, mas para os que estão doentes, não veio chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento (cf. Mc 2,17). Ela insiste a respeito desse assunto e também se coloca na Escola desse Mestre para continuamente aprender dele a ser *mansa e humilde de coração* (cf. Mt 11,29).

⁴ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. III, p. 481. (ed. em língua italiana).

O pano de fundo do conteúdo aqui trabalhado é a Cristologia⁵, ela permeia o que se vai escrevendo acerca de Verzeri e de seus escritos. Para isso buscou-se embasamento teórico em vários autores cujas obras iluminarão o que está sendo dito, especialmente em dois: Jon Sobrino e Bruno Forte. A Cristologia desenvolvida pelos diversos autores citados ao longo do texto ajuda a atualizar o que Verzeri disse no período em que viveu.

Convém salientar que “a Cristologia como ‘doutrina sobre Jesus Cristo’, como apresentação, desenvolvimento e interpretação da confissão de fé fundamental ‘Jesus de Nazaré é o Cristo, Messias, Filho de Deus e Senhor’ é o centro da teologia Cristã”⁶. A palavra “Jesus Cristo”, na sua origem, não constitui um nome próprio, “mas designação com duas palavras, que expressa confissão de fé, a saber, a da comunidade primitiva de Jerusalém, segundo a qual o Jesus de Nazaré crucificado é o Messias prometido, o ‘Ungido de Javé’ escatológico, que realiza as esperanças de salvação escatológica de Israel”⁷.

O trabalho está dividido em três seções. A *primeira* diz respeito ao contexto histórico em que Verzeri nasceu e onde foi fundado o Instituto das Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Procura transmitir, ainda que rapidamente, alguns aspectos significativos do século XIX, no tocante à história como um todo e particularmente ao contexto histórico espiritual da Itália.

A *segunda* seção procura evidenciar nos escritos de Verzeri o que emerge de elementos cristológicos, sempre iluminados pelo pensamento de diferentes teólogos. E a *terceira* seção procura identificar se na continuidade da obra idealizada por Verzeri e Giuseppe Benaglio, as Filhas do Sagrado Coração de Jesus prosseguem assumindo o carisma atualizando-o, já que as necessidades de hoje já não são aquelas que havia quando foi fundada a Congregação.

Ao longo desta pesquisa foi possível identificar alguns trabalhos sobre a Cristologia, o Coração de Jesus e Teresa Verzeri. Na área de Cristologia, os professores Érico Hammes e Luiz Carlos Susin, têm dado uma excelente contribuição. Há também vários alunos do Programa de Pós Graduação da PUCRS que têm pesquisado nesta área. Sobre tema do Coração e sobre Teresa Verzeri, várias Filhas do Sagrado Coração de Jesus também

⁵ Terminologicamente, “Cristologia” significa doutrina ou discurso sobre Cristo. A palavra Cristo é tradução do grego *Christós*, que foi traduzida para o latim e se tornou terminologia fixa e constitutiva da linguagem da fé cristã, do hebraico *masiah* e do aramaico *mesiha*, que significa o Ungido, ou mais precisamente, o Ungido de Javé (cf. BLANCK, J. *Seguimento*. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 418.)

⁶ BLANCK, J. *Seguimento*. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 418.

⁷ BLANCK, J. *Seguimento*. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 419.

pesquisaram e deram sua contribuição. Todos os trabalhos foram muito significativos para o enriquecimento deste. Aqueles que foram utilizados nesta pesquisa estão elencados na lista de referência. Espera-se com esta contribuir para que outras pessoas venham conhecer ainda mais a pessoa de Jesus Cristo, no modo aqui apresentado, através do Carisma dado à Igreja, assumido por Teresa Verzeri e continuado na missão das Filhas do Sagrado Coração de Jesus.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DE TERESA VERZERI

Falar de uma pessoa, de um carisma, de um Instituto, é sem dúvida uma tarefa fascinante e empenhativa. É também um modo de voltar ao passado com os olhos do presente, não para julgá-lo, mas para à luz deste, lançar um novo olhar para o presente em vista do futuro. Essa é a proposta desta primeira seção. Em vista de compreender o contexto no qual nasceu e viveu Teresa Verzeri, bem como a importância do Instituto fundado por ela e Giuseppe Benaglio, é que será feita aqui uma breve retomada da história.

A *primeira parte* desta seção dedica-se ao contexto histórico de um modo geral, visto que o século XIX é marcado por uma série de acontecimentos que vão marcar a história como um todo. Depois procura-se especificar o contexto próprio da Itália⁸ nos aspectos geral e espiritual, que vão delinear melhor como esses acontecimentos influenciaram na vida da Igreja e dos diferentes Institutos nascidos naquele período.

A *segunda parte* vai ocupar-se da pessoa de Teresa Verzeri (1801-1852) que junto com outras jovens e sob a orientação de Monsenhor Giuseppe Benaglio, vai empreender a tarefa de dar um sentido novo aos acontecimentos da época a partir de uma atitude que inclui, especialmente para com as pessoas mais sofridas, amor de compaixão e misericórdia, aprendidas do Coração de Jesus.

1 Contexto histórico da Península Itálica de 1800

Os anos que compreendem a primeira metade do século XIX foram vividos na Itália, com muita intensidade. No campo *político* vislumbra-se a era napoleônica, a questão da restauração e a guerra da independência. No âmbito *religioso*, mesmo em meio a muitas dificuldades históricas, ganha novo impulso as devoções e práticas de piedade, especialmente com o surgimento e expansão da Vida Religiosa, bem como uma nova forma de atuar o apostolado. O clero também adquiriu uma formação mais consistente. No âmbito *econômico e social*, “levada tanto pelo progresso do comércio, como pelo desenvolvimento das ideias

⁸ Convém salientar que no contexto histórico de Verzeri a Itália não era ainda um país. Era uma Península e estava dividida em diferentes regiões. Aquela a qual Verzeri pertencia chamava-se Lombardo-Vêneto. Quando se falar portanto da Itália, está se referindo à Península. O processo de unificação da Itália foi longo e sua concretização aconteceu somente em 1870, como se verá adiante.

liberais, crescia uma sociedade burguesa que não conhecia outra hierarquia a não ser a do dinheiro e das funções públicas”⁹. E por fim, no âmbito *intelectual*, o fato de os horizontes científicos terem se alargado, contribuiu para intensificar os problemas ao pensamento cristão, obrigando-o a rever suas posições. A seguir se falará mais detalhadamente sobre essas questões.

1.1 Contexto geral

Nos séculos XVIII e XIX se desenvolveram várias situações que influenciaram muito o desdobramento das dimensões políticas, sociais, culturais e religiosas da história do Ocidente. No aspecto político-cultural, o *Iluminismo* (século XVIII) e a *Revolução Francesa* (1789-1799) trouxeram novas ideias que se expandiram por toda a Europa.

A história em geral e dentro dela a história da Igreja foi marcada por uma série de revoluções que foram dando um novo desdobramento aos acontecimentos. Dentre estas destaca-se a revolução *política*. De acordo com Rogier e Bertier¹⁰, “o cataclismo, que varrera da França o antigo regime, dera um golpe mortal aos princípios sobre os quais os Estados se baseavam até então: ao sistema aristocrático e monárquico, opunha-se o ideal democrático, à autoridade do direito divino (...) àquela que vinha da livre escolha popular”¹¹. Dessa forma a história política dos países na primeira metade do século XIX, seria sobretudo, a da luta entre esses dois princípios ou sistemas.

É difícil pensar que as Igrejas ficariam neutras nesse conflito e mais ainda a Igreja católica que era a mais diretamente afetada. A revolução produziu também um novo fenômeno, o chamado *Estado leigo* “que por definição, era estranho a qualquer obediência religiosa”¹². O primeiro a adotar esse fenômeno foram os Estados Unidos da América, mas logo foi seguido pela França revolucionária. A Igreja católica romana que estava acostumada a lidar com as lideranças políticas de diferentes expressões *religiosas* e a assumir posturas

⁹ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 210.

¹⁰ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações.

¹¹ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 209.

¹² ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 209.

públicas, agora precisava ter novas atitudes, não por decisão própria mas pela situação que lhe era imposta. Ela precisava rever todas as suas contradições para assim assumir uma atitude mais profética. E isso não aconteceu sem muitos conflitos e novas contradições.

Segue-se a revolução *econômica e social*. Ela já tinha iniciado no século XVIII e foi apressada pela revolução francesa na Europa Ocidental. Tinha acontecido o desmoronamento da antiga sociedade aristocrática. Esta, “aceitava como de direito divino a desigualdade das condições de vida baseada no nascimento e obedecia mais a um código de conduta, em que a honra tinha precedência sobre o dinheiro”¹³. Crescia aí uma sociedade burguesa que levada tanto pelo progresso do comércio, quanto pelo desenvolvimento das ideias liberais, conhecia apenas a hierarquia do dinheiro e das funções públicas. Sem uma postura autêntica aos poucos a Igreja foi perdendo cada vez mais seu poder de influência em todas as esferas da sociedade.

Na esteira desta primeira revolução social, subia no século XIX uma segunda onda, ainda mais poderosa. Nascida da *revolução industrial*, em seus inícios ela colaborou para a decadência da aristocracia rural e preparou a dissolução da estrutura nas aldeias onde as Igrejas tinham implantado suas organizações por meio de um trabalho de longos anos. Em alguns lugares já despontava a existência de uma classe operária embora sem bases, sem esperança e destinada a uma existência desumana. Difícil era saber até que ponto as Igrejas iriam dar-se conta da novidade revolucionária deste fenômeno e conseguir adaptar suas estruturas e seus métodos tradicionais. Esta revolução econômica e social que transformava a sociedade ocidental iria ter também grandes consequências no plano mundial: levada por seu ímpeto, a Europa influenciou também as outras partes do mundo. Este desequilíbrio iria se desdobrar por meio de um *impulso expansionista* no qual pouco a pouco se estabelecia por todo o mundo o reino do branco: explorador, negociante, missionário, plantador, mineiro, conquistador, administrador.

E finalmente, a *revolução intelectual*. “depois da Reforma protestante, a Igreja nunca sofrera uma deserção tão maciça. E esta nova defecção foi consequência de uma outra alienação bem mais grave”¹⁴. Os protestantes combateram a Igreja romana por desejarem um cristianismo purificado. Havia entre eles e os católicos certo número de crenças em comum.

¹³ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 210.

¹⁴ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 211.

Sua ação contribuiu de alguma forma para que houvesse um aprofundamento do pensamento católico e uma autoavaliação de sua disciplina. Mas a ideologia revolucionária do século XVIII atacou as próprias bases do cristianismo. Ainda no cenário do século XIX pode-se ver uma Igreja em conflito com o mundo. Na Itália, de modo especial este conflito esteve presente no campo político e ideológico pela presença dos Estados pontifícios¹⁵, assim como na luta trono e altar. Aqui quer se destacar especialmente a corrente conhecida como “*Josefismo*”, cujo nome está ligado a José II (1741-1790), rei da Áustria, já que a vigência das leis impostas por ele atinge a vida de Teresa Verzeri¹⁶.

José II tomou o poder nas próprias mãos em 1780. Era um homem solitário, completamente mal humorado e de saúde frágil. Ele continuou com a política de sua mãe cuja centralidade era a subordinação da igreja nacional ao Estado. Um de seus primeiros ataques foi feito aos conventos. Ele proibiu todo intercâmbio das comunidades religiosas com seus superiores que viviam fora da Áustria. Em 1783 suprimiu todos os mosteiros contemplativos, pois segundo ele não tinham nenhuma serventia. Assim desapareceram dos domínios hereditários austríacos uma série de ordens religiosas masculinas e femininas, entre elas os carmelitas, clarissas e beneditinos. José II permitiu que continuassem exercendo serviços “úteis”, segundo ele, apenas um número bem reduzido de religiosos, atuando nas pastorais, escolas e hospitais.¹⁷.

Mas à diferença de outros monarcas que tiveram atitudes semelhantes, José II não ficou com os bens confiscados nem em proveito próprio nem para o Estado. Em vez disso criou o que chamou de “caixa da religião”, cuja destinação dos recursos era para a Igreja e para a religião. Essa organização permitiu ao modo do imperador, a criação de novas paróquias, a construção de novas igrejas e o aumento do salário dos sacerdotes.

¹⁵ Os Estados Papais, Estados Pontifícios, Estados da Igreja ou Patrimônio de São Pedro, eram formados por um aglomerado de territórios, basicamente no centro da [península Itálica](#), que se mantiveram como um estado independente entre os anos de [756](#) e [1870](#), sob a direta autoridade civil dos [Papais](#), e cuja capital era [Roma](#). (cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Pontifícios. Acesso em 24 de agosto de 2013).

¹⁶ De acordo com a obra acima citada, a política conhecida como *josefismo* não foi invenção do imperador José II, embora tenha o seu nome. Ela encontra suas raízes mais profundas naquelas instituídas por sua mãe, a imperatriz Maria Teresa. Ainda de acordo com esta obra, foi ela quem criou leis e decretos que ordenavam a supressão de mosteiros e a subtração das escolas à jurisdição das Ordens. Maria Teresa se destacou ainda como reformadora sistemática da jurisdição das finanças e do ensino, bem como nas intervenções nos negócios da Igreja, muito tempo antes da co-regência de José II. Em 1750 criou uma comissão governamental para fiscalizar a administração financeira de todas as instituições eclesásticas, inclusive dos mosteiros. Outra medida de Maria Teresa que diz respeito sua intervenção na organização da vida religiosa, foi a promulgação do decreto de 1770 que proibia que se fizesse os votos solenes antes dos 24 anos completos de idade.

¹⁷ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 121.

O Papa Pio VI tentou evitar algumas das medidas drásticas tomadas pelo referido imperador, entre elas a supressão dos conventos. Na primavera de 1782 chegou a ir pessoalmente a Viena a fim de conversar com ele e convencê-lo a mudar de atitude, mas não conseguiu nenhuma concessão. Também o imperador esteve em Roma para dialogar com o Papa, mas os assuntos tocavam outras questões como, por exemplo, algumas reformas no uso dos objetos sacros e em alguns ritos do culto. Para ele a Igreja era uma entidade como outra qualquer, dessa forma procurou extinguir tudo que pudesse impedir a criação do Estado moderno. Sendo assim, a Igreja Nacional não podia mais depender de Roma, mas do rei e os bispos foram obrigados a prestar juramento a ele¹⁸.

José II iniciou seu governo com uma viagem pelos Países Baixos para prosseguir por aí seu domínio. Em 1781 determinou que os bispos e os funcionários da justiça dessem completa liberdade de religião aos não católicos, bem como a assistência aos casamentos mistos, ou seja, de católicos com protestantes. Sua atitude causou em várias pessoas muita irritação e uma resistência passiva. Os decretos adotados na Áustria para a supressão dos mosteiros contemplativos passaram a vigorar também nos Países Baixos austríacos. A reação do bispado e dos Estados do Brabante¹⁹ contra essa medida fez com que o imperador tivesse uma atitude ainda mais rígida mandando fechar mais de cento e cinquenta conventos, na sua maioria femininos. Os bens adquiridos com todos esses fechamentos também foram depositados na já mencionada “caixa da religião”²⁰.

Houve ainda a criação de seminários, um geral em Lovaina e um pró-seminário em Luxemburgo. Dessa forma todos os seminários diocesanos foram suprimidos. As reações foram muitas contra a atitude do imperador. Vários estudantes se manifestaram e também o povo, especialmente de Brabante, se insurgiu contra as medidas que violavam muitas de suas leis. À reação do povo aconteceram vários fechamentos e reabertura de seminários o que foi agravado com as várias revoluções que iam explodindo, entre elas a revolução francesa que explodindo também na França em julho de 1789, contaminou os Países Baixos austríacos.

¹⁸ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 427.

¹⁹ Brabante é uma região situada entre a atual Bélgica e os Países Baixos, que pertencia ao condado de Brabante. A origem do nome crê-se estar ligada à lenda de Silvius Brabo, mítico soldado romano. (cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brabante>. Acesso em 13 de jul. 2013).

²⁰ ROGIER, L. J; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 123.

Com a finalidade de apaziguar as novas perturbações, foi declarada facultativa à frequência ao seminário geral em agosto de 1789 e permitida a reabertura dos seminários diocesanos. Passados dois meses, o seminário de Lovaina foi suspenso. Durante esse período explodiu a chamada revolução brabantona que tinha duas alas opostas, a conservadora que desejava o retorno à constituição de antes de José II, e a democrática, que apoiava a revolução francesa. Essa revolução acabou desencadeando uma revolução civil e José II, que há tempo padecia de uma infecção torácica, morreu durante essa guerra no dia 20 de fevereiro de 1790. “A intervenção de uma aliança tríplice, entre a Inglaterra, a Prússia e as Províncias Unidas, mais a atitude conciliadora do novo soberano, o imperador Leopoldo II, puseram termo à revolução”²¹. Este último, bem como os demais sucessores de José II, continuaram com sua política, para seguir dominando de alguma forma a Igreja. As *leis josefinas* vigoraram em todo território austríaco, portanto também, nos diferentes Estados italianos que estavam sob seu controle. Mas não foi somente a Áustria que tentou submeter a Igreja ao seu poder. Na verdade todas as grandes potências mundiais assim o tentaram ao longo da história. A situação de domínio e abuso de poder só teve um novo rumo depois de 1820. Muitas concordatas foram feitas e aquela concluída em 1855 entre Roma e o imperador Francisco José, que era sobrinho de José II, teve ainda de ceder ao soberano da monarquia do Danúbio, direitos que eram restos do antigo sistema. Também neste último imperador ainda existia muita arrogância de herança josefista para com o Papa, prova disso a interferência que ele fez na eleição papal de 1903, usando seu direito de veto²².

Do século XIX duas encíclicas se tornaram especialmente famosas por revelarem o conflito existente: a “*Mirari Vos*” (1832) de Gregório XVI que pretendia combater qualquer opinião a favor da liberdade absoluta frente à autoridade²³; e a “*Quanta Cura*” acompanhada pelo famoso “*Syllabus errorum*” (1864) de Pio IX, que condenava as ideologias do panteísmo, naturalismo, racionalismo, socialismo, e várias outras formas de liberalismo religioso, entre outros, tidos por incompatíveis com a religião católica²⁴.

²¹ ROGIER, L. J; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 124.

²² ROGIER, L. J; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 124.

²³ ROGIER, L. J; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 334.

²⁴ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 519.

1.2 O contexto espiritual

Na primeira metade do século XIX a espiritualidade é fortemente influenciada pelo Iluminismo e pelo Jansenismo. Este último foi um movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos. Desenvolveu-se principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII. Teve seu impulso inicial com o holandês Cornélio Jansênio (1585-1636) de onde deriva o nome do movimento²⁵. Jansênio foi professor de teologia em Lovaina e bispo de Ypres, na França. Ele desejava interpretar a doutrina da Igreja sobre a Graça, baseando-se em Santo Agostinho, sobre quem escreveu sua principal obra: “Augustinus”²⁶. Esta obra que já estava condenada por Roma, tratava a respeito da corrupção geral da natureza humana e da não resistência da graça. Apesar da proibição, o livro encontrou leitores entusiásticos que quiseram levar adiante as ideias nele contidas que viram na censura um golpe contra a própria doutrina de Santo Agostinho, por isso na pessoa de Jansênio, quiseram defender o grande doutor de Hipona.

Jansênio era um homem reto e de sólida espiritualidade. Ele não tencionava se afastar da Igreja, tanto que quando seu livro foi condenado, retratou-se. Contudo, seus discípulos levaram ao extremo suas ideias fazendo surgir das mesmas uma prática provavelmente nunca imaginada por ele. Por outro lado surgiram também adversários do partido jansenista sendo os principais, os *jesuítas*, que por sua vez eram acusados pelos “discípulos de Santo Agostinho” de semipelagianismo²⁷ na doutrina da graça e de laxismo na moral.

O choque entre os jansenistas e jesuítas era inevitável, pois havia discordância em muitas questões e entre elas, a frequência aos santos Sacramentos. Estes eram recomendados e propagados pelos jesuítas e por outro lado combatidos pelos jansenistas. A corrente jansenista teve na pessoa da abadessa Angélica Arnauld²⁸, um dos grandes expoentes. Ela publicou em 1643 uma obra chamada “*De la frequente communion*”, na qual expunha os princípios

²⁵ Cf. <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 09 de jun. de 2013.

²⁶ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 324.

²⁷ Teoria teológica cristã que trata principalmente sobre a salvação. Ensina basicamente que o ser humano é salvo exclusivamente por Deus mediante a graça. Mas esta salvação partiria somente da iniciativa da boa vontade no coração humano para com Deus. Ou seja, o ser humano precisa dar o primeiro passo em relação a Deus e então Deus irá completar o processo de salvação nele (cf. <http://pt.wikipedia.org>). Acesso em 11 de jun. 2013.

²⁸ Religiosa do severo mosteiro cisterciense de Port-Royal em Paris e irmã do célebre doutor da Sorbona, Antonio Arnauld, que era também sacerdote e teólogo (cf. BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 324).

jansenistas a respeito. “Partindo de uma concepção rigorista da graça e da penitência e apelando para a disciplina penitencial da Igreja antiga, Arnauld punha condições muito severas para poder receber a absolvição e a comunhão”²⁹. As ideias jansenistas encontraram ampla acolhida e vários grupos lhe fizeram adesão, inclusive o parlamento de Paris. Diante disso 88 bispos, também exortados por S. Vicente de Paulo, solicitaram uma posição por parte da Santa Sé a respeito das cinco proposições contidas no “Agostinus” que já tinham sido apresentadas ao exame da faculdade teológica de Paris. Após longas conversações, essas cinco proposições foram condenadas como heréticas por *Inocência XI* na bula “Cum occasione”, de 31 de maio de 1653.

Houve durante um longo período muitas discussões entre os que defendiam as ideias jansenistas e os que eram contra. Mesmo com o rigorismo e a condenação da Igreja, ele teve ainda grande influência ao longo da história. Espalhou-se por vários países e pode se dizer que ainda hoje é possível encontrar ranços de sua existência. Com o passar do tempo porém, sua força tanto de doutrina como de partido começou a diminuir a partir de outra visão que a Igreja foi adquirindo. Seu grande enfraquecimento se deu apenas na primeira metade do século XIX³⁰.

Como reação ao Jansenismo, três grandes devoções se destacaram na segunda metade do século XIX: a devoção eucarística, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a devoção mariana. A primeira, incentiva a comunhão frequente e o culto à Eucaristia. O sacerdote José Benedito Cottolengo introduz a prática da comunhão diária para suas religiosas enfermeiras de Turim e toda manhã a distribui às crianças e enfermos que o desejarem. Em Milão muitos fiéis comungavam durante as missas semanais. A publicação de obras sobre o assunto como o livro do abbé Gerbet³¹ “Considerações sobre o dogma gerador da piedade católica” (1829) na França, também vão dando novos esclarecimentos e gerando uma nova compreensão e atitude. Enfim “a piedade eucarística beneficia sob novas formas de iniciativas como a de Dom Miollis, que, em 1837, introduziu em Marselha a adoração perpétua”³². Em 1881 foi realizado o primeiro congresso eucarístico internacional que abriu novos horizontes na compreensão e acolhida da santa eucaristia. Aconteceu na cidade de Lille na França cujo tema

²⁹ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 325.

³⁰ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 328.

³¹ Olympe Philippe Gerbet (1798-1864) clérigo, escritor e jornalista francês, bispo de Perpignan, na França de 1854 a 1864. (cf. http://fr.wikipedia.org/wiki/Philippe_Gerbet. Acesso em 13 de jul. 2013).

³² BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 356.

era: “a eucaristia salva o mundo”. Este congresso apostava numa renovada fé em Jesus Cristo presente na Eucaristia como meio para combater a ignorância e a indiferença religiosa³³.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus toma um novo vigor, sendo que em 1856 a festa litúrgica do Sagrado Coração de Jesus se estende a toda a Igreja e em 1864 Santa Margarida Maria Alacoque, a mais conhecida vidente do Sagrado Coração, é beatificada³⁴. Ainda neste século teve início a prática devocional da primeira sexta feira e a consagração de cidades e nações ao Sagrado Coração de Jesus promovida por Pio IX. Muitas congregações fundadas nos primeiros decênios do século XIX colocaram-se sob a proteção do Sagrado Coração de Jesus ou do Coração Imaculado de Maria, quando não de ambos. Quando Teresa Verzeri e o cônego Giuseppe Benaglio fundaram a Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, tiveram a inspiração de ajudar as pessoas a se aproximarem do Coração de Jesus que é rico em misericórdia e compaixão para com todas as pessoas. Dessa forma estavam também colaborando para combater os rastros negativos fortemente herdados do Jansenismo e de outras correntes afins.

A devoção mariana também ganha destaque, sobretudo após inúmeras revelações. Foram muitas as congregações religiosas masculinas e principalmente femininas, que se colocaram sob a invocação de Maria.³⁵ Houve grandes manifestações no sentido de comemorar todos os episódios da vida de Maria, desde sua Natividade até a Assunção. Dentre os seus privilégios, sua Imaculada Conceição era objeto de um favor particular e várias foram as fundações que adotaram esse título. Dois fatos contribuíram para a popularização da devoção mariana. O primeiro foi o aparecimento da Santíssima Virgem em 1830 a uma noviça das Filhas da Caridade, Ir. Catherine Labouré, na capela da casa mãe em Paris. Desse fato se originou a forte corrente de piedade que se consolidou na devoção da medalha milagrosa e nas Associações das Filhas de Maria. O segundo fato foi a fundação da Irmandade do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria em 1837 pelo “abbé” Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias também em Paris. Essa ampla divulgação e adesão à devoção mariana contribuiu para que se espalhasse o seu culto. Dessa forma em pouco tempo

³³ Cf. <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 11 de junho de 2013.

³⁴ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Margarida_Maria_Alacoque. Acesso em 11 de junho de 2013.

³⁵ ROGIER, L. J; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 357. Em nota os autores dessa obra dizem que E. Bergh, que publicou um trabalho sobre as congregações femininas do século XIX, contou aproximadamente 700 congregações dedicadas a Maria para os 150 anos que seu estudo abrange. Pelo menos um terço destas sociedades, e, provavelmente até mais, surgiram na primeira metade do século XIX.

podia se contar mais de cem mil membros nas diferentes organizações espalhadas em todas as partes do mundo católico. Maria recebeu de Pio IX em 1854, o título de Imaculada Conceição, que foi também proclamado dogma da Igreja³⁶.

1.3 Contexto do Império Lombardo-Vêneto

A Revolução Francesa, que assumiu uma atitude anticlerical e antirreligiosa, foi condenada pelo Papa Pio VI, ainda em 1791³⁷. Depois da morte de Pio VI, quando Roma estava ocupada pelos franceses, se deu em Veneza, no mosteiro de São Jorge, a eleição do novo Papa, o cardeal Chiaramonti da ordem beneditina, que era bispo de Ímola. Este foi eleito depois de um conclave que durou três meses e meio e assumiu o nome de Pio VII (1800-1823)³⁸.

Na região que ficou conhecida mais tarde como Lombardo-Vêneto austríaco, Napoleão Bonaparte fundou uma república, da qual nascerá a República Italiana em 1802 e que na fase monárquica de seu regime, será o reino da Itália. Nos anos de 1798-1799, a Igreja era acusada de excessiva riqueza e vários de seus bens foram confiscados. Napoleão invadiu as terras do Estado Pontifício e o Papa foi obrigado a ceder, além de Avinhão, o condado de Venaisin, entre outros. Teve ainda que entregar numerosos tesouros artísticos e preciosos manuscritos, bem como a quantia de 20 milhões de francos.

Quando Napoleão teve o domínio absoluto sobre a França e instaurou um regime de caráter pessoal, a Revolução retrocedeu no seu ataque direto à Igreja e como precisava consolidar seu poder, Napoleão procurou uma relação pacífica entre os católicos italianos e franceses. Ao assumir a religião Católica como sua religião o Estado arrogou-se o direito de controlá-la. Assim, nomeava bispos, controlava as Congregações religiosas e exercia domínio sobre a instrução. Em 15 de julho de 1801 foi estabelecido o que se chamou de *concordata francesa*. Esta pôs novamente “a Igreja na França sobre o fundamento legal que embora se afastasse muito da precedente posição de privilégio, permaneceu em vigor até a separação do Estado e da Igreja em 1805”³⁹. Esta concordata, pelo modo como se adequava ao estado

³⁶ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 357.

³⁷ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 428

³⁸ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 432-433.

³⁹ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 434.

moderno serviu de modelo para outras que foram estabelecidas no século XIX. Mas as vantagens que a Igreja conseguiu obter com a concordata não impediram que Napoleão continuasse impondo seu domínio. Assim, contrariando os acordos estabelecidos ele nomeou dez bispos institucionais e, além disso, mandou redigir secretamente *77 artigos orgânicos*, que mandou publicar como lei de estado na festa da Páscoa no dia 18 de abril de 1802, juntamente com a concordata, como se fizessem parte dela e se fundamentasse também sobre um acordo com Roma. No entanto estes artigos frequentemente contrastavam com o que tinha sido estabelecido na concordata e mesmo com os princípios do direito canônico. O papa protestou declarando inaceitáveis 21 dos artigos orgânicos, mas Napoleão não lhe deu ouvidos. Entre outras coisas, nos artigos orgânicos todos os decretos do papa e dos sínodos estrangeiros eram subordinados ao placet estatal, os artigos galicanos de 1682 eram declarados obrigatórios para os docentes do seminário. Além disso, admitia-se um único catecismo aprovado pelo governo e se proibia a convocação de sínodos bem como a permanência de legados pontifícios na França sem a permissão do governo. Em 1803 foi feita uma concordata para a “República Italiana” – que compreendia a Lombardia e as três legações setentrionais do Estado Pontifício – semelhante àquela francesa. Mas também essa não escapou aos acréscimos de artigos arbitrários feitos por Napoleão, ainda que este tenha feito o acordo junto com a Santa Sé⁴⁰.

O controle do Estado sobre a Igreja era tal que em junho de 1811, Napoleão convocou por conta própria um concílio nacional de bispos dos territórios sujeitos ao domínio francês que se reuniram em Paris, sob a presidência de seu tio, o cardeal Fesch, arcebispo de Lião. Este concílio decretou numa sessão suplementar e sob a pressão do governo, “que caso o papa não concedesse dentro de seis meses a instituição canônica aos candidatos apresentados, competiria aos metropolitas o direito de ratificar tais nomeações”⁴¹. Uma comissão de cinco cardeais foi enviada a Savona para resolver essa questão junto ao papa que deu um “breve de aprovação” no dia 20 de setembro de 1811; Pio VII, no entanto colocou como condição que a instituição dos bispos fosse em nome do papa. Não se contentando com isso Napoleão suspendeu a concordata de 1801 e dissolveu o concílio.

Houve ainda muitos conflitos entre o ditador imperador e a Igreja. O papa ficou exilado por um bom tempo e sua saúde foi ficando sempre mais fragilizada. Napoleão se aproveitava

⁴⁰ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 435.

⁴¹ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 438.

também disso para continuar ditando suas normas. Mas Pio VII conseguiu reunir junto a si novamente os cardeais. Livre da ditadura napoleônica estava, no entanto perturbado na consciência, principalmente pela renúncia indireta ao Estado Pontifício. Por isso, num escrito por ele assinado de 23 de março de 1813 ele retirou as concessões feitas e convidou o imperador a iniciar novas conversações. Isso, porém não precisou ser feito, pois o império de Napoleão já começava a decair.

A libertação de Pio VII se deu, contudo, apenas em março de 1814, em Savona para onde ele tinha sido reconduzido. Em 24 de maio do mesmo ano ele retornou à Roma entre as manifestações de júbilo do povo. **Napoleão, vencido pelas potências coligadas, foi obrigado a assinar em 11 de abril de 1814, a sua abdicação.** Depois do Congresso de Viena ocorrido nos anos de 1814-1815, caiu o império napoleônico e se iniciou na Itália, o segundo período do século XIX: **a restauração.**⁴² Há na Península itálica o desejo de unificação, mas infelizmente não foi possível restituir a paz interna à Itália no modo em que se desejava. A restauração política efetuada à sombra dos princípios do legitimismo, do absolutismo e muito frequentemente também do egoísmo dinástico, não foi adequada às exigências dos novos tempos. Restauradas as monarquias absolutas no reino unificado das duas sicílias, no Piemonte-Sardenha, aumentado com Gênova, nos estados menores de Toscana, Módena e Parma, a Península foi posta à mercê da Áustria mediante a criação do reino Lombardo-Vêneto a ela sujeito. Em 1848 estabeleceu-se em Turim uma Monarquia Constitucional, que será o embrião da Nova Itália.

Pio VII reconstituiu a ordem dos jesuítas que foi um valioso apoio ao papado em 1814. Foram também muito importantes as concordatas e as convenções estipuladas com a França e a Baviera em 1817, com a Rússia para a Polônia em 1818, com a Prússia e os estados alemães meridionais em 1821, visando a ordenação na situação eclesiástica naqueles países. Estas convenções estreitadas entre os máximos poderes da Igreja e do Estado foram de alguma forma consideradas como uma vitória frente às tendências revolucionárias. O papado ganhou com isso também uma nova reputação depois de longos anos de lutas e descrenças⁴³.

Os sucessores imediatos de Pio VII deram continuidade à sua luta para vencer as dificuldades na batalha muitas vezes violentas, para a renovação da Itália. Seu sucessor imediato foi *Leão XII* (1823-1829) que tinha sido antes núncio na Alemanha e cujo nome era

⁴² BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 439.

⁴³ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 440.

Aníbal de Genga. Ele foi “eleito com os sinais de oposição à política conciliadora e reformista do pontificado precedente, prosseguiu, antes de tudo, na reorganização da Igreja em diversos países, conduzindo-a de certo modo a termo”⁴⁴.

Em seguida Pio VIII (1829-1830) assumiu o pontificado. Da família dos Castiglioni, era um homem de boa vontade. Teve um pontificado de duração muito curta, apenas vinte meses e essa pode ter sido uma das razões pela quais não conseguiu desenvolver atividades mais significativas. Durante o seu pontificado aconteceu a emancipação dos católicos da Inglaterra e a revolução de julho em Paris. Teve intervenção eficaz na discussão prussiana sobre os matrimônios mistos⁴⁵.

Depois, assumiu o papado Gregório XVI (1831-1846). Antes, cardeal Mauro Cappellari, integrante da Ordem dos camaldulenses. Tinha uma boa formação teológica e canonística, levava uma vida simples e retirada, com tendências rigorosamente eclesiástica e com pouca experiência na dimensão política⁴⁶.

No entanto, não obstante os muitos conflitos existentes durante o seu pontificado e entre eles a luta pela unificação da Itália, Gregório XVI defendeu com firmeza e com sucesso a liberdade da Igreja contra o absolutismo estatal na Prússia e na Rússia. Afrontou ainda o indiferentismo e o espírito liberal do tempo com a já mencionada encíclica *Mirari vos*, de agosto de 1832. Condenou também os erros de Lamennais, Bautain e Hermes. Favoreceu bastante à arte e as ciências e dedicou grande atenção às missões. Seu pontificado foi fecundo de iniciativas no governo da Igreja universal e no campo religioso⁴⁷.

Entre as muitas contribuições que Gregório XVI deu à Igreja destaca-se seu zelo e apoio à dimensão missionária tendo como uma das atenções a consolidação da congregação “De Propaganda Fidei”, criada por Leão XV em 1622 e mantida por todos os seus sucessores.

⁴⁴ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 452.

⁴⁵ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 452. Matrimônios mistos: aqueles nos quais os cônjuges pertenciam a religiões diferentes e com isso se dificultava a educação de seus filhos no tocante a iniciação cristã. Na Prússia havia uma posição do Estado que favorecia aos protestantes dizendo que a criança nascida dessa união deveria ser educada na religião do pai. Pio VIII num documento de 25 de março de 1830 – *Literis altero abhinc anno* – decidiu que em caso de casamentos mistos feitos sem a garantia de educação católica para os filhos, os sacerdotes católicos deveriam prestar somente assistência passiva (cf op. cit. p. 461).

⁴⁶ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 453-454.

⁴⁷ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 454-455.

“Foi por sua vontade expressa que muitas congregações acrescentaram o trabalho missionário às finalidades originais de seus fundadores”⁴⁸.

O Estado Pontifício estava à orla da revolução quando Pio IX (1846-1878)⁴⁹, originário da família dos condes *Mastai-Ferretti*, antes bispo de Ímola e desde 1840 cardeal, foi nomeado Papa, depois de um conclave de dois dias. Ele era motivo de esperança dos liberais italianos por suas ideias inovadoras. Havia o anseio de que a partir da pessoa do Papa acontecesse a unificação italiana. Diante da situação do povo e da própria Igreja havia o forte desejo de uma maior liberdade e de uma reorganização política, em suma, de uma grande renovação. Durante seu pontificado foi dada a anistia a numerosos prisioneiros políticos e suavizada a censura. Roma recebeu uma constituição comunal civil, foi aberto aos leigos o acesso a diversos ministérios e finalmente, no dia 14 de março de 1848 foi proclamado um estatuto com duas câmaras, uma das quais seria nomeada pelo papa e outra pelo povo; as duas deveriam estar subordinadas ao colégio cardinalício, na qualidade de senado.

No entanto muitas das esperanças depositadas na pessoa do papa e no que ele poderia fazer frente a situação de então, foram pouco a pouco diminuindo. Não se podia negar a sensibilidade de Pio IX à aspiração nacional e também seu desejo de não ver a Itália presa às correntes extremistas. Por esse motivo, mesmo com certa dúvida, ele acatou “o parecer de alguns moderados, que esperavam poder restringir o influxo austríaco na Itália, mediante uma maior união entre os estados italianos, que teria devido depois ter o seu peso por ocasião de uma revisão da carta da Europa”⁵⁰. Para esta finalidade Pio IX deu prosseguimento para que se formasse uma liga fiscalizadora e uma liga defensiva entre os estados italianos.

No entanto os acontecimentos que se precipitaram rapidamente no ano das revoluções de 1848 superaram rapidamente os planos do papa⁵¹. Os conflitos se avolumaram de tal modo

⁴⁸ ROGIER, L. J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*. Século das luzes, Revoluções, Restaurações, p. 366.

⁴⁹ Na história da congregação das FSCJ, Pio IX aparece como aquele que aprovou as suas Constituições, com o decreto de 13 de novembro de 1847.

⁵⁰ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 456.

⁵¹ Com a expansão dos movimentos revolucionários havia o perigo de fechamento das instituições religiosas de caridade e educativas. Neste contexto acontece um fato significativo e marcante na vida de Teresa Verzeri e suas coirmãs: para defender o Instituto elas colocam à disposição parte da casa de Brescia e Darfo com o objetivo de atender os soldados feridos na guerra e se dispõem a acolher órfãos e crianças abandonadas, vítimas da guerra. Numa de suas cartas a uma das Irmãs, Verzeri diz: “temos em casa 33 militares doentes...;

que não foi possível um acordo entre as forças estatais e as eclesiásticas. Apesar das várias tentativas de diálogo chegou-se à conclusão de que não deu grandes resultados uma dupla intervenção do papa junto ao imperador austríaco em favor das aspirações nacionais e da paz⁵².

As correntes extremistas se aproveitaram largamente da situação para engrossar as fileiras de quem considerava o papa um “traidor”; logo, o Estado pontifício foi alvo de tumultos, que o governo, presidido pelo liberal Terêncio Mamiani, não conseguiu conter. “Pio IX assediado e ameaçado pela plebe no palácio do Quirinal, depois de vários dias de hesitação, salvou a sua liberdade fugindo camuflado para Gaeta no Reino de Nápoles” em 24 de novembro de 1848⁵³.

Em Roma foi realizada uma assembleia constituinte que declarou decaído o poder temporal e proclamou a República em 09 de fevereiro de 1849; foi constituído um triunvirato como chefe de governo com a seguinte composição: Mazzini, Saffi e Armellini. O papa pediu ajuda às potências europeias e depois de duras lutas as tropas francesas ocuparam Roma em julho de 1849 e recuperaram a soberania papal. Pio IX voltou à capital italiana apenas em abril de 1850, com a preocupação de atenuar as feridas que a revolução tinha feito à sua terra⁵⁴.

O antigo regime absolutista foi renovado substancialmente e foi deixada aos leigos uma boa parte da administração provincial e comunal. Uma guarnição francesa permaneceu em Roma para proteção do papa de 1849 a 1870. As legações setentrionais permaneceram ocupadas pelos austríacos até 1859, que tinham vencido Carlos Alberto; este abdicou em favor do filho Vitória Emanuel II” que permaneceu no comando da nação de 1849 até 1878.

Como as revoluções patrióticas de 1848 não trouxeram os resultados esperados, a Áustria reconquistou seu espaço e consolidou seu domínio sobre a Itália. A unificação italiana

não te sei dizer que jovens bons são esses... ontem se confessaram e hoje comungaram de maneira tal a nos comover” (cf. VERZERI, T. E. *Lettere alle FSCJ*, fascículo 26, nº 37, 03.04.1848).

⁵² BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 456.

⁵³ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 457.

⁵⁴ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 457.

aconteceu somente em 1870, com a entrada triunfal do governo italiano em Roma que foi proclamada em 1871, capital da nova Itália unificada⁵⁵.

Um acontecimento marcante em âmbito de Igreja, ainda no século XIX e sob o pontificado de Pio IX, foi a realização do vigésimo concílio ecumênico, o Vaticano I, que aconteceu nos anos de 1869 a 1870. Esse concílio tinha como finalidade principal “reunir todo o mundo católico numa poderosa manifestação da verdade em contraposição aos erros do tempo, e adequar em numerosos pontos a disciplina eclesiástica às transformadas condições dos tempos”⁵⁶. Contudo o tema que ganhou grandes proporções foi aquele do dogma da *infalibilidade papal*, questão sobre a qual se gerou muitos conflitos tanto dentro como fora do concílio⁵⁷.

Os últimos anos de vida de Pio IX foram cheios de preocupações e apreensões: hostilidade e abusos da parte do governo italiano, o cisma dos velhos católicos, o predomínio do liberalismo em diversos países, entre outros. Em muitos e enérgicos discursos, “o idoso pontífice defendeu com calor os direitos da Igreja. Depois de um papado de 31 anos e 7 meses, o mais longo que a história da Igreja registra até hoje, ele morreu cercado pelo afeto e veneração inalterados dos fiéis, com a idade de 87 anos, em 7 de fevereiro de 1878”⁵⁸.

Esse foi sem dúvida um século de grandes acontecimentos no seio da Igreja. Esta, ao mesmo tempo em que se sentiu desafiada a grandes mudanças, também pode consolidar muitos de seus princípios e valores. Para a Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, fundada neste século, como se verá a seguir, as provas e desafios, portanto, eram inevitáveis.

⁵⁵ Cf. http://www.suapesquisa.com/historia/unificacao_da_italia.htm. Acesso em 15 jun. 2013.

⁵⁶ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 520.

⁵⁷ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 521.

⁵⁸ BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H. *História da Igreja*, vol. 3, p. 519.

1.4 Teresa Verzeri

Teresa Verzeri nasceu no dia 31 de julho de 1801 em Bérghamo, Itália, pequena cidade provinciana. Viveu num período histórico da Igreja e da sociedade bastante atormentado. Teresa era filha de pais cristãos que a educaram dentro da tradição católica. Seu pai, de antiga nobreza, chamava-se Antonio, e sua mãe, Elena Pedroca Grumelli.

A vida e a obra de Teresa Verzeri foram marcadas pelos acontecimentos que sucederam à Revolução Francesa (1789-1799) e aqueles das primeiras décadas do século XIX. Da França chegavam ideias geradoras de profundas transformações na consciência popular. Com o espírito democrático que favoreceu a unidade nacional, se difundiu também um clima contrário aos valores cristãos. Com ideias audazes e sedutoras dos diferentes pensadores, entraram na Itália também os ideais jansenistas que expressavam um forte rigorismo em questão de moral e sobretudo na dimensão pedagógica através de Port Royal onde predominava uma pedagogia baseada numa teologia rigorista, revelando ao mesmo tempo um zelo severo que muito se distanciavam da prática de Jesus de Nazaré.

Era vigário geral da diocese de Bérghamo, Monsenhor Giuseppe Benaglio. Ele mostrava-se preocupado com a situação da sociedade, particularmente com a juventude e com as crianças pobres que não tinham assistência do Estado, como era o seu dever. Benaglio via, portanto, a necessidade de que pessoas mais instruídas se ocupassem com a formação, orientação e educação das crianças e jovens. Ponderou por isso, o bem que poderia fazer uma congregação religiosa, que diferente daquelas existentes na cidade, pudesse se inserir na realidade tornando-se um referencial que mostrasse outros traços do rosto de Deus.

Giuseppe Benaglio encontrou em um grupo de jovens que ele orientava espiritualmente, respostas do que buscava para empreender essa aventura histórica. Dentre essas encontrava-se Verzeri que estava em processo de discernimento vocacional. Na busca de fazer a vontade de Deus, ela enfrentou sérias dificuldades para perceber qual era mesmo o seu caminho na vida consagrada: vida de clausura? Vida apostólica? Na procura de uma resposta entrou na Congregação das Irmãs Beneditinas, no mosteiro de Santa Grata, existente em Bérghamo até os dias de hoje. Na luta para vencer suas inconstâncias, sendo que sérias dúvidas permaneciam, com a ajuda de Monsenhor Benaglio, aos poucos Verzeri viu acender-se uma luz.

Das entradas e saídas do claustro uma certeza ficou na vida desta jovem, quando de sua terceira e última saída: ali não era o seu lugar. Tinha forte e teimoso desejo de se consagrar a

Deus, porém num outro estilo de vida. Neste empreendimento Verzeri não esteve só, além da guia de seu orientador, ela contava com o apoio de quatro companheiras que com ela iniciarão finalmente a congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, no dia 08 de fevereiro de 1831.

Na busca da vontade de Deus Verzeri vivenciou momentos duros de sua ausência e de não compreensão do seu ser. Numa carta a D. Luigi Bianchini, um de seus confessores, ela afirma que não tem nenhum conceito de Deus ou mesmo algum sentimento preciso sobre ele, mas certo conhecimento da impotência para conhecê-lo. Diz ainda que uma ideia assim abstrata e obscura de Deus lhe é tão imperceptível que não pode expressar com palavras, o que a faz recusar qualquer ideia precisa e formal dele. Continuando com suas palavras:

Aquilo que digo de Deus, também se dá com as coisas que a ele se referem: eu não posso ver nem o bem nem o mal com aquela facilidade com que outros veem, mas procuro não julgar nada, dizendo a mim mesma: quem sabe como será diante de Deus! Em tudo o que vejo e conheço não sei ver e conhecer verdadeiramente Deus, mas um pequeníssimo raio da sua perfeição divina que se adaptou à nossa pobreza (...).⁵⁹

Verzeri fala ainda de sua aridez, de como essa presença divina vai se configurando em sua vida. Mas isso não a impede de lutar pela causa que abraça. Mesmo enfrentando muitas dificuldades trilha um longo caminho de aproximação e aprendizado do que seja o amor de Deus entre as muitas experiências do sofrimento humano. Expressando grande confiança no Coração de Jesus ela recomenda e lembra as Irmãs que nele podem encontrar tudo que desejam. Apenas é necessário entregar-se a ele com abandono filial. E insiste para que se imite o Sagrado Coração de Jesus Cristo no amor que ele tem pelo Pai e no amor que ele tem para com as pessoas, praticando uma imensa caridade para com o próximo⁶⁰.

É por viver esse amor e por querer colocá-lo em prática num serviço concreto, que Verzeri se torna incansável na luta por reconhecer o caráter jurídico de sua obra e também no apoio e incentivo de várias outras jovens que querem se consagrar a Deus ingressando na

⁵⁹ VERZERI, E. *Carta a D. Luigi Bianchini*, fascículo 02, nº 44 (09.12.1841).

⁶⁰ VERZERI, Teresa Eustochio; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 61.

Congregação. A *escolinha*, organizada como uma de suas primeiras atividades, funciona inicialmente na mesma casa onde moravam as primeiras Irmãs. Na luta pela aprovação das Constituições da Congregação, Verzeri viaja várias vezes para Roma, enfrentando a hostilidade de autoridades civis e eclesiásticas contrárias à aprovação de mais um Instituto feminino. Mas ela não se dá por vencida e nos caminhos que vão se abrindo vai adquirindo uma convicção: esta obra é do querer de Nosso Senhor Jesus Cristo e as dificuldades são vistas como trampolim para novos recomeços.

Havia muitas vozes contrárias à fundação e uma delas era do então bispo de Bérghamo, Dom Carlo Gritti Morlachi. Mas Verzeri e suas Irmãs, provavelmente motivadas pela própria realidade eclesial em que viviam, estavam convictas de que Deus as chamava para assumir com um novo jeito a missão na Igreja e enfrentaram os desafios da nova fundação.

Quando ocorreu a morte de Monsenhor Benaglio, cinco anos após a fundação da Congregação, Verzeri e suas Irmãs se veem abaladas, mas em nome de todas, Verzeri responde a quem pergunta se elas vão desistir da obra: “Jamais. Sustentá-la-ei até o fim e, se for necessário por ela dar meu sangue, estou pronta para dá-lo até a última gota”⁶¹.

Inicialmente, a Congregação dedicou-se à educação e instrução de crianças pobres e abandonadas de Bérghamo. Já no final do primeiro ano de fundação e no decorrer dos seguintes, novas casas foram abertas em outras cidades progressivamente. Passou a se atender também crianças de outras classes sociais, iniciou-se o curso de preparação ao magistério, bem como a acompanhar e dirigir crianças de um orfanato, visitar doentes em suas famílias, orientar retiros espirituais para jovens e mulheres; fazia-se preparação aos sacramentos e dava-se assistência às jovens pertencentes à paróquia e à diocese. As tardes de domingo tinham um sabor especial: as Irmãs realizavam junto às crianças, adolescentes e jovens uma atividade chamada “oratório festivo”, onde através de várias dinâmicas e brincadeiras se transmitiam também valores e princípios. No período de carnaval eram encenadas algumas peças teatrais compostas pelas próprias Irmãs.⁶²

No texto conhecido como “embrião das Constituições”⁶³ aparece a finalidade principal da congregação cuja essência é a prática do amor de Deus no serviço às pessoas. O mesmo

⁶¹ *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*, vol. I, p. 154. (tradução do italiano).

⁶² *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*, vol. I, p. 44-96. (tradução do italiano).

⁶³ Texto escrito por Verzeri sob a orientação de Giuseppe, Benaglio que vai ajudar a dar o rumo que as Irmãs deverão tomar na continuidade da missão iniciada.

texto encontra-se também no primeiro volume do livro dos Deveres e diz: “as FSCJ que querem viver a caridade inspiradas na própria fonte do amor, isto é, no Coração de Jesus Cristo, devem ser ardentes da mesma caridade desse Coração divino para com seu próximo”⁶⁴.

Essa caridade ainda segundo o livro dos Deveres, deve ser puríssima, de modo a ter em vista unicamente a glória de Deus e o bem das pessoas, deve ser universal, ou seja, não exclui ninguém mas a todos abraça; generosa, “que não desanima nos sofrimentos, não se abate nas contradições, nem se cansa na demora mas, nos sofrimentos, nas contradições, nos contratempos, cresce em vigor e vence com a paciência”⁶⁵.

Quanto ao fundamento e finalidade da Congregação as Constituições atuais das FSCJ⁶⁶ expressam o seguinte: “o Coração de Jesus é por vontade fundacional, a fonte da espiritualidade e da missão das Filhas do Sagrado Coração de Jesus. O fim da congregação é viver a caridade do Coração de Cristo, sinal do seu amor salvífico, para a glória de Deus”⁶⁷.

Em relação a si mesma Verzeri era de grande severidade e autodomínio, mas segundo os testemunhos escritos por Benaglio e por outras Irmãs que com ela conviveram, dificilmente deixava transparecer o estado interior de sofrimento em que vivia. Pedia às suas Irmãs que a corrigissem sempre que julgassem necessário. Num de seus escritos diz: “peço e suplico a todas as minhas irmãs que me advirtam com simplicidade de todas as faltas que vou cometendo; e estejam certas, de suas advertências e também suas repreensões, as terei como as provas mais seguras e fortes do amor que nutrem por mim”⁶⁸.

Verzeri expressa sua luta na busca da vontade de Deus no que diz respeito à fundação da Congregação como algo muito forte. Em um escrito diz:

⁶⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, Vol. I, p. 49 (ed. em língua portuguesa). A obra intitulada: *Livro dos Deveres das FSCJ e do espírito de sua Instituição religiosa*, é composta em três volumes em língua italiana. Partes destes foram traduzidos para o português e publicados em dois volumes (I e II). Há no entanto conteúdos significativos que não foram traduzidos. Por essa razão quando forem citados nesse trabalho assuntos de qualquer um dos volumes, faz-se necessário explicitar de qual deles se trata e em qual idioma o mesmo se encontra.

⁶⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, Vol. I, p. 49 (ed. em língua portuguesa).

⁶⁶ Revisadas pelas Irmãs FSCJ, aprovadas e confirmadas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica em 25.07.2009.

⁶⁷ Cf. *Constituições das Filhas do Sagrado Coração de Jesus*, p. 11-12.

⁶⁸ *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*, Vol. II, p.96. (tradução do italiano).

Encontro-me abatida, porém resignada ao querer divino. Repito ao meu Deus que, se a sua glória exigisse o contrário deste Instituto, eu mesma lhe daria o fim. Acredito que não seria capaz de sustentar essa nossa sociedade uma hora sequer, se soubesse não estar assinalada como o signo do querer divino⁶⁹.

Como era uma pessoa de caráter firme e de uma grande exigência para consigo mesma, Verzeri certamente procurou ver na realidade, na autoridade constituída, na orientação espiritual e na própria comunidade religiosa, mediações que lhe ajudaram a compreender como vontade de Deus a obra que estava empreendendo, pois de outra forma não teria levado adiante dado às muitas dificuldades encontradas.

A resposta de Teresa Verzeri aos desafios apresentados no seu processo de busca só pode ser encontrada e compreendida, considerando a realidade concreta de sua época. Sua vida, obra e doutrina, não estão fora do tempo e não são abstratas, mas estão situadas dentro de um contexto preciso: a região Lombardo-Vêneto e particularmente a cidade de Bérgamo, após a revolução francesa e durante o domínio de Napoleão.

A congregação fundada por Teresa Verzeri está entre muitas que despontaram nesse período. Foram várias que surgiram procurando dar uma resposta aos anseios do povo. Todas desejavam de alguma forma responder aos diferentes gritos das diversas realidades e situações, através de métodos concretos de caridade e de engajamento. O Instituto surgiu pois num período de grande mobilização, onde o povo estava sedento por liberdade. Aspirava à libertação da opressão moral e social, bem como da ignorância e da miséria reinante. De certa forma, foram essas aspirações que ajudaram a dar o rosto à Congregação.

José Benaglio, guia espiritual de Verzeri, queria uma congregação que desse uma resposta à realidade da época permanecendo aberta às várias necessidades. Verzeri foi fiel a esse princípio. Entendeu que a finalidade da congregação é o serviço de amor ao próximo e confiou que a Providência divina apresentaria os meios para tal realização. A congregação procurou privilegiar os lugares “onde as necessidades são mais urgentes e graves e onde há maior carência de auxílios”.⁷⁰ Assim portanto se entende que deva ser o rosto da congregação:

⁶⁹ *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*, Vol. I (tradução do italiano). p. 311-312.

⁷⁰ *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*, Vol. I (tradução do italiano). p. 191-192.

Não invade a messe alheia, deixa que ceife aquele que a plantou. Não tem ânsias de agir, desejando unicamente socorrer a indigência. Que o bem seja feito por ela ou por outras, não importa, contanto que Deus seja glorificado (...). Não teme o mundo, nem dá atenção às suas críticas; nada espera dele, nem recompensa nem castigo. Teme unicamente a Deus: procura conhecer-lhe a vontade e caminhar com retidão na sua presença⁷¹.

Uma das características da congregação é a *flexibilidade*, pois assim pode se atender as diversas realidades nas diferentes épocas e circunstâncias. Para que este objetivo seja atingido as Irmãs são incentivadas para que se preparem nos diferentes âmbitos a fim de que estejam prontas para responder a qualquer exigência. O livro dos Deveres registra: “enquanto estais calculando e meditando sobre uma necessidade do próximo para ver se subsiste a máxima de ‘deixar Deus por Deus’, cessa a necessidade e desaparece a ocasião de socorrê-lo (...). Na dúvida escolhei socorrer o próximo”⁷².

Verzeri adquiriu ao longo de sua vida uma maturidade na fé através do sofrimento e da busca da vontade de Deus. Dessa forma ela foi capaz de dar uma contribuição à Igreja e ao mundo. Na obediência deixou-se guiar por Deus e pelas diferentes mediações, para realizar na história o sinal concreto de seu amor a Cristo e à humanidade. Assim transmite o ensinamento às suas filhas:

Jesus Cristo, que é a sabedoria do Pai e a luz enviada para iluminar o mundo inteiro, não tinha necessidade de preparar-se para a missão que o Pai lhe confiara. Quis, todavia, para nossa instrução, viver trinta anos de vida privada e obscura, antes dos três anos de vida pública, nas quais se dedicou a pregar, a instruir e a edificar as pessoas com seus exemplos e prodígios.⁷³

Antes de concluir essa seção ter-se-á um olhar para Verzeri no seu ser feminino. O tempo em que viveu estava ainda longe de se pensar numa emancipação feminina nos moldes como são entendidos hoje. Em alguns escritos Verzeri parece até reproduzir certa mentalidade que desvaloriza a mulher especialmente no tocante ao saber. Ela escreve: “jamais aconteça que alguma de vós procure fama de erudita. Oh! Nome inadequado para uma FSCJ. Que ridícula figura faria aquela a quem se atribuísse tal nome! Humildade e erudição,

⁷¹ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. III, p. 433.(ed. em lingua Italiana).

⁷² VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. I, p.74. (ed. Em lingua italiana).

⁷³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, Vol. I, p. 54-55. (ed. em lingua portuguesa).

especialmente em nós mulheres, não combinam”⁷⁴. No entanto na maioria das vezes Verzeri não só valoriza os estudos como incentiva as Irmãs para que se instruem a fim de servir melhor os irmãos e irmãs. Esses e outros aspectos serão considerados a seguir.

Verzeri expressa o seu ser feminino nas atitudes e palavras. Trata as Irmãs com muita amabilidade e convida a que elas também sejam dóceis e ternas no ser e no agir. Convida à prática da caridade mútua na convivência cotidiana. Todas devem aprender que para amar virtuosamente as Irmãs é necessário dedicar sincera estima umas as outras e considerá-las como são: amadas por Deus, esposas de Jesus Cristo. Daí a convicção: “se conhecêsseis, minhas caríssimas, o seu íntimo, ficaríeis admiradas por vê-las tão agradáveis ao Senhor”⁷⁵. Os interesses de cada uma devem ser comum a todas e tanto as alegrias como as tristezas devem ser partilhadas. Assim haverá um crescimento mútuo no amor de Deus o que acabará se revertendo em bem para o próximo. As Irmãs devem ter atitudes corretas, trato delicado e cordial, por isso o conselho: “entre vós conversai com amigável familiaridade, com prudente simplicidade, discrição e delicadeza, não se podendo imaginar o quanto isso concorre para conservar a caridade mútua”⁷⁶.

As Irmãs são motivadas para que se instruem no conhecimento adequado a mulheres que têm por obrigação instruir outras pessoas. E são chamadas a estarem atentas a fim de não atrair a atenção sobre si mesmas, pois o objetivo pelo qual aprenderam foi “acima de tudo ajudar as pessoas a serem mais livres e instruídas no bem e no amor de Deus”⁷⁷.

No conteúdo referente ao voto de castidade o livro dos Deveres faz comentário interessante em torno do texto de Mateus 25, 1-13, parábola das dez virgens. Diz que as Irmãs devem estar sempre vigilantes a fim de pertencer ao grupo das prudentes, mas não devem se contentar com isso. Diferente daquelas da parábola, devem não só abastecer-se de óleo abundante, como também ter o suficiente para munir “aquelas Irmãs que porventura, se descuidassem de fazer sua provisão”⁷⁸.

⁷⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 29. (ed. em língua portuguesa).

⁷⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 68. (ed. em língua portuguesa).

⁷⁶ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.73. (ed. em língua portuguesa).

⁷⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.100-101. (ed. em língua portuguesa).

⁷⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 106. (ed. em língua portuguesa).

É curioso notar que mesmo num contexto em que o texto bíblico Cântico dos Cânticos era tão censurado nas comunidades religiosas, o mesmo seja citado tantas vezes. No tocante ao voto de castidade as Irmãs são instruídas para que a exemplo da Amada do Cântico, deixem-se atrair pelo divino Esposo ocupando-se daquilo que agrada ao seu coração.

No que se refere ao tratamento dado à juventude, Verzeri pede para que as Irmãs usem de doçura, benignidade, discrição, zelo. E ainda: “cultiva atenta, sólida, prudente e continuamente o espírito e o coração de tuas alunas: são plantinhas sacudidas e agitadas incessantemente, por ventos perversos e contrários. (...) Faz com que cresçam no jardim do Senhor e que cresçam retas, bem formadas, vigorosas e robustas”.⁷⁹.

Verzeri estimula as Irmãs para incutirem nas jovens a elas confiadas, uma terna devoção a Maria Santíssima, apresentando-a como mãe e incentivando-as a serem suas verdadeiras filhas na vivência das virtudes praticadas por ela. Diz ainda que se esforcem para ser mulheres prudentes, pacientes e dedicadas ao trabalho. Também amáveis e edificantes no ser e no agir.

Na instrução que as Irmãs davam às mães, Verzeri pedia que as orientassem bem no trato para com seus filhos. Recomenda vigilância e vigilância rigorosa. As mães devem ter cuidado de apresentá-los puros a Deus, assim como o receberam no dia do Batismo. Escrevendo a uma de suas irmãs, a única que abraçou a vocação matrimonial, ela diz: “não seja daquelas mães que acreditam cumprir os seus importantes deveres, exagerando todo o dia as angústias que dizem experimentar, pensando nas obrigações que têm de educar bem os próprios filhos. Não, minha querida, fale pouco com as pessoas e muito com Deus”⁸⁰.

No serviço aos doentes Verzeri aconselha para que se tenha todo o cuidado e caridade possível. Procura ser também uma presença amorosa junto às Irmãs enfermas e as convida a que se configurem com Jesus Cristo. Diz numa carta a uma delas:

Lamento pela sua doença, mas não posso deixar de consolar-me com você, vendo-a crucificada com Jesus Crucificado. Agora, especialmente, a sua vida é preciosa, porque mais provada e, conseqüentemente mais conforme à vida de Jesus Cristo, que foi sempre atormentado por sofrimentos interiores e terminou entre os cruéis espinhos da cruz⁸¹.

⁷⁹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 114.

⁸⁰ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 136.

⁸¹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 200.

Quando se trata de atuar nos hospitais públicos faz-se necessário uma “caridade ativa e uma delicada prudência”, pois há nestes ambientes variados tipo de enfermidades e de enfermas. Reconhecendo o sentimento feminino Verzeri acrescenta: “a nós mulheres, um tanto sensíveis e delicadas por índole, a doença causa repulsa e medo, contudo não vos preocupeis, pois se o Senhor vos chamou a esse serviço, também vos dará força e ânimo para cumpri-lo até o fim”⁸².

Verzeri sente a dureza do coração humano, sobretudo nos meios eclesiásticos. A aprovação das Constituições foi uma verdadeira batalha. Ela e suas coirmãs sentiram de perto o pouco apreço dado a sua obra e provavelmente uma das razões era o fato de esta ser conduzida por mulheres. Sem o apoio do fundador que falecera bem antes, ela se vê apreensiva quando vai a Roma tratar dessa questão. Diz numa carta:

Digo-lhe a verdade, ao tratar de negócios prefiro ser mais passiva que ativa, se me sentisse em outro estado de ânimo, então sim que gostaria de ser resoluto, forte e firme como uma Santa Teresa D’Ávila; e gostaria de mostrar como até agora sempre fomos prejudicadas pela lentidão em decidir e pelos pontos de vista considerados de prudência, etc., mas no meu estado não consigo reagir; é necessário que de coração dê razão a todos e retirando-me a um canto não me mova, se não me moverem⁸³.

Do modo como muitas vezes se expressa, Verzeri certamente teria gostado de sentir nos “homens de Deus” a ternura, compaixão e condescendência que tantas vezes expressou Jesus de Nazaré no trato com todas as pessoas. Ainda quando de sua permanência em Roma à espera de aprovação das Constituições partilha: “não é que aqui estamos mal, antes, estamos muito bem em todos os sentidos; também se nos sentimos como peixe fora d’água; amamos muito mais um cantinho de nossas casas do que os palácios em terra estrangeira”⁸⁴.

Sente a morosidade de todos os lados e sabe que muito desse comportamento das autoridades eclesiásticas é resultante também de suas condições de classe e de gênero. Expressa:

⁸² VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p.238. (ed. em língua portuguesa).

⁸³ DONADONI, D.T. *Dizer amor é fácil*, p. 161-162.

⁸⁴ DONADONI, D.T. *Dizer amor é fácil*, p. 170.

Não dispomos de meios para empenhar as pessoas que nos ajudam porque somos pobres e do interior; é preciso que nos ajudem por caridade; também de Bérghamo não recebemos muitos favores: seria de tanta ajuda que nos recomendassem... Parece que somos de ninguém. (...) Indica-nos igrejas e celebrações litúrgicas, mas para acompanhar-nos a dar uma volta não se oferece; creio que somos prejudicadas pelo fato de sermos mulheres⁸⁵.

Verzeri vê na longa espera a mão divina que acompanha ela e suas Irmãs; e de alguma forma as consola, mas vê também a má vontade e lentidão dos homens. Apesar disso, não alimenta ressentimentos e em geral é muito amável e bondosa. O empreendimento com o qual está comprometida é bem maior do que qualquer ato mesquinho ou egoísta.

Toda a trajetória que marca os grandes conflitos desse período histórico influenciaram de alguma forma a vida de Verzeri, de suas Irmãs e do Instituto. A maioria das Congregações que surgiram nesse período sofreu bastante para manter-se em equilíbrio. Quando Verzeri está em plena luta para ver aprovadas as Constituições do Instituto, o clima político de então era muito pesado e havia uma forte perseguição às Ordens religiosas por parte do Estado e a Santa Sé também tinha suas resistências pelo fato de ter acontecido abusos oriundos de algumas Ordens.

Verzeri deixou de fazer algumas viagens para visitar as comunidades dado os conflitos políticos, sobretudo os que ocorreram em Bréscia no ano de 1848. A revolta de 22 de março deste mesmo ano, expulsou desta cidade as guarnições austríacas, substituindo-as por um governo provisório. Mas as Irmãs não foram diretamente atingidas, pois se mantiveram reclusas durante os períodos mais críticos destes conflitos. Verzeri, no entanto preocupava-se com as comunidades mais distantes das quais não tinha notícias e quando tinha as mesmas eram duvidosas⁸⁶.

Havia forte perseguição aos jesuítas, que foram inclusive expulsos de Bréscia neste período, e as FSCJ, assim como outras congregações, foram acusadas de terem ideias parecidas com as deles. Dessa forma pesava sobre todas a possibilidade de supressão. Em Piacenza a Congregação foi ameaçada e só não foram obrigadas violentamente a deixar a cidade, graças à intervenção de alguns eclesiásticos. As FSCJ de Riva e Trento poderiam ser

⁸⁵ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 171.

⁸⁶ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 283.

expulsas a qualquer momento, mas isso aconteceu lhes aconteceu. No entanto foram obrigadas, ao saírem de casa para as compras, usando sobre o hábito preto um vistoso floral com fitas das três cores.

Em Trento, a situação foi mais dramática. As religiosas foram intimidadas e chamadas de “jesuitessas”. Alguns ainda tentaram atear fogo no convento mas foram impedidos por alguns voluntários. “Depois disso, a casa foi requisitada pelas forças revolucionárias e transformada em caserna. O bispo, D. João Nepomuceno de Tschiderer, colocou à disposição das Irmãs um prédio pertencente à diocese, onde continuaram suas atividades educativas”⁸⁷.

Verzeri, muitas vezes escreve às Irmãs exortando-as e elogiando-as pela coragem de enfrentar intrepidamente os desafios a elas impostos naqueles dias. Ela pede para que as Irmãs não se deixem paralisar pelos acontecimentos externos e acentua: “se, no futuro, o Senhor nos colocar na inação e no repouso, nós o serviremos, nessa situação, com a mesma fidelidade e com o mesmo amor, porque nosso alimento e nossa vida é tão somente a vontade de Deus, pela qual somos e vivemos”⁸⁸.

Em Bréscia, a situação se tornou dramática quando o governo provisório com o decreto de 31 de março estabeleceu que a casa, capital e bens pertencentes à Congregação fossem confiscados “em proveito da Província de Bréscia com a finalidade de instituir um programa de educação à luz do conhecimento atual” e segundo o documento, que fosse “digno daquela cidade”⁸⁹.

Verzeri conseguiu junto ao governo provisório de Bréscia, evitar que a supressão acontecesse, pediu ajuda também a Monsenhor Romilli, arcebispo de Milão e a Monsenhor Corboli, enviado pontifício aos campos de Carlos Alberto. Alguns dias depois desse pedido, o jornal de Milão, “o Católico”, assumiu a defesa do Instituto, publicando a oferta feita por Verzeri ao governo provisório em favor das famílias dos soldados feridos na guerra⁹⁰.

A comunidade de Bréscia foi deixada em paz por algum tempo, porém passados alguns dias o Comitê de segurança retomou sua decisão de fechá-la. Mudou, no entanto os modos e

⁸⁷ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 284.

⁸⁸ Carta de 03 de abril de 1848, citada em DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 284-285.

⁸⁹ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 285.

⁹⁰ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 286.

em vez de usar de atitudes mais violentas pediu que a comunidade fosse transferida para outro local. Verzeri acolheu a proposta, mas não transferiu toda a comunidade, apenas o noviciado que passou para a cidade de Darfo. Verzeri disponibilizou parte da casa ao Comitê de guerra para acolher os feridos. E embora tenham resistido à sua proposta, certa noite apresentou-se à porta da casa um oficial com alguns feridos pedindo comida e hospedagem. Verzeri os acolheu e pediu às Irmãs que lhes prestassem os primeiros socorros. Quando, no dia seguinte, o Comitê de guerra da cidade “pretendeu que os soldados fossem transferidos para outro local, a fim de não ter obrigações com a Congregação, o oficial se opôs energicamente, ignorando que com seu gesto estava salvando a comunidade de Santa Afra” em Bréscia. Verzeri não titubeou nesses momentos de tribulação e não hesitou em pedir justiça, ao governo provisório de Bréscia. Escreve:

A amargura me inunda o coração vendo nosso Instituto perseguido em Bréscia, pessoas sendo comprometidas e todos tão indefesos diante da superioridade de alguns. Se cometemos delitos, seja-nos dada a punição, que, se for justa, não nos subtrairemos a ela: mas, se não cometemos delitos, porque abandonar-nos à calúnia e aos maus tratos de um povo seduzido e enganado por falsas suposições que se vão impingindo, em toda a parte, como verdades irrefutáveis? Eu não peço indulgência, peço justiça...⁹¹

E assim Verzeri e suas Irmãs vão enfrentando os perigos e incertezas daqueles tempos que ora encontravam-se mais amenos ora pareciam mais turbulentos sendo que para cada situação era necessário discernimento, firmeza e fé. Numa carta Verzeri expressa num certo tom de humor: “nem parece verdade que voltei a ser religiosa depois de tanto tempo de vida militar!” E em outra acrescenta: “posso afirmar que os acontecimentos presentes não traumatizaram nossas Irmãs; serviram, isto sim, para reavivar o desejo de um forte empenho na oração e de aplacar a justiça de Deus”⁹².

Em 1849 recomeçou a guerra entre Piemonte e Áustria. A comunidade de Piacenza temendo pela segurança de Verzeri e imaginando que a cidade se transformaria em campo de batalha, pediu que ela retornasse para Bréscia, mas ela não aceitou e preferiu ficar com as Irmãs onde o perigo parecia maior. No entanto foi em Bréscia que estourou novamente uma batalha que durou dez dias, de 23 de março a primeiro de abril. A cidade resistiu aos ataques

⁹¹ Carta de 14 de maio de 1848, citada em DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 288.

⁹² DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 289-290.

das tropas austríacas e só se rendeu diante das graves perdas e danos sofridos. A comunidade de Santa Afra mais uma vez foi poupada e nenhum de seus membros foi atingido, para quem Verzeri transmite uma advertência: “se o Senhor as salvou é para que dupliquem o empenho no gastar-se pela sua glória, para a santificação de vocês e das pessoas com quais convivem. Ânimo e coragem!”⁹³

Assim Verzeri vai animando as Irmãs e vivendo com elas dias mais tranquilos e dias mais agitados, para cada circunstância sempre tem uma palavra de ânimo, apoio e encorajamento. Mas também ela, foi sentindo suas forças pouco a pouco diminuir com o avançar dos anos. Sofria de ataques epiléticos que se acentuaram gradativamente e assim veio a falecer no dia 03 de março de 1852 na cidade de Bréscia, aos 51 anos de idade.

Finalmente, observando a grande batalha que Verzeri enfrentou na busca de viver uma vida configurada à de Cristo no serviço aos irmãos e irmãs nascem perguntas como: a seu modo e no seu tempo, teria ela contribuído para fazer emergir uma Cristologia? Que Cristologia? É possível visualizá-la a partir do seu ser e do seu agir? E a continuidade de sua missão pelas FSCJ no mundo, teria seguido o fio condutor por ela iniciado? Essas questões procurarão ser respondidas nas próximas seções nas quais serão desenvolvidos os conteúdos de Cristologia⁹⁴ a partir dos escritos de Teresa Verzeri, iluminados por diversos autores (seção II) e como está sendo continuado na missão das FSCJ hoje o carisma iniciado por Santa Teresa Verzeri (seção III).

Do que foi desenvolvido nessa primeira seção, cuja centralidade foi contextualizar a realidade na qual Verzeri viveu e fundou a Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, pode-se destacar o seguinte: dificilmente a história é compreendida no momento em que os fatos acontecem. Em geral se levam anos até que a mesma seja assimilada e assumida, por isso qualquer julgamento pode parecer injusto ou não totalmente verdadeiro. Certamente foi assim para a história na qual Verzeri está inserida e que aqui se traçou algumas linhas a respeito.

Outro aspecto a considerar é que o século XIX foi um século de grandes turbilhões na história de modo geral, com acontecimentos que iniciaram ainda no século anterior. Contudo

⁹³ Carta de 09 de abril de 1849, citada em: DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 291.

⁹⁴ Convém ressaltar que Verzeri não é uma teóloga no sentido preciso do termo. A Cristologia identificada nos seus escritos ou a seu respeito, versa sobre uma Cristologia da vida, do modo com Verzeri entendia e se referia a Jesus Cristo, centrando-se na maioria das vezes na espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus.

na Igreja não houve grandes mudanças. Impressiona, contudo o fato de tantos carismas e congregações terem nascido ao longo de 1800 e cada um procurando dar uma resposta frente aos desafios surgidos, o que de alguma forma demonstra, que no que diz respeito à evangelização, algo estava errado ou ao menos precisando de uma sacudida. Neste século um dos destaques deve ser dado ao processo de urbanização, fruto entre outras coisas, da Revolução Industrial que foi um divisor de águas e influenciou quase todos os aspectos da vida cotidiana.

Se o século XIX não trouxe grandes mudanças no seio da Igreja para uma atuação verdadeiramente profética⁹⁵, ele prepara de alguma forma o que está por vir, cujo acontecimento mais marcante foi a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II com tudo o que representou para a história da Igreja.

Verzeri, como outros fundadores e fundadoras de Institutos e Congregações, foi uma das pessoas que não se conformou com este mundo, mas procurou transformá-lo renovando a mente e o coração para discernir qual a vontade de Deus (cf. Rm 12,2) no preciso momento e nas circunstâncias em que viveu. Numa sociedade onde a mulher tinha tão pouco espaço, ela conseguiu com sábias estratégias dar uma resposta significativa para os desafios de seu tempo. Augura-se que o empenho de Verzeri continue inspirando outras pessoas a dar respostas transformadoras a um mundo que aspira sempre mais vida e libertação.

⁹⁵ Aqui se fala de modo geral, pois se sabe que em toda a história da Igreja sempre houve pessoas ou grupos que procuraram transformá-la de alguma forma.

2 EXISTE UMA CRISTOLOGIA EM TERESA VERZERI?

A leitura, análise, aprofundamento dos textos escritos por Teresa Verzeri ou a seu respeito, apontam para uma centralidade na pessoa de Jesus Cristo e particularmente ao seu Sagrado Coração. Ela continuamente incentiva as Irmãs da Congregação e as pessoas com quem tem contato, ao estudo, ao conhecimento, à aproximação da pessoa de Jesus, para que conhecendo-o, melhor possam amá-lo e servi-lo especialmente nos empobrecidos. Escrevendo a um sacerdote diz: “caridade como a de Jesus Cristo invista, anime e consuma o seu coração, a fim de que obtenha em sua ação os resultados preciosos que Jesus Cristo teve em sua missão”⁹⁶.

Nesta *segunda seção* procurar-se-á a partir dos escritos de Teresa Verzeri, enriquecidos com reflexões de outros autores, lançar luzes sobre temas referentes à Cristologia evidenciados nos escritos de Verzeri. Não serão tratados todos os temas mas serão escolhidos alguns nos quais se faz ver mais claramente como Verzeri na sua realidade e contexto procurava expressar em seus escritos. Os temas escolhidos pois são:

O relacionamento de Verzeri com a pessoa de Jesus de Nazaré, perceber-se-á que se trata de uma relação de proximidade, num mundo marcado por movimentos socioculturais que levavam as pessoas a um distanciamento de Deus, Verzeri propõe que se deixe tocar pela misericórdia de seu Coração; ainda versando sobre esse relacionamento, se evidencia como Verzeri de alguma forma incentivou suas Irmãs e outras pessoas a viverem a aventura do seguimento a Jesus Cristo.

Neste seguimento toca-se o tema central da espiritualidade enfatizada por Verzeri, que é o amor ao Coração de Jesus; esse amor se traduz em ações concretas aprendidas dele que se expressa como amor aos pobres. Entre as pessoas excluídas do tempo de Jesus estão também as mulheres. Verzeri não trabalha esse tema com exclusividade, mas pelo fato de ela ser uma mulher e como tal ser marcada também pelos limites do seu tempo no que se refere ao gênero feminino, será tratada também aqui, a temática que apresenta como Jesus inclui as mulheres na sua vida e no seu ministério.

⁹⁶ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 105.

Os evangelhos testemunham que Jesus estabelece um singular relacionamento com o Pai, este também será um tema trabalhado nesta seção, bem como a figura de Pai que Verzeri deixa transparecer em seus escritos, por isso a pergunta: quem é Deus para Verzeri? Finalmente, será desenvolvido o tema da Paixão, morte e ressurreição de Jesus e o modo como Verzeri deixa transparecer em seus escritos o mistério pascal.

Como já foi dito, aqui não se pretende de modo algum esgotar esses conteúdos, nem mesmo trabalhá-los de modo mais aprofundado, mas se busca, sobretudo perceber como a pessoa de Jesus aparece em Verzeri, fazendo despontar uma Cristologia, não tanto como estudo ou aprofundamento mas como vivência prática.

2.1 Teresa Verzeri e sua relação com Jesus de Nazaré

O que Verzeri deixa transparecer nos seus escritos no tocante ao seu relacionamento com Deus diz respeito a um desejo de proximidade enquanto manifesta uma distância e uma incapacidade de senti-lo. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que ela expressa o desejo de estar com Deus sente também sua ausência e isso lhe causa certa angústia, o que a faz lutar continuamente. Ela parece não sentir Deus, mas não cansa de buscá-lo. Numa carta onde expressa muito forte a privação divina diz:

A privação total de Deus jamais penetrou no íntimo de minha alma; deixou-me sempre algo de que suspirar por ele. Parecia-me então que a alma se inclinasse a Deus, desejasse ser divinizada por obra do amor, de sua graça, mas que ele a repudiasse, a afastasse de si. A alma, apesar de tudo isso conservava a tendência a Deus, o desejo dele; e de tanto em tanto, de algum modo, sentia-o próximo, saboreava seu amor, se bem que não à saciedade... No presente não posso mais nada...⁹⁷

Diante do silêncio divino ela não recua, ao contrário, sente que deve continuar falando dele às pessoas. É como se a “mudez” de Deus ao mesmo tempo em que a perturbasse também a estimulasse para que continuasse a falar dele. Refere-se muitas vezes ao Sagrado Coração de Jesus como fonte na qual se encontra todo bem. Numa das cartas escrita às Irmãs

⁹⁷ DONADONI, D. T. Dizer amor é fácil, p. 304-305.

assim se expressa: “naquele Coração divino encontrareis remédio para vossos males, força nas vossas fraquezas, conforto e consolação nas angústias e nos sofrimentos. Provai e o vereis!”⁹⁸

Numa outra carta escrita a Antonia Verzeri Berardi, uma de suas irmãs, Verzeri incentiva-a para que busque no Coração de Jesus toda força de que necessita, que se empenhe no serviço de amor ao próximo como resposta ao grande amor que tem para com a humanidade o Sagrado Coração. Ela reforça:

No Coração de Jesus encontrarás tudo o que desejas. Entrega-te a ele com confiança filial. De tua parte, pois, procura imitar o Sagrado Coração de Jesus Cristo no amor que ele tem pelo Pai(...). Imita-o também no amor que ele tem para com as pessoas, praticando uma imensa caridade para com o próximo⁹⁹.

Em outro momento expressa sua confiança no divino Esposo apesar de sempre reconhecer sua fraqueza e debilidade: “confio no meu Esposo, ainda que não saiba quem seja, nem onde esteja. As minhas infidelidades me oprimem e me cansam; peço ao meu Deus que me purifique...”¹⁰⁰

Verzeri vai, portanto, reconhecendo sua incapacidade de sentir Deus como desejaria, embora não deixe de buscar em Jesus o conforto, ainda que nem sempre o encontre. Essa “ausência” divina não impede que fale a seu respeito e que transmita a mensagem das Sagradas Escrituras. Ela vive sua dor configurada à dor de Cristo e à dor da humanidade. Vive em alguma medida o que Forte diz: a dor é sem dúvida uma *categoria universal* na qual todas as pessoas se encontram. É bem verdade que não a valorizamos o suficiente, no entanto “a história progride através da dor, no conflito de interesses, de classes, de raças, de indivíduos e povos... Poder-se-ia falar da história como ‘história das dores do mundo’”¹⁰¹.

Assumindo o chamado a viver uma vida de maior união com Deus num serviço específico, Verzeri acolhe o chamado que é feito a todos. A carta aos Efésios diz que Deus se oferece aos seres humanos e os convida a participar de sua comunhão: “dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar” (Ef 1,9). A carta

⁹⁸ VERZERI, Teresa Eustochio; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 68.

⁹⁹ VERZERI, Teresa Eustochio; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*, p. 61.

¹⁰⁰ VERZERI, T. E. *Carta a Mons. Speranza*, fascículo 03, nº 12.

¹⁰¹ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 23.

continua afirmando que por esse mistério o ser humano através de Cristo, Verbo encarnado, tem acesso ao Pai por meio do Espírito Santo e se torna participante da natureza divina (cf. Ef 2,18).

No documento *Dei Verbum*, do Concílio ecumênico Vat. II (DV, 2), essa ideia continua sendo desenvolvida. Na revelação que Deus faz ao ser humano “Cristo é a plenitude e o mediador”. A este Deus que se revela, a pessoa é chamada a responder com a obediência da fé (Rm 16,26; cf. Rm 1,5; 2Cor 10, 5-6). Com esta, ela se entrega total e livremente a Deus oferecendo-lhe “o obséquio pleno da inteligência e da vontade”, prestando voluntária acolhida à sua revelação (DV 5). Dessa forma, a última palavra da fé envolve o ser humano todo num duplo abandono: “de si mesmo nas mãos daquele em quem crê e uma conseqüente aceitação reflexa daquilo que Deus lhe comunica”¹⁰².

A conclusão do capítulo 5 da *Dei Verbum* diz: “a fim de tornar sempre mais profunda a compreensão da Revelação, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa continuamente a fé por meio de seus dons”. Verzeri está entre as pessoas chamadas a revelar esses dons através de um modo bem específico: “amor de abandono no Coração de Deus e de misericórdia para com os irmãos e irmãs”¹⁰³.

2.2 Um coração inquieto: Verzeri e o seguimento a Jesus Cristo

O *seguimento* de Jesus Cristo torna-se imperativo para Verzeri. Ela não concebe outro jeito de ser senão aquele que a torna mais próxima a seu Mestre. De fato ela compreendeu que a melhor forma para dar uma resposta ao chamado de Deus seria dedicando sua vida a ele numa atitude de serviço generoso aos irmãos e irmãs especialmente onde a necessidade era maior. Assim como foi para os primeiros seguidores de Jesus, a decisão de Verzeri e das jovens que com elas iniciaram o Instituto, comportou uma série de renúncias, pois seguir o Mestre consiste em dispor-se a um despojamento e a uma radicalidade que podem exigir muito. Pode-se dizer que Verzeri e suas companheiras compreenderam o que afirma Ivanise Bombonato: “Deus se revela, em Jesus no acontecer da história. Só mediante o seguimento e no seguimento é possível conhecer verdadeiramente Deus, relacionar-se com ele e viver na fidelidade ao seu projeto”¹⁰⁴.

¹⁰² FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*. p. 35-36.

¹⁰³ Uma das formas de expressar sinteticamente o Carisma das FSCJ.

¹⁰⁴ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 35.

Conforme ainda Bombonato, Seguir Jesus, requer alguns *pressupostos* que revelam as condições necessárias para estar a serviço do Reino. O primeiro deles é a *ruptura com os laços familiares* (Lc 14, 26; Mt 10,37; Mc 1,20). Quem não está disposto a romper de alguma forma com seus laços terrenos não é apto para se tornar seguidor do Messias (cf. Lc 9,59-60)¹⁰⁵. Verzeri, que também viveu esse desafio na escolha que fez, exorta muitas vezes suas coirmãs. Numa carta a uma delas diz:

Minha querida, sabes que deixar os parentes, renunciar às comodidades, abraçar a pobreza, as privações, a solidão, inicialmente, te causará sofrimento, mas contempla Jesus, teu Deus, aniquilado por teu amor... Coragem. Nada negues a um Deus que nada te negou. Ele mesmo será a tua recompensa. Com Ele, o que te faltará?¹⁰⁶

O segundo pressuposto consiste na disposição de ‘carregar a cruz’ (Lc 14, 27). “Na tradição sinótica, a expressão ‘seguir’ é interpretada como comunhão de vida e está sempre relacionada com a imagem de ‘carregar a cruz’”.¹⁰⁷ Refletindo sobre o texto bíblico de Mateus, o livro dos Deveres salienta: “Se alguém quer vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). “Carregai, diletíssimas, a cruz. Algo melhor não vos posso oferecer desde que o próprio Deus apresentou a cruz a seu Filho amado”¹⁰⁸.

Finalmente o terceiro pressuposto diz respeito à *renúncia às propriedades* e mesmo o próprio ambiente. Os Evangelhos deixam claro que para seguir Jesus é preciso abrir mão de certas seguranças (cf. Mc 1,18.20 par.); acompanhar Jesus é ir ao encontro de uma existência totalmente incerta, partilhando da situação existencial do Filho de Deus (cf. Mt 8,20). O chamado ao seguimento de Jesus tem uma dimensão *global e universal* e quem o segue se transforma em *sinal de libertação* para o povo, especialmente para os pobres¹⁰⁹. Sobre a necessidade do despojamento, entre outras coisas, Verzeri escreve o seguinte: “Aqui se requer um perfeito despojamento de si mesma; um total esquecimento de si, um abandono amoroso em Deus, de modo a estar pronta e disposta a qualquer sacrifício, quando a glória de Deus e o

¹⁰⁵ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 49.

¹⁰⁶ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p.89.

¹⁰⁷ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 49 (grifos da autora).

¹⁰⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p.111. (ed. em língua portuguesa),

¹⁰⁹ BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 50. (grifos da autora).

bem do próximo o exigem”¹¹⁰. E acrescenta que os procedimentos econômicos devem estar de acordo com a caridade, com a justiça e com a ordem¹¹¹.

Segundo Josef Blank, Jesus provavelmente não exigiu o seguimento radical de todas as pessoas que o procuravam. “Aí está a razão porque, além do ‘seguimento querigmático-escolástico’, pôde se formar também a ideia de ‘seguimento ético’, como por exemplo, na linha do sermão da montanha”¹¹². Mais: nem todos os seguidores de Jesus foram missionários, alguns permaneceram em suas comunidades de origem. Entre as pessoas que o seguiam encontram-se mulheres, algumas delas fazem caminhada com ele e o seguem até os pés da cruz (cf. Lc 8,1-3; Mc 15,40). Ainda segundo Blank, também parece que o seguimento tenha trazido consigo conservação provisória da comunidade de vida conjugal, ainda que dificilmente um celibato permanente em todos ou na maioria dos casos.

A participação na missão de Jesus levou seus seguidores até sua comunidade de origem e por várias vezes encontrou resistência e hostilidades entre os seus. Por isso os evangelhos enfatizam que seguir Jesus implica disposição para carregar a cruz: “se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). Ao dizer isso no caminho para Jerusalém, segundo os Evangelhos Jesus tem consciência de que o esperam, prisão, processo e morte, mas também acontecerá sua ressurreição e sua exaltação. Dessa forma fica cada vez mais claro para os discípulos qual o “conteúdo” desse seguimento e que consequências extremas pode trazer a confissão de fé em Jesus de Nazaré e o assumir sua “causa”¹¹³.

O seguimento de Jesus configura-se, portanto como algo fascinante e encantador, atraente e exigente. Daí que ao longo dos séculos tantas pessoas se deixaram tocar por sua mensagem e se tornaram suas seguidoras, deixaram-se envolver por sua luz e não tiveram medo de abraçar a sua cruz. Por mais difícil que seja seguir esse Mestre todos os que o fizeram estavam convencidos de que valia a pena. Verzeri diz a uma de suas Irmãs:

Medita sobre a vida de Jesus Cristo; consola-te na sua imitação. Procura aprender dele o verdadeiro caminho que

¹¹⁰ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p. 212.

¹¹¹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p. 213.

¹¹² BLANCK, J. Seguimento. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 821.

¹¹³ BLANCK, J. Seguimento. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 821-822.

conduz à santidade. Ama sua vida oculta quando Deus assim o quer, e a pública quando a essa ele chama. Sempre te agrade a sua vida humilde e laboriosa para imitá-la¹¹⁴.

Verzeri afirma que uma pessoa que se deixou atrair por Jesus e segue seus passos, torna-se também modelo para tantas outras. Suas atitudes autênticas convidarão outros a seguirem o Mestre divino. Diz ainda: “fale dele frequentemente às suas Irmãs e, com suavidade e força, leve-as a olhar os seus exemplos. Procure adaptar-se à capacidade, ao espírito, às necessidades de cada uma, para animá-las mais eficazmente¹¹⁵”.

Verzeri diz às Irmãs que se elas desejam o Esposo, ele as atrairá e as convidará ao seguimento. Diz também que Cristo não promete facilidade, não as ilude, pelo contrário, convida para que carreguem a própria cruz e renunciem a si mesmas (Mt 16,24). As Irmãs devem mostrar-se prontas e contentes de provar toda a amargura do cálice, assim como o fez Jesus Cristo: “não beberei eu o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,11) e acrescenta:

Por teu amor ele se aniquila, se oculta, renuncia a tudo aquilo que o mundo considera grande e precioso, para abraçar a humilhação, o sofrimento, a cruz. Tu, também, oferece-te para segui-lo, caminhando nas suas pegadas. Dize-lhe muitas vezes e de coração que por seu amor, desejas aniquilar-te, isto é, que desejas abandonar tudo, tudo, até a ti mesma, para viver somente dele em desapego total¹¹⁶.

O seguimento é a resposta mais eficaz que pode dar ao convite do Mestre. Seguimento que é sinônimo de serviço e doação. É estar à escuta do que move o coração para se colocar no caminho não se importando se este é plano ou íngreme. Quem se coloca na escola de Jesus sabe que o mais importante é seguir seus passos no aprendizado constante de sua mensagem que é de vida e libertação.

¹¹⁴ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p. 128.

¹¹⁵ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p. 124.

¹¹⁶ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. p. 88.

2.3 Verzeri e o Coração de Jesus

*O coração é o símbolo do amor, que se diz residir no coração;
Indica-se o conteúdo mediante aquilo que o contém.
E para exprimir que alguém ama uma pessoa, se diz que o seu coração é ferido.
Assim Cristo na cruz foi ferido de amor pela Igreja (Onorato de Autun)¹¹⁷.*

A espiritualidade do Coração de Jesus é muito evidenciada nos escritos de Teresa Verzeri. Ela continuamente pede às Irmãs que contemplem aquele coração aberto por amor à humanidade. Que contemplem na Eucaristia com atitude de respeito e adoração. O Coração de Jesus como “parte mais nobre e como sede do amor”, é o lugar onde se deve buscar estímulo, luzes, forças. É o “porto seguro” da Filha do Sagrado Coração de Jesus. A ele se podem apresentar as próprias fraquezas, angústias, temores. E também manifestar-lhe continuamente atos de amor, abandono e confiança. Verzeri pede às Irmãs que formem o coração conforme o de Jesus Cristo e como ele, amem o sofrimento, a humildade, a pobreza, a simplicidade.

O amor do Coração de Jesus é o grande tesouro ao qual é preciso corresponder fazendo o que ele fez: amando sem medidas. É preciso assemelhar-se a esse divino Coração conservando e desenvolvendo em si, suas atitudes: “...tornemo-nos todas semelhantes ao Sagrado Coração, investidas de sua caridade, animadas pelo seu espírito, humildes e mansas como ele, unidas a Deus como ele.”¹¹⁸ Para estar unida e em conformidade com esse Coração é preciso “declarar guerra a si mesma” abolindo tudo o que pode conduzir ao egoísmo e à acomodação.

Jesus Cristo é o modelo por excelência, diz Verzeri, e é preciso espelhar-se nele, estudá-lo, segui-lo, sobretudo nas virtudes características da Congregação: a caridade, a pobreza, a simplicidade, o amor. A caridade para com Deus e para com o próximo é o objeto mais precioso das contínuas exortações de Verzeri. É preciso esquecer-se de si, até mesmo das próprias faltas, para ocupar-se do que agrada ao Sagrado Coração. As Irmãs são chamadas a manifestar por Jesus uma confiança filial, a amar o próximo como Jesus: com mansidão e doçura, mantendo o cuidado para não “ofender ninguém, nem presente nem ausente”.¹¹⁹

¹¹⁷ Citado em GLOTIN, E. *La Bibbia del Cuore de Gesù*, p. (103).

¹¹⁸ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 65.

¹¹⁹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 61.

Verzeri valoriza e estimula o estudo da teologia como meio para também aprofundar o sentir e o agir de Deus presente no divino Coração. Tem clareza, no entanto, que o conhecimento deve estar a serviço das pessoas, pronto para libertá-las e não para imobilizá-las. Este deve ser caminho de santidade e de crescimento espiritual. Acredita na solidez da doutrina e no estudo daqueles teólogos cuja moral está mais em conformidade com o modo de ensinar e de sentir do Coração misericordiosíssimo de Jesus Cristo¹²⁰.

Verzeri insiste com as Irmãs para que sempre promovam o culto a quem é consagrado o Instituto: o Sagrado Coração de Jesus e nos tempos festivos manifestem publicamente esta honra. Ela diz: “temos todos os motivos para honrar, de modo especial, na humanidade de Jesus Cristo, o seu Coração divino, como a parte mais nobre e como sede do amor; o mais belo e puro como jamais existiu”¹²¹. Isso servirá de estímulo a corresponderem dignamente a tão elevada vocação a que foram chamadas as FSCJ, que são chamadas a arder do mesmo amor presente no Coração de Jesus para com o próximo.

Esse mesmo amor do qual são nutridas as FSCJ, deve ser também incentivado, tornado conhecido para que outras pessoas venham a também conhecer e amar a esse divino Coração. Cada Filha é também chamada a ser uma apóstola, uma mensageira do amor de Deus que se derrama sobre a humanidade (cf. Rm 5,5). Conforme os primeiros manuscritos das Constituições, as Irmãs devem para que Deus seja conhecido como realmente é: Deus supremo, Criador e Senhor do universo, Redentor da humanidade, nosso princípio e nosso fim, única fonte de nossa felicidade.

As virtudes que brilharam com mais intensidade em Jesus Cristo, diz Verzeri, devem ser justamente aquelas que mais caracterizam a Congregação: mira reta - eu não procuro a minha glória, mas a glória daquele que me enviou (Jo 7,18); obediência heróica - Jesus foi obediente até a morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8); pobreza perfeita - até desejar para si toda privação e sentir falta do necessário. “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20); pureza sem mancha – meu amado è cândido e belo (cf. Ct 5,10). O Instituto deve estar continuamente se espelhando no Coração adorável de Jesus; Humildade profunda e cordial - isto é, aquela que consiste no amar o próprio desprezo, a própria abnegação, o próprio nada. Aquela que convida a aprender do amoroso Coração de Jesus: “aprendei de mim que sou manso e humilde de Coração” (Mt

¹²⁰ Cf. VERZERI, T. E.; carta a Dom Bianchini, 17.12.1841.

¹²¹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 61.

11,29); Simplicidade admirável - a exemplo do Homem-Deus que se faz um com todos e se torna em tudo semelhante aos irmãos (cf. Hb 2,17). Também as Irmãs: comem com todos, vestem roupas comuns, conversam com cortesia e bom trato, para mostrar que não é necessário à santidade, fazer coisas extraordinárias, mas seguir perfeitamente as comuns e ordinárias; Inteira mortificação abnegação total de si, abraçando tudo aquilo que é de mais repugnante à humanidade. Foi o que Cristo mostrou ao nascer, na fuga para o Egito, na vida privada, na sua paixão e morte: “Pois também Cristo não buscou sua própria satisfação” (Rm 15,3); Caridade cordial e generosa - “o que não fez Cristo pela humanidade?” diz Verzeri, vocês também devem deixar-se conduzir como Deus quer, tendo uma vida de sacrifício procurando estudar as próprias Constituições, os próprios documentos e aprender sob o Crucifixo. Pede ainda que se busque somente a Deus em tudo, querendo generosamente agradecer somente a ele no falar, pensar e agir¹²².

As FSCJ devem, portanto se esforçar para revelar o rosto humano de Deus e para que suas ações revelem o que elas são. Que seu agir e seu sentir seja semelhante aquele do divino Coração que tanto amou e continua amando humanidade. Neste Coração estão todos os tesouros do amor e destes as FSCJ são chamadas a participar: “FSCJ quer dizer filhas do amor. E como do amor jorra todo bem, todo bem transborda nas Filhas por justa herança”¹²³. E essa não é uma afirmação gratuita, mas verdade incontestável que deve animar as Irmãs consideravelmente. Então, quanto mais elas se tornam conscientes desse dom precioso mais proveito tiram para si mesmas e para o próximo¹²⁴.

As Irmãs ao assumir a missão devem tornar o Coração de Jesus conhecido, honrado e amado, como a própria vocação o exige. Dessa forma serão também conduzidas pelo Senhor a assumir uma vida semelhante à dele, tornando-se seguidoras fiéis. Não devem ser egoístas querendo guardar esse tesouro somente para si, mas esforçar-se para que outras pessoas também participem da salvação oferecida pelo divino Coração. Verzeri diz: “não somente

¹²² VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. III, p. 482-484. (ed. em língua italiana).

¹²³ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 314 (ed. em língua italiana, tradução minha). Nas Constituições da Congregação das FSCJ, aparece na identidade carismática a intuição dos fundadores, Teresa Verzeri e Giuseppe Benaglio, ao escolher esse nome: para que “ora pronunciado, ora ouvido, seja lembrança e constante estímulo à imitação daquele Sacratíssimo Coração, todo caridade para com Deus e para com o próximo.” (Cs art. 1º, p. 11).

¹²⁴ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 314 (ed. em língua italiana).

ama, mas incentiva que amem aqueles com quem tens obrigações especiais. Infunde amor na alma de tuas Irmãs e motiva-as a amar solidamente”¹²⁵.

É preciso que as Irmãs reconheçam a condescendência do Coração adorável de Deus e com ele aprendam a ser benignas e compreensivas, compadecendo-se e perdoadando a quem sinceramente o deseja, para dessa forma proclamar a bondade e a misericórdia de Deus¹²⁶. No livro dos Deveres está escrito que

O coração é símbolo do amor e como tal é usado não somente pelas pessoas mas pelo próprio Deus: ‘doa-me, filho meu, o teu coração’ (Pr 23,26), isto é, o teu amor. E para dizer a Salomão que no templo havia morado e difundido seu amor, assim se exprime: ‘eles serão os meus olhos e o meu coração’ (1Rs 9,3)¹²⁷.

O Coração de Jesus é, pois, o símbolo e a sede daquele amor infinito, com o qual Jesus Cristo ama a Deus, quanto e como merece ser amado. E amando-o honra-o infinitamente no amor às pessoas até dar a vida por elas, sacrificando-a sobre o calvário, na cruz, entre sofrimentos extremos. Promete ainda a seus discípulos: “estarei sempre convosco até a consumação dos séculos” (Mt 28,20).

A simbólica do Coração, diz Edouard Glotin,¹²⁸ constitui antes de tudo, um lugar de confronto entre a fé a ciência. Afirma ainda, que os documentos pontifícios deixam subentendido que o coração pode ser percebido por todo ser humano como “o símbolo natural do amor”¹²⁹. A encíclica *Haurietis Aquas*, uma das primeiras a ser escritas sobre o tema do Coração de Jesus, diz que com muita razão o Coração do Verbo Encarnado “é considerado índice e símbolo do tríplice amor com que o divino Redentor ama continuamente o Pai eterno” e todas as pessoas. O coração é antes de tudo símbolo do amor trinitário que se manifesta aos seres humanos por meio do Filho. Diz ainda o documento que “o Coração de

¹²⁵ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 64.

¹²⁶ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 223. (ed. em língua portuguesa).

¹²⁷ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 309-310 (ed. em língua italiana).

¹²⁸ GLOTIN, E. *O Coração de Jesus, abordagens antigas e novas*, Este autor lançou em 2007 uma obra intitulada: *La Bible du Coeur de Jésus*, que em 2009 foi traduzida e editada na língua italiana com o mesmo nome: *La Bibbia del cuore di Gesù*. Trata-se de um material que amplia consideravelmente o aprofundamento sobre o tema do Coração de Jesus. As duas obras estão citadas aqui com pequenos acenos apenas, dado esse não ser o tema central do trabalho em questão.

¹²⁹ GLOTIN, E. *O Coração de Jesus, abordagens antigas e novas*, p. 55.

Cristo é símbolo de ardentíssima caridade, que infundida em sua alma, constitui o precioso dote da sua vontade humana”. Diz finalmente que o Coração de Jesus é símbolo do seu amor sensível, já que o corpo de Jesus Cristo, plasmado no seio da Virgem Maria por obra do Espírito Santo, supera em perfeição, e, portanto em capacidade perceptiva, qualquer outro organismo humano (HA, 34).

O Catecismo da Igreja Católica afirma: “Jesus amou a todos com um coração humano. Por essa razão, o Sagrado Coração de Jesus, traspassado por nossos pecados e para a nossa salvação é considerado o principal sinal e símbolo daquele amor com o qual o divino Redentor ama ininterruptamente o Pai eterno” e todas as pessoas (CIC 478).

As FSCJ são convidadas a corresponderem o máximo possível a esse amor que está contido no Coração Adorável de Jesus na entrega do dom de si pelo bem das pessoas, pois: “o amor não busca senão o amor, não se alimenta senão de amor, não aceita e não se compraz senão de amor.” As FSCJ devem então sentir forte e suave necessidade de unir-se *por amor, ao amor* para ser pelo amor vivificadas, consumidas e transformadas, correspondendo de tal modo a este amor que sejam realmente dignas dele. Pois disse Jesus: “quem me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele” (Jo 14,21)¹³⁰.

O Coração de Jesus sendo divino encerra em si todas as virtudes em grau perfeitíssimo: e a sua graça é infinitamente potente e eficaz. Por isso Verzeri diz às Irmãs que quaisquer que sejam as suas necessidades, encontrarão todo remédio oportuno no Coração de Jesus, pois nele todo amor se encontra. Assim se expressa: “naquele coração divino encontrareis remédio para vossos males, força nas vossas fraquezas, conforto e consolação nas angústias e nos sofrimentos. Provai-o e vereis!”¹³¹.

Percebe-se em Verzeri um desejo de que as Irmãs tivessem o quanto possível consciência do grande dom que receberam ao se tornarem FSCJ, pois dessa forma conduzirão outras pessoas a também se beneficiarem dos tesouros infinitos do Coração de Deus. Ela diz:

Não somente ama, mas incentiva que amem aqueles com quem tens obrigações especiais. Infunde amor na alma de tuas Irmãs e motiva-as a amar solidamente. Dize-lhes que o amor não é ocioso, mas age sempre; que o mais sólido amor não é sempre gostoso mas, com frequência e na maioria das

¹³⁰ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 310. (ed. em língua italiana).

¹³¹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 68.

vezes, custa e custa muito. Garante-lhe que o custo não tem comparação com que se conquista¹³².

Agindo dessa forma as FSCJ podem saciar o Coração de Jesus Cristo no seu ardente desejo de comunicar os seus bens, à medida do seu amor que medida nãoconhece. Bem aventurada aquela que pode dizer: ‘meu dileto é meu e eu sou sua’ (Ct 1,16).¹³³

Por isso as Irmãs devem que suplicar a Deus para que as iluminem a fim de que conheçam retamente o objetivo para o qual foram chamadas a este Instituto consagrado ao Coração de Jesus. Que as conduza a bem penetrar no espírito e nas máximas do mesmo para que dele não se distanciem e sejam fiéis ao que Deus lhes pede chamando a esse Instituto e a esse estado de vida¹³⁴.

Jesus Cristo convida a participar “de sua sorte, de sua vida, de sua missão”. As FSCJ são chamadas a ser “cópias fiéis” dele: pobre, vil, desprezado e sofrido, recordando que “não há servo maior que seu Senhor, nem enviado maior do que quem o enviou” (Jo 13,16). Pode ser que em algum momento de suas vidas, as Irmãs também sejam chamadas a exclamar como Jesus: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34), mas mesmo assim não devem desanimar, devem antes escutar São Pedro que diz: “na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação de sua glória, possais ter uma alegria transbordante” (1Pd 4,13).¹³⁵

Glotin acentua que “reler a paixão de Jesus em seu Coração é contemplar toda a vida do Cristo como o ato indivisível de um único sacrifício interior”. Seguindo a reflexão de Santo Agostinho ele afirma que a cruz e a Eucaristia são pois duas dimensões de um único sacrifício, onde Jesus “imolou sem tréguas o seu espírito no imenso templo do seu Coração, templo no qual ele se ofereceu continuamente, desde a sua concepção até a hora de sua morte, em modos inexprimíveis a todo espírito criado”¹³⁶.

Seguindo essa linha de raciocínio tem, pois razão Verzeri em afirmar que assumir a vida do Homem-Deus, é assumir uma vida de contínuo sacrifício. Mas justamente isso deve animá-las a constantemente serem oferecidas como vítimas em holocausto por amor, pois, diz

¹³² VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 64.

¹³³ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 314. (ed. em língua italiana).

¹³⁴ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 316 (ed. em língua italiana).

¹³⁵ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 318. (ed. em língua italiana).

¹³⁶ GLOTIN, E. *O Coração de Jesus, abordagens antigas e novas*, p. 135.

a Escritura, “também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, a fim de que sigais os seus passos” (1Pd 2,21). As Irmãs devem, portanto não somente honrar e comprazer o Coração de Jesus, mas no espírito mesmo de amoroso sacrifício, devem empenhar-se o quanto possível para que todos honrem o Coração de Jesus que por todos se sacrificou.¹³⁷ Devem cuidar de enamorar as pessoas daquele Coração com discursos sobre suas virtudes, sobre suas perfeições, sobre sua bondade e misericórdia, que sempre perdoa, nunca rejeita e a todos abraça.¹³⁸

As FSCJ são convidadas a assumir a carga de Jesus sem fazê-la pesar. A ter alegria e conforto em consumir-se em sofrimentos pelos outros, unidas Àquele Sacratíssimo Coração que termina sua vida na cruz entre dores extremas para que todos sejam bem aventurados e felizes para sempre. Se as Irmãs não conseguirem fazer com que as pessoas se voltem para Jesus, se a dureza de seus corações não lhes permite amar e reconhecer esse imenso amor de Deus, que façam elas, pois como Jesus também foram colocadas como intercessoras: Diz o texto: “a caridade, a humildade, a simplicidade, a suavidade, a mansidão, que não sabeis persuadir a outros, praticai vós com maior perfeição.”¹³⁹ Até porque se trata de glorificar o nome de Deus e colaborar para que o mesmo seja amado e santificado.

Verzeri procurou inculcar em suas filhas o quanto possível o amor ao Coração de Jesus. Essa temática está presente em muitos de seus escritos. Ela quer ajudar as pessoas a fazerem verdadeiras e significativas experiências de Deus. Embora cite algumas vezes os escritos de Santa Margarida Maria de Alacoque, a espiritualidade do Coração de Jesus que Verzeri apresenta não é aquela da *reparação*, proposta por Alacoque, mas aquela da misericórdia, da ternura e da compaixão.

¹³⁷ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 322. (ed. em língua italiana).

¹³⁸ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 325. (ed. em língua italiana).

¹³⁹ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 326. (ed. em língua italiana).

2.4 Jesus e os pobres

*Tu és o Deus dos pobres, o Deus humano e simples,
O Deus que sua na rua, o Deus do rosto queimado,
Por isso é que te falo, como fala o meu povo,
Porque és o Deus operário, o Cristo trabalhador.¹⁴⁰*

Quando se começa a estudar, analisar, aprofundar a vida e a pessoa de Jesus, percebe-se que em alguns momentos ele experimenta crises, refaz alguns de seus conceitos, aprende com as pessoas enquanto também lhes ensina. Mas há algo em Jesus que não muda, que desde o início de sua vida o acompanha: *é a sua fidelidade ao Pai e a sua opção pelos empobrecidos*. Ele mesmo se fez pobre e levou uma vida simples assumindo assim sua profunda coerência. Quando se aproximava dos que tinham posses estas, no contato com Jesus muitas vezes mudavam de opinião e geralmente mudavam seu modo de ser. Um dos casos mais emblemáticos é o de Zaqueu (Lc 19,1-10) que ao querer ver Jesus e ao estar com ele, se dispõe a não só mudar de vida, mas também a dar a metade de seus bens aos pobres e caso tenha defraudado alguém, restituir-lhe o quádruplo (cf. Lc 19,8).

Jesus viveu todos os condicionamentos e limitações da vida humana: dor, tristeza, solidão, inseguranças... e assumiu do lado mais pesado, ou seja, no meio dos pobres¹⁴¹. “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como a algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,6-7)

Teresa Verzeri usa poucas vezes a terminologia “pobre” em seus escritos, embora sua decisão de consagrar-se a Deus esteja orientada pelo amor que ela nutre por Jesus Cristo no serviço-doação a estes. Ela também assume o ser pobre, mesmo sendo de uma família nobre. Coloca os bens que tem a serviço dos necessitados e mais que isso dá todo o seu ser para que outras pessoas tenham mais vida e a tenham com dignidade (cf. Jo 10,10).

Como era uma mulher de muita ação e de rápido pensamento exortava também para que suas Irmãs não deixassem passar a oportunidade de fazer o bem, de socorrer as necessidades que a elas se apresentassem, por isso diz a estas que não tenham dúvida quando a oportunidade de atender aos pobres, pois muitas vezes quando se fica pensando muito, perde-se a oportunidade de fazer o bem. Diz: “enquanto estais calculando e meditando sobre uma necessidade do

¹⁴⁰ Missa camponesa nicaraguense, in: CODINA, V. *Seguir Jesus Hoje*, p. 218.

¹⁴¹ CRB, *Seguir Jesus: os evangelhos*, p. 15.

próximo para ver se subsiste a máxima de ‘deixar Deus por Deus’, cessa a necessidade e desaparece a ocasião de socorrê-lo. Na dúvida, escolhei socorrer o próximo”¹⁴².

Deus tem predileção pelos pobres. Ele que é compassivo e benigno, sente-se atraído por quem está em aflição, escuta-lhe cheio de compaixão os gemidos e clamores. “Socorre-o com poder, aproximando-se dele, fortalecendo-o e confortando-o. O Senhor permanece junto daquele que está sofrendo e diz: ‘estou com ele na tribulação’”(cf. Sl 91,15).¹⁴³ O amor a Deus e a busca de fazer a sua vontade, seja o que move o coração das Filhas a sacrificar-se pelo próximo. O constante sacrifício feito em favor dos outros, como consequência da própria vocação assumida, se não for animado e sustentado por motivo sobrenatural, não poderá subsistir. A pura e simples filantropia, não vai muito longe se não for animada pelo amor que se tem a Deus e com o tempo acabará perdendo o sentido¹⁴⁴.

A pobreza muitas vezes se relaciona com o poder. Só manda, só ordena, quem é dono, como em função do voto de pobreza nada se tem de próprio, de nada, portanto se é dono. Por isso, deve-se usar os bens com liberdade, como se não os tivesse. Verzeri diz: “os pobres, minha querida, agem e não mandam. Assim devemos fazer também nós que somos as mais pobres entre os pobres, não conservando nem sequer aquilo que aos pobres do mundo, é lícito gozar, se tiverem sorte.”¹⁴⁵

A pobreza, deve ser expressão do próprio ser consagrada, consequência da opção que se fez. Por isso é preciso ser pobre em tudo: usando as roupas mais modestas, os móveis mais simples, os alimentos mais comuns e menos saborosos. Isso estará de acordo com o voto assumido e faz entrar numa comunhão mais concreta e numa solidariedade mais palpável com aquelas pessoas que pouco ou nada têm. O exercício perfeito dessa virtude exclui todo o supérfluo e talvez até o necessário. Jesus é o divino modelo, acentua Verzeri: “parece-vos duro ter que trabalhar para ganhar o pão? Minhas caríssimas, se assim fazeis não sois pobres de Jesus Cristo que é amigo dos pobres e que não vos reconhecerá como suas prediletas.”¹⁴⁶

É importante que as FSCJ não se envergonhem de ser pobres no vestir e no apresentar-se, antes devem envergonhar-se de mostrarem-se ricas tendo professado o voto de pobreza. Jesus e os pobres em geral, devem ser a referência para a pobreza religiosa. Há, porém uma

¹⁴² VERZERI, T. *Libro dei Doveri* Vol. I, p. 74 (ed. em língua italiana).

¹⁴³ VERZERI, T. *Libro dei Doveri* Vol. I, p.30 (ed. em língua italiana).

¹⁴⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 50. (ed. em língua portuguesa).

¹⁴⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 90. (ed. em língua portuguesa).

¹⁴⁶ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 92. (ed. em língua portuguesa).

diferença entre ser pobre no mundo e ser pobre como consagrada. Os pobres não fizeram votos, por isso eles não precisam prestar contas, já as Irmãs, em função do voto, devem se esforçar o mais que podem para bem vivê-lo¹⁴⁷.

Aos pobres, “geralmente não se dá muita atenção, se dez vezes pedem ajuda, em oito não são bem atendidos”¹⁴⁸. Caso isso aconteça com as Irmãs elas devem consolar-se, pois dessa forma podem ser verdadeiramente as pobres de Cristo e pertencer ao grupo das pessoas que são de fato livres. Do próprio Jesus de quem as Filhas receberam essa virtude, receberão também a força para praticá-la.

As Irmãs são chamadas a imitar Jesus Cristo, que tendo assumido a natureza humana, assumiu também todas as misérias, menos o pecado; experimentou todas as necessidades bebendo o cálice das infâmias, das dores e da morte. Ele poderia ter surpreendido o mundo com sua riqueza e poder, mas não quis, ensinando com isso o caminho da humildade e quando mostrou sua divindade no episódio da transfiguração, o fez para confirmar seus apóstolos e ainda pedindo que os mesmos guardassem segredo¹⁴⁹.

No cuidado com as enfermas, é preciso que se dê atenção especial às mais pobres, na medida do possível prestando-lhes todo o auxílio necessário. Diz o texto: “vosso semblante, sempre jovial e cortês, manifeste a suavidade da vontade de Deus e a prontidão de vossa caridade, para suavizar o coração das enfermas e convidá-las a se confiarem a vós porque sois destinadas a levar-lhes a paz do Senhor.”¹⁵⁰ Assim as Irmãs agindo com essa devida caridade, enquanto as serviam haveriam de escutar as palavra de Jesus que disse: “estava enfermo e me visitaste” (Mt 25,36). Dessa forma seriam por ele mesmo consoladas ao ouvi-lo dizer: “aquilo que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40)¹⁵¹.

O Instituto, é pobre, nasceu pobre e deve continuar a sê-lo, mas nem por isso as Irmãs devem se acomodar, pelo contrário, devem trabalhar para que ele cresça e se expanda sempre mais para atingir o maior número de pessoas possível. “Onde se trabalha, aí haverá abundância; onde muito se conversa aí haverá indigência” (Pr 14,22). Em geral, as pessoas no mundo trabalham para acumular riquezas, ostentar grandeza. Verzeri diz que “o modo de administrar estabelecido nas Constituições tem relação muito estreita com o voto de pobreza

¹⁴⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 92-93. (ed. em língua portuguesa).

¹⁴⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 95. (ed. em língua portuguesa).

¹⁴⁹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 44. (ed. em língua portuguesa).

¹⁵⁰ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 241. (ed. em língua portuguesa).

¹⁵¹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 247. (ed. em língua portuguesa).

que se professa na Congregação.” Diz também que o importante “para os membros, individualmente, é uma maior desapropriação que serve muito também para manter, em todas as Irmãs o mesmo espírito e uma mais estreita união”¹⁵².

Percebe-se, portanto em Verzeri um cuidado especial para com as pessoas e manifesta grande ternura para com as mais pobres, embora deixe claro que a Congregação não deve excluir ninguém. Ela orienta as Irmãs para que cuidem diligentemente dos bens e aproveitem bem o tempo a fim de que tudo seja usado a serviço dos demais. As pessoas que querem ajudar a Congregação com seus donativos em geral são acolhidas pois podem ser ponte, canal que se estabelece entre ricos e pobres. O fundamento dessa opção é configurar-se com Cristo, é ter as mesmas opções dele. Verzeri olha para as realidades das pessoas pobres e sofridas de seu tempo, porque vê nelas o próprio Cristo e sente que pode e deve fazer algo em favor delas, pois é como se fizesse ao próprio Jesus (cf. Mt 25,31-46).

A razão fundamental do seguimento de Jesus consiste em ser é capaz de assumir uma vida parecida com a dele. Optar por ele, portanto é optar por sua causa. Neste sentido, são muitos os testemunhos de pessoas tanto daquelas que abraçaram a vida consagrada, como de outros cristãos, no tocante a opção por uma vida despojada a exemplo de Jesus.

Do primeiro grupo que deu início à Congregação das FSCJ, há vários testemunhos de que eram pessoas que viviam alegremente a pobreza convictas de estarem seguindo as pegadas do Mestre, tendo assim ocasião de melhor servir ao povo a quem Deus lhe confiava. Assim diz Verzeri:

Vivemos em muita pobreza, como modo de praticar a santa mortificação, a qual serve para o crescimento da “grei”, reavivar e conservar o espírito; bem como para ter recursos econômicos e maiores meios para socorrer e ajudar a pobre juventude, que temos entre as mãos e às doentes que a Providência confia aos nossos cuidados.¹⁵³

O testemunho das primeiras FSCJ, deverá sempre servir de referência para as que dão continuidade à obra, a fim de que possam nelas se espelhar no tocante à vida de simplicidade

¹⁵² VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 215.

¹⁵³ *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*. Vol. I, p.59.

e pobreza e assim evitar perder-se no fulgor de aparentes grandezas, tentação presente em quase todos os grupos religiosos que foram se estabelecendo desde os tempos mais primitivos.

De fato, na história da Igreja e particularmente da Vida Consagrada, constata-se que todas as vezes que os religiosos e religiosas se afastaram dos pobres perderam consideravelmente a força de seu testemunho. Victor Codina, na obra *Vida religiosa: história e teologia*, afirma: “sempre que a Igreja estabelecida é sacudida por mudanças sociais e pela nova civilização que nasce, o Espírito vem em sua ajuda. A Igreja acaba discernindo que na novidade há um chamado do Espírito, um sinal dos tempos¹⁵⁴”.

A pobreza continua sendo então ao mesmo tempo um apelo e um desafio para os cristãos em geral e para as pessoas consagradas de todos os tempos. Verzeri diz que a pobreza coloca as Irmãs entre os pobres e também as dignifica. Enriquece-as e prepara-as para a vida eterna. A pobreza, diz o texto: “suprime-vos de todo o direito, pretensão, satisfação, não somente externa, mas interna e vos dá elevados direitos e infinitos bens, eternos. Mais ainda: a pobreza vos conduz diretamente à fonte de todo o bem, de toda a felicidade: Deus. E em Deus, vos dá tudo”¹⁵⁵.

Num artigo escrito sobre os votos na Revista *Convergência*, Frei Timothy Radcliffe¹⁵⁶ destaca que eles não têm outro fim senão aquele que orienta para a *cáritas*, para o amor que é a própria vida de Deus¹⁵⁷. Quem ama a Deus deveria se vê inclinado a amar o próximo, e amar como Jesus, por isso Verzeri insiste. “Deseja e faz crescer o desejo de agir sempre mais para a glória de Deus e o bem do próximo. Sacrifica-te, sem reservas por amor a Jesus que se sacrificou totalmente, até a cruz, por ti. Dedicar-te sem reservas, com retidão, com generosidade. Confia na assistência divina, sem cessar, sem limites”¹⁵⁸. O preceito de amar a Deus compreende pois o de amar o próximo; e este preceito é, por excelência, o preceito de Deus, conforme as palavras do Evangelho: ‘este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos tenho amado’” (Jo 15,12)¹⁵⁹.

¹⁵⁴ CODINA, Víctor; ZEVALLOS, Noé. *Vida Religiosa: História e Teologia*, p. 41.

¹⁵⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 90 (ed. em língua portuguesa).

¹⁵⁶ Então superior geral da ordem dominicana.

¹⁵⁷ RADCLIFFE, T. *Os votos como celebração do amor*, Rev. Conv. Mar. 1984, p. 152.

¹⁵⁸ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 119.

¹⁵⁹ Esse tema é discutido na Teologia da Libertação onde existe quem proponha ser uma consequência natural do necessário amor a Deus e quem defenda que a opção pelos pobres é anterior e se encontra com o Evangelho e a prática de Jesus. De fato, durante muitos séculos, o Cristianismo na América Latina conviveu tranquilamente com o a escravidão, o desrespeito aos povos indígenas e a injustiça social estrutural com a massiva pobreza de

Jesus com sua vida e com sua prática deixa claro quem é o próximo. A parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37) dá a dica: é aquele que está caído à beira do caminho. Aquele que muitos não enxergam e é discriminado, enxotado, difamado. Assim como hoje, os pobres do tempo de Jesus não compõem uma massa anônima. Antonio Pagola em sua obra, *Jesus, aproximação histórica* traz a seguinte descrição:

Têm rosto, embora quase sempre esteja sujo e apareça definhado pela desnutrição e pela miséria extrema. Muitos deles são mulheres; há também crianças órfãs que vivem à sombra de alguma família. (...) Há também escravos fugidos de seus patrões demasiadamente cruéis e camponeses que fugiram de seus credores.¹⁶⁰

A III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano realizada em Puebla no ano de 1979 confirma a opção preferencial pelos pobres que já tinha sido assumida pela Conferência de Medellín em 1968. Puebla identifica alguns rostos que revelam a face do Cristo sofredor. Estas feições concretíssimas, diz o documento conclusivo, devem sempre questionar e interpelar (cf. PB 31-39).

A IV Conferência, realizada em Santo Domingo no ano de 1992, diz que “em continuidade com as Conferências de Medellín e de Puebla, a Igreja reafirma a opção preferencial pelos pobres”. Diz ainda que “esta opção não é exclusiva nem excludente, pois a mensagem de salvação está destinada a todos” (SD 16). Também Santo Domingo (n.178) convida a “descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor” (Mt 25,31-46). E acentua ainda que o “amor misericordioso é também voltar-se para os que se encontram em carência espiritual, moral, social e cultural”. O documento expressa também a necessidade de aumentar a lista dos rostos sofridos já assinalados em Puebla (SD 178, 179).

A V Conferência Geral do CELAM realizada no Brasil e mais precisamente em Aparecida-SP, no ano de 2007, também fala da opção preferencial pelos pobres e acrescenta a

grande parte da população do Continente. (essa temática está presente em debate estabelecido entre os professores Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS e Prof. Dr. Érico João Hammes, PUCRS, com o teólogo Clodovis Boff, na Revista Eclesiástica Brasileira – REB, vol. 68, fasc. 270, Abr-jun/2008, p. 277-299.

¹⁶⁰ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 222.

palavra, excluídos. Assim expressa o documento: “dentro de nossa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latinoamericanos e latinoamericanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade”. A opção preferencial pelos pobres é uma forte característica que “marca a fisionomia da Igreja latinoamericana e caribenha” (DA 391).

O documento segue afirmando que a fé da Igreja proclama que Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do ser humano, daí que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (DA 392). Os rostos sofredores dos pobres são novamente lembrados e o documento insiste: “eles desafiam o núcleo do trabalho, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (cf. Mt 25,40). “Porque em Cristo o grande se fez pequeno, o forte se fez fraco e o rico se fez pobre”. (DA 393). Os rostos sofridos identificados pelas Conferências infelizmente continuam aumentando. A Conferência de Aparecida diz que “a globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de pobres”. Por isso, continua o documento, em continuidade com as Conferências anteriores, é preciso olhar com especial atenção o rosto dos novos excluídos (cf. DA 402).

Fala-se com frequência hoje em “novas formas de pobreza”, de pessoas marcadas não só pela escassez de comida e de outros recursos necessários à sobrevivência, mas também pela falta de carinho, proteção, acolhida, segurança, respeito... Jon Sobrino,¹⁶¹ respondendo às perguntas sobre qual é o rosto de Deus que emerge da realidade latinoamericana e como a Igreja tem assumido esse rosto, dá algumas pistas a respeito desse empenho sempre necessário em diminuir a pobreza. Ele diz estar convencido que mais do que conteúdos são necessárias atitudes:

A primeira é lhes falar “com proximidade” e não qualquer proximidade, mas a de Dom Romero: “peço ao Senhor durante toda a semana enquanto vou recolhendo o clamor do povo e a dor de tanto crime, a ignomínia de tanta violência, que me dê a palavra oportuna para consolar, para denunciar, para chamar ao arrependimento”. A segunda é falar “com credibilidade”. E, de novo, não qualquer

¹⁶¹ Cf. SOBRINO, J. *O Absoluto é Deus e o coabsoluto são os pobres*, IHU on line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos p. 5-10.

credibilidade, mas a de Dom Romero: “eu não quero segurança enquanto não a deem a meu povo”.¹⁶²

Aparecida acentua ainda que a Igreja com sua pastoral social deve acolher e acompanhar as pessoas excluídas nas respectivas esferas (cf. DA 402) e isso continua sendo o grande desafio para os cristãos de hoje, pois seguir Jesus Cristo é fazer o que ele fez e viver como ele viveu. Os testemunhos de tantos seguidores e seguidoras de Jesus e entre eles, de tantos mártires, deve seguir alimentando as esperanças dos empobrecidos de hoje. Para eles a vida cristã e particularmente a vida consagrada devem continuar procurando resposta a exemplo do Mestre.

Certamente foi essa consciência e inquietação que acompanhou Verzeri quando se dispôs abraçar a obra social proposta pelo governo para que atendesse aos jovens, adolescentes e crianças de sua época. Diante dos contínuos apelos resta não esquecer e tornar sempre mais concreta na vida cotidiana o que diz a letra desta canção do poeta argentino Leon Gieco¹⁶³: “eu só peço a Deus que a dor não me seja indiferente, que a morte não me encontre um dia, solitário sem ter feito o que eu queria (...). Eu só peço a Deus: que a guerra não me seja indiferente, é um monstro grande pisa forte, toda a fome e inocência dessa gente (...).”¹⁶⁴

2.5 Jesus e as mulheres

Aqui será feita uma rápida menção sobre a atuação de Jesus junto às mulheres. Não que o tema seja desprovido de importância, mas especialmente porque não é o seu núcleo. O fato de Verzeri ser uma mulher e como tal ter marcado de alguma forma a história da sociedade e da Igreja em que vivia, faz com que não se deixe passar essa temática no presente trabalho.

A teóloga Ana Maria Tepedino¹⁶⁵, na obra, *As discípulas de Jesus*, afirma que é um dado comum aos quatro evangelhos que as mulheres integrem a assembleia do Reino

¹⁶² SOBRINO, J. *O Absoluto é Deus e o coabsoluto são os pobres*, IHU on line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos p. 08.

¹⁶³ Raúl Alberto Antonio Gieco, mais conhecido como León Gieco é um músico e cantor popular argentino, compositor e intérprete. Caracteriza-se por misturar o gênero folclórico com o rock argentino e pelas conotações sociais e políticas de suas canções em favor dos direitos humanos e solidariedade com os excluídos. (disponível em: <http://pt.wikipedia.org>). Acesso em 25 de mar. de 2013.

¹⁶⁴ Disponível em: <http://letras.mus.br/beth-carvalho/587817/>. Acesso em 25 de mar. de 2013.

¹⁶⁵ Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino, teóloga, membro do corpo docente de Pós graduação em Teologia da PUC-RIO.

convocada por Jesus. Não como componentes ocasionais mas como participantes ativas no seu ministério (cf. Lc 8,2-3; Mc 1,31). Além desses já citados aparecem ainda em outros textos bíblicos do Segundo Testamento, cura de várias mulheres realizadas por Jesus. É possível que com isso Jesus tenha procurado chamar a atenção para a situação desumana em que viviam as mulheres naquele contexto. “Ele as cura para que assim, seres humanos inteiros, elas possam participar de sua comunidade”¹⁶⁶.

Jesus levava a sério as mulheres que em geral a sociedade de sua época desprezava e excluía da vida social, religiosa ou pública. Ele conhecia seus sofrimentos e sua labuta. Sabia se relacionar com elas falando-lhes ao coração, dando respostas às suas expectativas e sede de mais vida. Um dos textos emblemáticos é o da mulher samaritana (Jo 4, 1-42) o qual diz que os discípulos ficaram admirados de que Jesus estivesse falando com uma mulher (cf. Jo 4,27). Jesus não compartilha do preconceito do seu tempo com relação a elas. “Trata-as com respeito e carinho, como filhas queridas do Pai. vive uma especial aliança com elas, fazendo emergir o ‘novo’ através desse seu relacionamento”¹⁶⁷.

A atuação diferenciada de Jesus certamente causou grande irritação em seus adversários, mas ele não se deixou intimidar. Era amigo de Marta e Maria (cf. Lc 10-38-42), vizinhas de Betânia e a quem ele tanto amava, acolheu com carinho e ternura Maria, vinda de Mágdala (Lc 8,2), mulheres enfermas como a hemorroíssa (Mc 5, 25-34 ou pagãs como a siro-fenícia (Mc 7,24-30); prostitutas desprezadas por todos (Lc 7, 36-50) ou seguidoras fiéis, como Salomé e outras muitas que o acompanharam até Jerusalém e não o abandonaram nem mesmo no momento da execução e sepultamento preparando aromas e perfumes para embalsamar seu corpo (Mc 15,40-41; Lc 23,55).¹⁶⁸

As mulheres que se aproximavam de Jesus viam em suas atitudes algo diferente do que era comum. Não se sentiam desrespeitadas, diminuídas, usadas, como costumava acontecer. No Primeiro Testamento tem vários testemunhos de mulheres que foram batalhadoras pela própria vida pela vida do povo como é o caso de Ester, Rute, Judite, entre outras. E os evangelhos, sobretudo Lucas, deixam transparecer a bondade e delicadeza de vários rostos femininos entre aquelas pessoas que estão mais próximas a Jesus. “Os Doze apóstolos o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espírito malignos

¹⁶⁶ TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*, p. 82.

¹⁶⁷ TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*, p. 82.

¹⁶⁸ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 255.

e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras, que o serviam com seus bens” (Lc 8, 2-3).

A presença das mulheres nos banquetes oferecidos a Jesus e a seus apóstolos, sem dúvida resultava como muito escandalosa (cf. por ex. Lc 7,36-50). No entanto, Jesus não as condena, “acolhe-as com o amor compassivo do Pai. Nunca aquelas mulheres haviam estado tão perto de um profeta. Jamais haviam ouvido falar assim de Deus.”¹⁶⁹ Jesus quebra o preconceito contra a “impureza legal” deixando-se tocar pela hemorroíssa por exemplo e com isso restituindo-lhe a cura (cf. Mc 15, 25-34) e curando a filha de Jairo (Mc 5,21-24.35-43), infringindo mais uma vez o preceito de pureza legal que proibia tocar num cadáver. Jesus ergue essas pessoas, tirando-as de seu “estado de morte”, porque as doenças as deixavam imobilizadas e contribuía ainda mais para sua exclusão. A cura da mulher encurvada há 18 anos, restitui-lhe a dignidade e ela de pé, pode louvar e dar graças a Deus (Lc 13,10-13)¹⁷⁰.

Jesus valoriza as mulheres não só acolhendo, perdoadando, visitando-as, mas também citando-as em suas parábolas e percebendo suas atitudes como no caso da viúva a quem ele observa atentamente enquanto os discípulos estão interessados na beleza do templo (Lc 21,1-5). Ele dá um novo rosto ao jeito de ensinar e abre novas possibilidades de inclusão. De fato, entre os deserdados, pobres, rejeitados, marginalizados... estão também as mulheres. Estas “desempenham um papel importante nesta visão evangélica da reversão social que a práxis e a palavra de Jesus trazem. Dentre as diferentes categorias de marginalizados são elas que aparecem como representativas dos pequenos e oprimidos”.¹⁷¹

São muitos os gestos e atitudes de Jesus que revelam o quanto ele deu abertura para que a figura feminina não passasse despercebida e fosse menos desprezada. Como já foi dito, são várias as mulheres que são citadas nos evangelhos como seguidoras fiéis de Jesus, entre as quais, Maria Madalena ocupa um lugar de suma importância. Dela falam todos os evangelhos (Mt 28,1; Mc 16,1; Lc 24,10; Jo 20, 1-18) Maria Clara Bingemer afirma que São Tomás de Aquino chega a defini-la como a “apóstola dos apóstolos”. Diz ainda:

¹⁶⁹ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 261.

¹⁷⁰ TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*, p. 83.

¹⁷¹ BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*, p. 47.

As mulheres são, pois, parte integrante e principal da visão e da missão messiânica de Jesus, e nela aparecem como as mais oprimidas entre os oprimidos. Elas são o escalão mais baixo da escala social, sendo vistas, portanto, como os últimos que serão os primeiros no Reino de Deus. Carregam sobre seus ombros a dupla opressão social e cultural, classista e sexista. Por isso são destinatárias privilegiadas do anúncio e da práxis libertadora de Jesus.¹⁷²

Bingemer continua afirmando que as mulheres ao lado de outros marginalizados: doentes, pobres, publicanos, pecadores, descobrem-se como seres humanos a quem Jesus valoriza, restituindo-lhes o valor e a dignidade dos filhos e filhas de Deus. Jesus com sua práxis libertadora eleva a condição feminina. Seu modo de se relacionar com as mulheres traz ainda outro componente que enriquece e complementa a proposta libertadora do Reino. Trata-se da relação que ele estabelece com o corpo da mulher. Este, normalmente considerado como objeto, a partir de Jesus ganha uma nova configuração. Acolhendo o feminino na sua totalidade Jesus “proclama uma antropologia integrada, que valoriza o ser humano em sua dimensão de corpo animado pelo sopro divino, como um todo onde espírito e corporeidade são uma só coisa”¹⁷³.

A práxis libertadora de Jesus atua, portanto onde costumeiramente a mulher é mais marginalizada e abre possibilidade de novos horizontes de comunhão a todas, proclamando o advento de uma nova humanidade na qual a imagem original criada por Deus (Gn 1,27) possa chegar à “estatura de da plenitude de Cristo” (Ef 4,13). O evangelho, portanto apresenta não mais uma realidade dualista, na qual masculino e feminino se opõem. “Oferece, antes, uma proposta de vida e de relações na qual a metade da humanidade, que continua sendo desprezada e discriminada, tem direito e acesso a uma relação humana e igualitária, adulta e responsável”¹⁷⁴. Jesus estabelece ainda uma relação diferente com Maria, sua mãe, ela também é sua discípula, que aprende com seus gestos e com suas atitudes. Guarda no coração suas palavras e se torna apóstola com os apóstolos na continuidade da missão de seu Filho. Numa única frase Maria pode continuar revelando para todos os seguidores e seguidoras de Jesus o segredo para o bom êxito da missão: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

¹⁷² BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*, p. 48.

¹⁷³ BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*, p. 49.

¹⁷⁴ BINGEMER, M. C. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*, p. 49.

2.6 Jesus e seu relacionamento com o Pai

O objetivo último da missão de Jesus é revelar o Pai. Ele é a imagem mais perfeita do Reino, a revelação do Pai que acolhe os excluídos e empobrecidos. Toda a sua vida tinha como centro, esse objetivo. A carta aos Colossenses expressa bem isso quando diz que “ele é a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). E Jesus foi fiel a esse projeto até o fim. Obediente ao Pai até a morte e “morte de cruz” (Fl 2,8). No agir de Jesus expresso nos evangelhos aparece frequentemente o termo fazer a vontade do Pai (Mt 7,21; Jo 6,3-39; Mc 3,35; Lc 8,21; Jo 8,28-29). João diz que essa vontade consiste em que todos tenham a vida eterna (cf. 17,2). E acrescenta “ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3).

Jesus no seu ser e no seu agir revelou a bondade do Coração de Deus. Dizia que fazer a vontade do Pai era seu alimento (cf. Jo 4,34). Expressou muitas vezes o seu amor a Deus: “o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou” (Jo 14,31). Por causa de sua obediência a Deus Jesus foi muitas vezes incompreendido, mas jamais recuou, pois tinha convicção da missão que deveria assumir.

O rosto magnífico que Jesus revela de Deus é o mais surpreendente de todos. Para referir essa temática Hammes¹⁷⁵ sublinha “duas principais afirmações em torno de dois temas: a intimidade e a solicitude”. A intimidade pode ser expressa como *segredo entre o Pai e o Filho*. Mateus em seu evangelho diz: “tu, porém, quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola fique em segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6, 3-4). No mesmo texto, quando se fala da oração, pede-se para que esta seja feita no quarto, na intimidade: “*ora* ao teu Pai que está lá, no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6,6). Da mesma forma, o jejum também deve ser feito em segredo e sem precisar publicar para as pessoas que se está jejuando, “mas apenas o teu Pai, que está lá no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6,18). Jesus, como Filho se aproxima, abre a porta de acesso ao Pai e comunica seu segredo a quem aceita recebê-lo¹⁷⁶. No seu modo de se relacionar com Deus Jesus revela um Deus que está muito próximo das pessoas e que é capaz de se abaixar até elas para socorrê-las em suas necessidades.

¹⁷⁵ Cf. HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 81.

¹⁷⁶ Cf. HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 82.

A outra afirmação diz respeito à invocação de Deus como *Abba*, ó Pai!, que revela a aproximação de Deus à humanidade. Hammes retoma a expressão do texto bíblico conhecido como Cântico de Zacarias ou ainda como Benedictus: “o misericordioso coração de nosso Deus” (Lc 1,78) para falar como Jesus expressa essa misericórdia. O Deus que Jesus revela é aquele capaz de deixar as noventa e nove ovelhas e ir em busca de uma que está perdida (Lc 15,4-7); que tem cuidado maternal para com seus filhos e filhas (Os 11, 1-7); que chora ante a perda de um amigo (Jo 11, 32-38); que recebe de volta o filho que havia saído de casa (Lc 15,11-32). Aqui, “define-se o núcleo mais íntimo de Deus: seu amor e sua misericórdia”¹⁷⁷.

Ainda de acordo com o que é exposto por Hammes, “os evangelhos registram uma só ocorrência da expressão ‘*Abba*’ (cf. Mc 14,36). E esta única vez é na oração de Jesus no Getsêmani pedindo para ser livre da morte”. O autor questiona o significado dessa expressão, bem como o fato de ela aparecer justamente no contexto literário da iminente hora da morte de Jesus. Ele diz que “o significado da palavra *Abba* foi muitas vezes associado à linguagem infantil e como um modo peculiar distintivo de Jesus se dirigir a Deus”. Mas chama atenção que ao menos em parte, as pesquisas bíblicas recentes voltam a insistir tanto no caráter de intimidade que a expressão revela, como no “consequente valor cristológico” da mesma¹⁷⁸.

É bastante significativo que Jesus tenha se dirigido dessa forma a Deus pois isso revela “o aspecto central da boa notícia que é a sua pregação: Deus é Pai e é Pai assim como aparece em sua vida”¹⁷⁹. Um Deus com entranhas de misericórdia (cf. Os 11,8) que se inclina para alimentar seus filhos e filhas, que os atrai com vínculos humanos e com laços de amor (cf. Os 11,4). Um Deus que conhece as angústias do seu povo, ouve seu clamor e desce para libertá-lo (cf. Ex 3,15). Um Deus enfim que é capaz de dar seu próprio filho por amor a humanidade (cf. Mt 21, 33-46...).

“O mais surpreendente”, diz ainda Hammes, “é a aproximação entre *Abba* e a iminência da morte. Talvez por isso a única menção do termo, em aramaico, se dê exatamente na oração no Getsêmani”. Chamar a Deus de Pai e senti-lo como tal, é “refazer tanto a noção de Pai como a noção de Deus. Trata-se de um Deus não mais transcendente simplesmente, mas transcendente pelo amor e misericórdia que o aproxima de quem está ameaçado ou sofre, mesmo sem suprimir o sofrimento”. Não é um Deus mágico que elimina a dor, nem tão pouco um Deus sádico que se compraz com a dor do outro. É um Deus próximo, misericordioso,

¹⁷⁷ HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 83

¹⁷⁸ HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 84.

¹⁷⁹ HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 85.

compassivo, um Deus amor no seu significado mais autêntico. Como bem expressa Hammes: “O pai está aí não para magicamente suprimir a angústia e a dor, mas para segurar a mão do Filho, vítima da prepotência humana”. E continua:

Tanto na oração do Getsêmani como no grito da cruz (cf. Mc 15,34 e paralelos) a relação de Jesus com o Pai se traduz no mistério do silêncio em que as palavras e as ações dão lugar à presença misericordiosa, compassiva e amorosa de quem está inteiramente entregue ao Outro: o Filho ao Pai e o Pai ao Filho no Espírito (cf. Hb 9,4)¹⁸⁰.

Josef Blank¹⁸¹ discorrendo sobre a relação de Jesus com Deus diz que “com sua mensagem Jesus intervém em nome do Deus libertador, gracioso e amigo” das pessoas. Ainda de acordo com o que ele expõe, Jesus “entende como Pai/Abba o Deus com quem ele fala e cujo agir libertador anuncia”. Um importante testemunho da relação de Jesus com Deus é a sua oração designada como “exclamação de júbilo”: “eu te louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Mt 11,25-26). Neste pequeno e significativo texto, segundo o comentário de Lancellotti¹⁸², “a vontade positiva de Deus não é excluir os sábios e entendidos dos mistérios do Reino”, mas indicar o caminho da humildade e da simplicidade para atingi-lo. Finalmente convém ressaltar que Jesus não quis conservar essa relação filial como um “privilegio” somente seu, mas quis que todos os seus discípulos e discípulas pudessem desfrutar dele. Por isso ele não chama de “meu”, mas de “nosso” Pai como bem ensina na oração que se tornou universal. Com sua pregação e com sua prática Jesus abriu para todas as pessoas um novo acesso a Deus.¹⁸³

2.7 Quem é Deus para Teresa Verzeri?

Difícilmente responder-se-á a contento essa pergunta ao longo desse trabalho. O que se vai tentar é apresentar algumas “centelhas” do Deus que Teresa Verzeri transmite a partir de

¹⁸⁰ HAMMES, E. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, G. (org.) *Deus Pai*, p. 86.

¹⁸¹ Cf. BLANK, J. O Jesus histórico e o Cristo da fé. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 422.

¹⁸² LANCELLOTTI, A. Comentário ao Evangelho de São Mateus, p. 116.

¹⁸³ BLANK, J. O Jesus histórico e o Cristo da fé. In: EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 422.

seus escritos, pois ela mesma em grande período de sua vida expressa sentir a Deus de um modo bem diferente daquele que comumente as pessoas formulavam. Ainda assim é possível vislumbrar um pouco de sua visão de Deus nos seus textos, sistematizados com a ajuda de José Benáglio e da bibliografia por ela pesquisada.

Verzeri diz que em Deus encontra-se o Pai de quem se recebe o ser e pelo qual se conserva a existência. Deus criou o ser humano e o chama à perfeição que é sua própria essência. Na sua sabedoria foi estabelecida admiravelmente a ordem da santificação das pessoas a fim de que participem da vida de Deus. No seu poder ele realiza o que quer e no instante que deseja. Com sua bondade visa o bem de todas as pessoas e com sua justiça deseja que todos participem de seu Reino. Deus prometeu e jurou ter compaixão das pessoas e realizou sua promessa por meio de Jesus Cristo. A carta aos Hebreus assim expressa: “muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos” (Hb 1,1-2). Na justiça de Deus todos têm direito de esperar a recompensa eterna como afirmou São Paulo: “desde já me está reservada a coroa da justiça que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos que estiverem esperado com amor a sua Aparição” (2Tm 4,8)¹⁸⁴.

Uma pessoa firmemente apoiada em Deus, a nada a ninguém deve temer, porque Deus que é forte a sustentará sempre. Quem nele confia também se tornará forte e jamais se confundirá. Por conseguinte quem conhece o Coração de Deus e contudo desconfia é indigno de receber auxílio, porque renuncia aos tesouros divinos. E continua: é preciso manter a confiança em Deus e ter receio das próprias seguranças, pois à menor das dificuldades perde-se a coragem e se cai na desconfiança. Quem verdadeiramente confia em Deus não se frustra jamais e mantém-se firme naquele que é fiel e não falta. Mesmo que tudo pareça adverso e contrário ao que se quer, é necessário “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18) porque Deus jamais deixa faltar sua presença a quem nele confia. Com efeito, “quem esperou no Senhor e ficou desiludido? Ou quem perseverou no seu temor e ficou abandonado?” (Eclo 2,12)¹⁸⁵.

A verdadeira confiança em Deus traz tranquilidade, paz, alegria, coragem e consolação tão intensas que não se podem expressar. Para quem nele confia não há confusão nem

¹⁸⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 18. (edição em língua portuguesa).

¹⁸⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 20. (ed. em língua portuguesa).

incerteza, tribulação ou desespero. Pelo contrário, acredita que todos os acontecimentos vão cooperar para a própria santificação e para a santificação dos outros, pois como diz a Palavra, “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo seu desígnio” (Rm 8,28).

Contudo, confiar em Deus é uma virtude às vezes por demais penosa, por ser absolutamente superior às forças da natureza humana. Isto especialmente em momentos de “desolação interior ou de tentação em que Deus coloca, frequentemente os que lhe são mais queridos, justamente para provar-lhes a confiança. Aqui, verdadeiramente se torna necessária uma confiança heroica”¹⁸⁶. No entanto não se deve temer, pois ele jamais se afasta de quem o busca com sinceridade.

Verzeri incentiva suas Irmãs a sempre confiar em Deus, mesmo quando experimentam as próprias fragilidades e a infidelidade. É preciso agir como a esposa do Cântico, diz, que mesmo sofrida, ferida e abatida não deixa de procurar o seu Amado e confiar ainda mais nele (cf. Ct 5,7). “Assim procedei também vós. A deficiência, o abatimento, a miséria, a corrupção que a contragosto experimentais em vossa alma, torne-vos mais ágeis e desembaraçadas no vosso caminhar para Deus”¹⁸⁷. A maior ofensa e desgosto que uma FSCJ poderia causar a Deus, continua Verzeri, seria duvidar dele, o que consistiria uma lamentável atitude.

A pessoa que anda na simplicidade, que é confiante, abandona-se aos cuidados do Senhor. Coloca em Deus tudo quanto é e possui, na alegria de poder cooperar com o projeto de Deus. Quem age contrário a isso dificilmente encontra a alegria de servir a Deus através dos irmãos e irmãs, por isso é sempre necessário desconfiar de si mesmo e abandonar-se em Deus¹⁸⁸. No livro dos Deveres há a seguinte exortação: “diletíssimas Filhas do Sagrado Coração, deveis ser animadas por um autêntico e forte amor de Deus que vos caracterize como FSCJ. O amor deve investir-vos e possuir-vos tão completamente, que, de imediato, se perceba que viveis sob o domínio do Amor”¹⁸⁹.

¹⁸⁶ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.21. (ed. em língua portuguesa).

¹⁸⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 22. (ed. em língua portuguesa).

¹⁸⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 24. (ed. em língua portuguesa).

¹⁸⁹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 27. (ed. em língua portuguesa).

A pessoa humana é sedenta da presença de Deus, mas ao mesmo tempo sabe que não pode alcançá-lo com suas próprias forças. Isso certamente traz não pouca desolação. Por outro lado, se ela persiste no amor, provará também a alegria de ser conduzida a uma vida feliz e gloriosa. Pois com a amargura e a desolação, Deus purifica de tudo quanto se opõe à felicidade da pessoa e à sua vontade santíssima, a fim de que, destruídas, mortas, consumidas pela força do amor, transforme-as e as faça viver dele, que é a luz da verdade¹⁹⁰.

É preciso fixar em Deus o olhar a fim de agradar somente a ele e conservar-se fortemente unida ao querer divino, deixando-se conduzir pelos seus caminhos. Deus quer das pessoas apenas o bem, por isso há sempre razão para confiar e esperar nele. Ela assim se expressa: “a vontade de Deus seja em tudo vosso primeiro amor”, pois somente a vontade de Deus dá a quem busca a bem aventurança e não há maior alegria ou felicidade fora dela. Ao querer divino tudo é grande e santo¹⁹¹. Mas a busca dessa vontade não deve ser passiva, às vezes é necessário apenas a ela se submeter e aceitá-la, mas às vezes é preciso colaborar ativamente com essa vontade buscando “todos os meios para cumpri-la adequadamente, trabalhando e sofrendo até seu inteiro e perfeito cumprimento” e não somente esperando pelos desígnios divinos. Jesus, após momento de grande agitação e conflito no Horto das Oliveiras, acalma-se interiormente por saber que ao dar sua vida estará realizando a vontade do Pai que é a salvação da humanidade¹⁹².

É necessário agir como fez Jesus Cristo, pois ele não somente orou nos momentos difíceis e atribulados, mas acima de tudo procurou realizar a vontade do Pai, concretizando assim a salvação do mundo, isso em meio a muitas perseguições, sofrimentos e dores a ponto de selar com a própria morte a redenção da humanidade. Assim, todo sofrimento a que possam estar expostas as FSCJ terá grandioso efeito se elas permanecerem firmes no calvário e na cruz, sem experimentar conforto humano ou divino e se forem capazes de suportar tudo até sua perfeita consumação, desejosas unicamente de ver resplandecer a glória de Deus e a salvação das pessoas¹⁹³.

¹⁹⁰ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 33. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹¹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 44. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹² VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 45. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 51. (ed. em língua portuguesa).

Uma pessoa que se deixa iluminar pela luz da verdade que vem de Deus, diz Verzeri, deixa-se também conduzir pela humildade. Dessa forma consegue ver as próprias imperfeições e falhas, procurando viver no escondimento, certa que nela não deve brilhar outra coisa, senão a luz de Deus. E uma pessoa iluminada por Deus é capaz de ver o bem em si e transmiti-lo às demais. “Aniquile-se o mundo ou torne-se a terra paraíso a ela não importa, tendo o olhar e o coração fixos em Deus, único ser que lhe interessa e fora do qual todas as coisas são um nada”¹⁹⁴.

Deus é extremamente simples e uma pessoa que o tem na mente, no coração e na vontade, revela-o luminosamente e ele nela se manifesta. Quem se aproxima de uma pessoa que manifesta a simplicidade de Deus, se aproxima do próprio Deus. Quem ama a simplicidade divina, deixa-se fascinar por ela e torna-se contagiante dessa mesma simplicidade. “Como é grande o valor de uma alma simples!”¹⁹⁵

Apesar de Verzeri falar de um modo tão suave e de certa forma atraente a respeito de Deus, nos seus escritos aparecem também elementos que revelam outro jeito de Deus se fazer presente – ou ausente – em sua vida. Ela diz por exemplo numa carta escrita a Monsenhor Speranza, um de seus confessores:

Vejo e sinto a Deus como longínquo, estranho a mim. Sinto, ao mesmo tempo, que tenho necessidade dele e de que ele esteja perto de mim. Mas para isso seria necessário que eu caminhasse com grande retidão e simplicidade, não admitindo nenhum pensamento e nenhum desejo fora de Deus. O esforçar-me a isso me daria prazer. Por vezes, não consigo compreender como Deus, que é por natureza inclinado a comunicar-se com sua criatura, resista-me assim tão fortemente!¹⁹⁶

Mas essa mesma dor e sofrimento dos quais Verzeri fala, não a afasta de Deus e a faz buscar continuamente a sua vontade, sendo-lhe por isso mesmo profundamente obediente. Ela diz: “Sinto-me necessitada de querer a vontade de Deus a todo o custo. A violência do sacrifício provoca em mim um desapego de tudo; é uma operação forte que me liga à vontade de Deus de modo que dela não posso afastar-me”¹⁹⁷.

¹⁹⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 9-10. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 50. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹⁶ VERZERI, T. E. *Carta a Mons. Speranza* – 23/6/1836.

¹⁹⁷ VERZERI, T. E. *Carta a D. Siro Ronchi*, 27 de Abril.

Assim, vivenciando momentos de grande aridez, Verzeri vale-se da palavra de seus confessores para levar adiante o projeto que para ela se tornou bem exigente. Ela é uma mulher incansável na busca de concretização de seus objetivos. Mas para percorrer esse caminho interior para o qual Deus a chamou, precisou travar uma grande batalha. A fé, que segundo ela mesma, “é lâmpada que ilumina os passos”¹⁹⁸, orienta seu caminho, mas é uma fé obscura, dura, tanto que a Igreja ao reconhecer sua santidade,¹⁹⁹ permite que ela seja implorada com as seguintes palavras: “*Ó Deus, que à Santa virgem Teresa fizeste extrair do Coração do teu Filho o Espírito de amor ao longo das trilhas obscuras da fé e da obediência ao teu querer, pelos seus méritos e à sua intercessão, dai-nos buscar sempre a perfeição da caridade.*”²⁰⁰

2.8 Paixão, morte e ressurreição de Jesus

Ao longo da história do Cristianismo a pessoa de Jesus Cristo e, sobretudo o modo como ele viveu, atraiu muitos seguidores e seguidoras. Na experiência do Deus que se fez homem assumindo a natureza humana com todas as suas consequências muitas pessoas viram uma existência autêntica e por isso mesmo digna de ser imitada. Jesus viveu em profundidade o ser gente e em nada quis fugir dessa realidade. Bruno Forte afirma:

Jesus sentiu o limiar imponderável e amargo da morte: a história de sua fé e da sua esperança, a sua vida de oração, o caminho juncado de provações da sua liberdade são prova constante disso (...). O sofredor que compreende e ama, dá forças a quem está oprimido pelo sofrimento: “vinde a mim...” (Mt 11,28-30).²⁰¹

Em geral os autores são unânimes em afirmar que a morte de Jesus foi consequência de sua vida. Como ele foi coerente à causa que abraçou não podia ter outro fim senão aquele que o conduziria a morte escandalosa, iníqua, dolorosa. Não bastasse a dor física Jesus também experimentou fortemente o sofrimento psicológico, existencial causado por seus perseguidores. Sofreu a dor da incompreensão por parte de muitos, inclusive dos próprios parentes (Mc 3,21). Ele “sente todo o peso da hostilidade que se acumula contra ele. Não se

¹⁹⁸ Cf. Livro dos Deveres, vol. I, p. 12. (ed. em língua portuguesa).

¹⁹⁹ Teresa Verzeri foi canonizada Pelo Santo Padre João Paulo II no dia 10 de junho de 2001.

²⁰⁰ Oração de Coleta para a liturgia da festa de canonização de Santa Teresa Verzeri.

²⁰¹ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 278-279.

entristece com as acusações, mas com a dureza dos corações dos quais elas provém” (cf. Mc 3,5)²⁰².

Jesus assume a morte em solidariedade com todos os “crucificados da história.”²⁰³ Coloca-se no lugar dos últimos, doa até a última gota de sangue por acreditar que a vida pode ser diferente, que o mal não deve ser a palavra final. Quando chama pessoas a que o sigam procura fazê-las compreender o grande desejo do Pai: que todos sejam libertos das amarras que conduzem à morte. Bruno Forte na obra já citada, diz: “o Nazareno tem consciência da iniquidade que está para consumir-se com relação a ele, mas enfrenta-o com a riqueza de sentido de quem vê a morte injustamente sofrida como uma doação voluntária, vivida em obediência ao Pai e fecunda de vida”. Os relatos da Última Ceia são provas disso. Nela Jesus se apresenta como o Servo que confia aos seus o memorial da nova aliança no seu sangue. Jesus aceita esse quadro de finitude que chegou também para ele, como forma de solidariedade com todos os oprimidos. Nesse contexto situa-se também o seu processo: “é a hora dos adversários, do império das trevas” (cf. Lc 22,53)²⁰⁴.

Mas a história de Jesus não termina com sua morte, ela é o um novo começo. O que continuou dando sentido a vida das pessoas que abraçaram sua causa foi a sua ressurreição. No discurso dos apóstolos, muitas vezes inflamados, nas comunidades primitivas, frequentemente eles afirmavam que o mesmo Jesus, crucificado pelas mãos dos ímpios, Deus o tinha ressuscitado (cf. At 2, 23-24).

²⁰² FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 279.

²⁰³ O termo “crucificados” ou “crucificadores da história” é frequentemente usado por Bruno Forte e Jon Sobrino, especialmente nas obras aqui citadas. Bruno Forte diz: “o Crucificado bebe até o extremo o cálice do sofrimento humano, especialmente daquele que é fruto da injustiça e do pecado de todos os crucificadores da história” (cf. FORTE, B. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História*, p. 290). Jon Sobrino justifica bem o uso do termo. Na obra, *Jesus, o libertador*, p. 367, acentua: “Povos crucificados” é a linguagem útil e necessária no nível fatural-real porque “cruz” significa não só pobreza mas também morte, e morte é aquilo que os pobres do Terceiro Mundo sofrem de mil maneiras. “Povos crucificados” é também linguagem útil e necessária no nível histórico-ético porque “cruz” expressa com clareza que não se trata de qualquer morte mas de um tipo de morte ativamente infligida por estruturas injustas – Medellín a chama de “violência institucionalizada”. “Povos crucificados” é, finalmente, linguagem útil e necessária a nível religioso pois “cruz” é o tipo de morte que Jesus sofreu, e para o crente tem a força de evocar o fundamental da fé, do pecado e graça, da condenação e salvação. Na introdução da obra que dá continuidade a anteriormente citada, Sobrino afirma: recordemos a atual situação de nosso mundo como mundo de vítimas, seu ocultamento, e a cultura de indiferença diante dele. E se no subtítulo usamos a palavra *vítima* (ou às vezes a expressão mais forte ainda de *povos crucificados*), é para que, ao menos na linguagem, resgatemos a interpelação encerrada antes no termo *pobre*. (cf. SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo, ensaio a partir das vítimas*, p. 13).

²⁰⁴ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 281.

Para os primeiros cristãos, portanto, não há dúvida de que a ressurreição de Jesus é atuação de Deus. Ele o retira da escuridão da morte e lhe dá uma nova vida. “onde para Jesus tudo acaba, Deus começa algo radicalmente novo. Quando tudo parece afundar irremediavelmente no absurdo da morte, Deus começa uma nova criação”²⁰⁵. A ressurreição de Jesus antes de ser algo isolado que somente a ele diz respeito, é o fundamento e a garantia da ressurreição da humanidade e da criação inteira. É também a garantia de uma nova vida para todos: “ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitará também a nós pelo seu poder” (1Cor 6,14). “Ressuscitando Jesus, Deus começa a ‘nova criação’. Sai do seu ocultamento e revela sua intenção última, aquilo que buscava desde o começo ao criar o mundo: compartilhar sua felicidade infinita com o ser humano.”²⁰⁶

2.8.1 O mistério pascal em Verzeri

Verzeri contemplou nos seus escritos as diferentes etapas da vida de Jesus: da encarnação²⁰⁷ à ressurreição. Refletindo os textos bíblicos no tocante ao mistério pascal ela convida as Irmãs a vivenciá-los com profundidade, pois segundo ela, quem se sente amada por Jesus a melhor coisa que pode fazer é também sacrificar-se como ele por amor.

Uma pessoa amada por Jesus deve sempre viver morrendo a si mesma e a tudo, para reviver unicamente da vida dele, mas nestes tempos deves morrer de uma morte mais dura, mais eficaz, movida e animada continuamente pela contemplação daquele que morre em meio a tão cruel agonia!... O que poderias deixar de fazer por teu Amado se o contempas crucificado por ti!²⁰⁸

Verzeri seguiu de perto os passos do Mestre pela “via crucis” não apenas contemplando, mas procurando confrontar-se com ele nos momentos de sacrifícios, nas penitências e no

²⁰⁵ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 497.

²⁰⁶ PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 498.

²⁰⁷ Verzeri escreve várias cartas e outros textos, pedindo que se contemple o mistério da encarnação, como esse tema não será diretamente tocado na presente dissertação, far-se-á apenas um aceno, a título de exemplo. Ela diz: “na encarnação do Verbo Divino tudo nos fala de amor, tudo nos inspira amor. O amor faz com que a sabedoria encarnada encontre modo de satisfazer a justiça divina e salvar o ser humano. O amor move o poder divino a fazer com que o Deus assuma a humanidade; o amor move o Verbo Divino a fazer-se homem pela salvação da humanidade”. (cf. VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.21. E em outro trecho expressa: “o maior prazer que você pode dar ao menino Jesus é dedicar-se totalmente ao bem destas pessoas queridas que, de modo especial, estavam no seu Coração no momento da redenção de todos. A busca de ajudar os outros será a melhor disposição em que você pode se colocar para receber favores gratuitos do onipotente e amoroso Jesus” (cf. VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 18.

²⁰⁸ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.36.

aprendizado cotidiano. Ela dizia que o melhor modo de corresponder à morte de Cristo seria dar a vida por ele e acrescenta: “eis, minhas caríssimas, a penitência a que todas devem aplicar-se sempre, mas principalmente na quaresma que a Igreja quer que seja vivida, para que os fiéis se disponham à participação nos mistérios sacramentais da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo”²⁰⁹.

O sofrimento de Cristo é uma forte referência para que se enfrente com coragem os próprios sofrimentos. É preciso manter-se firme em Deus, confiando na sua graça e misericórdia. A pessoa que se apoia e se abandona totalmente nele, assume qualquer empreendimento, fadiga, risco e dificuldade, pois sabe que em Deus tudo pode (cf. Fl 4,13). Assim, “caluniada, contrariada e impedida, não desanima nem diminui o entusiasmo e a coragem; mais do que nunca confiante diz: ‘se Deus está comigo, quem estará contra mim?’” (cf. Rm 8,31)²¹⁰.

As FSCJ são chamadas a serem pessoas autênticas, que se apresentem como “as pobres de Cristo, seguidoras de sua doutrina que ensina a loucura da cruz e na qual se aprende o amor”²¹¹. É preciso aprender a humildade da cruz, pois “quem se humilha será exaltado” (Lc 14,11). Portanto, carregar a cruz pelo íngreme caminho do calvário e nela deixa-se crucificar, como Jesus. Essa cruz produzirá então, como a de Cristo, frutos copiosos²¹².

As Irmãs são chamadas a assemelhar-se a Cristo Crucificado como verdadeiro ícone no qual elas devem se espelhar: “conservai-vos verdadeiramente crucificadas, suspensas da terra, pregadas de mãos e pés, cercadas de espinhos, feridas no coração, saciadas de dores, moribundas, abandonadas, privadas de conforto divino e humano, e, assim, permaneci corajosas até a consumação do sacrifício.”²¹³

Também nas perseguições deve-se manter a serenidade. É mais vantajoso para as FSCJ, que haja opositores do que pessoas que lhe tirem do reto caminho, pois enquanto o mundo as contradiz, podem dizer que não têm parte com ele, mas que pertencem a Cristo que com o mundo está em contradição. Se todas as pessoas as odiassem, deveriam consolar-se mil vezes com as palavras de Jesus Cristo: “alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa

²⁰⁹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 42.

²¹⁰ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 12. (ed. em língua portuguesa).

²¹¹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 31. (ed. em língua portuguesa).

²¹² VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 111. (ed. em língua portuguesa).

²¹³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 112. (ed. em língua portuguesa).

recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram depois de vós” (Mt 5,12). As contrariedades portanto, não apenas são preciosas para quem as vivencia, como são também para as obras realizadas. É necessário apenas continuar confiando no Senhor e permanecer em paz.²¹⁴ A atitude de uma FSCJ diante da perseguição deve ser aquela apontada por Jesus Cristo, ou seja: bendizer aqueles que as maldizem, orar pelos que as perseguem, retribuir o mal com o bem, pois assim verdadeiramente podem dizer que são filhas do Pai celeste “que faz resplandecer o sol e cair a chuva tanto para os bons quanto para os maus” (cf. Mt 5,44-45).²¹⁵

Verzeri também convida as Irmãs para se unirem a Jesus Cristo na enfermidade. Ela diz que normalmente nessas circunstâncias se encontra uma ótima oportunidade para se configurar à cruz de Cristo e oferecer-se pela glória de Deus e pela salvação de outras pessoas. “Consolai-vos pensando que o Senhor corrige a quem ama e castiga todo aquele que reconhece como filho (cf. Hb 12,6). “Portanto, considere precioso e acolha todo sofrimento interno e externo , oferecendo-o a Deus, em união com Jesus Cristo que sofre e agoniza por nós”.²¹⁶

Verzeri encoraja as Irmãs para que assumam com serenidade a realidade de finitude a que todos os seres estão submetidos. Ela diz que algo muito grandioso está reservado para quem confia e espera em Deus, por isso insiste: “permanece aqui na terra o tempo necessário para conquistar o céu para ti e para os outros: mantém-te a tudo superior, vive espiritualmente, apoia-te e repousa no sumo bem”²¹⁷. Dessa forma também se poderá afirmar: “para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21). Insiste ainda: “no sofrimento, lembrai-vos de Jesus Cristo que foi o Homem das dores. Em união com ele, ofereci o vosso padecimento e vossa vida pela salvação das pessoas, pois ‘Deus que ressuscitou Jesus Cristo, com Jesus ressuscitará também a vós’ (cf. 2Cor 4,14).”²¹⁸ Quem segue Jesus deve dispor-se a fazer como ele, transformar sua vida num oásis de amor-doação. Isso não se faz sem grande sofrimento, por isso seguir o Mestre é sempre um ato de grande entrega de si mesmo. Diz Verzeri:

²¹⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 117-118. (ed. em língua portuguesa).

²¹⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 125. (ed. em língua portuguesa).

²¹⁶ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.38.

²¹⁷ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.45.

²¹⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 133. (ed. em língua portuguesa).

Nestes dias, nenhuma pretenda suavidade e alegria espiritual, mas cada uma acompanhe Jesus sofredor ao Horto das Oliveiras, aos tribunais, ao Calvário e deixe-se crucificar com Ele, contente por poder morrer com Ele, para ressurgir depois com Ele para uma vida, totalmente nova e nunca mais morrer. Portanto, considere precioso e acolha todo sofrimento interno e externo, oferecendo-o a Deus, em união com Jesus Cristo que sofre a agoniza por nós.²¹⁹

Em outro texto Verzeri comenta que olhando para si mesma e vendo seu estado de desolação, consegue entrar em maior comunhão com as pessoas que sofrem. Escrevendo a um de seus confessores, diz que os sofrimentos dos condenados e desesperados causam-lhe horror e compaixão e parece que ela mesma pode prová-lo, mas acrescenta: “não é que eu sofra sensivelmente, pois não sou capaz de sofrer, mas vejo-me muito semelhante a eles no estado de total privação de Deus de desgosto e de vergonha que sinto Dele, na impossibilidade de qualquer bem”²²⁰.

Diante do que expõe Verzeri talvez se pudesse perguntar: como falar de um Deus ausente? Como continuar animando outras pessoas a crescerem na fé e na confiança em Deus? O que é estar à frente de um grupo de religiosas para ampará-las em suas dores e dificuldades quando se sente o próprio coração dilacerado? Verzeri expressa em outra carta que gostaria de desapegar totalmente a mente e o coração das criaturas e de tudo para colocar-se toda em Deus, mas não queria ir até ele se não fosse atraída por seu divino amor. Ela diz que até pede isso a Deus, mas ele não a escuta, não a atende. Confessa:

Se eu pudesse andar até Ele e Nele me esconder, de modo que de nada mais me recordasse fora Dele, parece-me que o faria a todo custo, mas sinto que isso não posso; por isso desejo que ele me atraia, pois Ele pode e nada lhe custa. Não desejo gosto, consolações, mas queria estar perdida em Deus, de tal forma que as criaturas, os negócios, o amor próprio não me encontrassem mais... Mas o meu Esposo não me atrai, porque não sou digna dele.²²¹

É possível que as respostas sobre as muitas perguntas feitas por Verzeri a respeito da cruz, do sofrimento e da morte de Jesus, só sejam compreendidas e talvez melhor aceitas, à luz da ressurreição. Desse modo ela bem poderá dizer às Irmãs: “alegrem-se no Senhor e

²¹⁹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.38.

²²⁰ VERZERI, T. E. *Carta a Mons. Speranza*, 20 de abril de 1838.

²²¹ VERZERI, T. E. *Carta a Mons. Speranza*, 23 de junho de 1836,

experimentem a doce alegria que ele traz àqueles que o temem e o amam. Ele triunfou sobre o pecado e também vocês triunfem, vivendo de agora em diante somente de Deus em quem está a vida eterna”²²². É como também diz Bruno Forte que somente na Páscoa a morte de Jesus “adquire aquele significado salvífico totalmente peculiar e único que, de outra forma, não poderia ter, nem mesmo à luz de sua vida vivida”²²³.

Mas o fato de falar muitas vezes da ausência de Deus em sua vida, não impede Verzeri de viver unida a Cristo confiando em sua misericórdia. Ela incentiva suas irmãs para que vivam as alegrias pascais e assim como devem sentir no próprio ser a experiência dolorosa da cruz, devem também experimentar as consolações da ressurreição: “na santa Páscoa possamos ressurgir com Jesus, o espírito seja alegre, a alma aliviada, o corpo confortado e a vontade firme em uma vida melhor. Coragem e confiança em Deus!”²²⁴

A presença do Ressuscitado é a alegria permanente e dá sentido verdadeiro à vida. É preciso não ter medo e não se apegar às próprias limitações, elas estarão sempre presentes no agir humano, mas o importante é continuar acreditando que é a graça e não o pecado que deve conduzir e animar todas as experiências humanas. Por isso Verzeri diz às suas Irmãs que deseja intensamente que tenham ressuscitado com Cristo e que por isso mesmo expressem a alegria de serem consagradas ao seu Coração mesmo se em alguns momentos isso pareça difícil devido as muitas fragilidades experimentadas. Escreve a uma delas: “Pretendo que se mantenha forte e generosa, mesmo em suas quedas e fraquezas. Quem ressuscita é o espírito; a humanidade está, ainda, sujeita ao sofrimento, mas o espírito ressuscitado deve dominar sobre a humanidade e sustentar sua fraqueza”²²⁵. Diz ainda: “é justo que aquela humanidade adorável seja glorificada no céu uma vez que sofreu tanto e com imensa caridade”²²⁶.

A força libertadora de Cristo ressuscitado atravessou os séculos levando muitas pessoas a também ser capazes de dar a vida por causa da Vida, pois o amor vence a morte, o pecado e a dor. Por isso para quem crê em Deus e na força sempre presente de seu Espírito, terá o coração voltado para as realidades mais sofridas, para amenizar o sofrimento, terá sempre uma palavra de fé e de esperança para quem delas necessita e não desanimará diante das contrariedades da vida. Verzeri exorta:

²²² VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*, p. 46.

²²³ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 287-288.

²²⁴ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*, p.38.

²²⁵ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*, p.48.

²²⁶ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*, p.45.

Qualquer mínima ação feita por amor é grande, é sublime aos olhos de Deus, é grata, é agradável ao Coração de Jesus. Isso não seja importante somente para ti, mas pensa nas Filhas do Sagrado Coração de Jesus, presentes e futuras, nos superiores, nos sacerdotes, em todos. Deseja amor para todos. Deves desejar e interessar para que todos amem o teu Amado que amou a todos.²²⁷

Verzeri diz ainda às suas Irmãs que deseja intensamente que tenham ressuscitado com Cristo e que por isso mesmo expressem a alegria de serem consagradas ao seu Coração, mesmo se em alguns momentos isso pareça difícil devido às muitas fragilidades experimentadas. Escreve a uma delas: “pretendo que se mantenha forte e generosa, mesmo em suas quedas e fraquezas. Quem ressuscita é o espírito; a humanidade está, ainda, sujeita ao sofrimento, mas o espírito ressuscitado deve dominar sobre a humanidade e sustentar sua fraqueza”²²⁸. Diz também que a festa da páscoa pode ser um excelente momento para uma revisão de vida e mudanças interiores mais profundas, por isso insiste: “desejo que tenha ressuscitado com Jesus Cristo de sua verdadeira ressurreição. Ele deixou o sepulcro para jamais voltar, retornou à vida para não morrer mais. Assim aconteça contigo: espero que saias do sepulcro do amor próprio. Fica atenta para a ele não retornares”²²⁹.

O texto evangélico que ilumina na conclusão dessas reflexões sobre a ressurreição de Jesus, é aquele dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Os discípulos que andavam desanimados, cabisbaixos, sem perspectivas, encontram no caminhante que se coloca a seu lado um facho de luz, uma brasa que se reacende pouco a pouco. Assim, o que antes era tristeza, medo, desolação, vai se transformando em alegria que faz “arder o coração”. O contato com o Mestre e sua presença à mesa, faz seus olhos se abrirem (Cf. Lc 24,31) e recuperar a esperança já ofuscada em seus corações, o que ajuda os discípulos a refazerem o caminho e reiniciar a missão.

A ressurreição então não é o fim mas um novo começo. Bruno Forte diz que a luz da páscoa dá a certeza da vitória final, porém não isenta da luta e da dor na qual as pessoas “sustentadas pelo Espírito deverão atingir o último dia. (...) A ressurreição não encerra a história na revelação antecipada do fim, mas abre o caminho do tempo, na promessa da

²²⁷ VERZERI, T. E. *Lettere della serva di Dio*, Vol. II, p. 68.

²²⁸ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p.48.

²²⁹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 47.

presença consoladora do Deus trinitário, para o futuro que ele prepara”²³⁰ para o ser humano e com o ser humano.

Um texto de Nelson Mandela, ou pelo menos atribuído a ele diz: “todos nós fomos feitos para brilhar como as crianças brilham. Nós nascemos para manifestar a glória de Deus. Isso não ocorre somente em alguns de nós, mas em todos. Enquanto permitimos que a nossa luz brilhe, nós, inconscientemente, damos permissão aos outros para fazerem o mesmo...”²³¹. A luz do ressuscitado é o que continuará iluminando todas as realidades humanas. “A salvação oferecida em Jerusalém, na história singular do Crucificado-Ressuscitado, se estenderá de Jerusalém a todos os confins da terra, até que volte aquele que veio” (cf. 1Cor 11,26)²³².

Na obra intitulada “a fé em Jesus Cristo”, Jon Sobrino conta que em certa ocasião Ignacio Ellacuria²³³ falou do seguimento de Jesus, como algo a ser vivido “já como ressuscitados na história”. Ele diz que essa expressão lhe chamou muito a atenção pelo fato de o seguimento se assim vivenciado remete ao “seguimento de Jesus com o plenificante e o escatológico”²³⁴. O autor segue desenvolvendo o tema com suas respectivas implicações, mas o que aqui se quer evidenciar é apenas a expressão já salientada: viver o seguimento como ressuscitados.

Provavelmente esse seja um dos grandes desafios para o Cristianismo nos dias atuais, portanto cabem as perguntas: como manifestar a alegria de seguir Cristo num mundo tão desencantado e por outro lado com tantas opções como é o de hoje? É possível manifestar a alegria de seguir Jesus Cristo mesmo em meio a tanta dor e sofrimento? Como, a quem transmitir essa alegria? Questões como essas podem ser muito simples de ser respondidas mas também dão o que pensar.

De qualquer forma, quando se lê os evangelhos e contempla-se o perfil das pessoas que se colocam no caminho do seguimento de Jesus, percebe-se que há uma mudança

²³⁰ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 314.

²³¹ Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTkwMzI5/>. Acesso em 08 de abr. de 2013.

²³² FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 315.

²³³ Jesuíta, que juntamente com outros companheiros, uma funcionária e sua filha de 15 anos, foram brutalmente executados por soldados do Exército Nacional no dia 16 de novembro de 1989, em San Salvador, El Salvador, durante a guerra civil que abalou aquele país entre 1979 e 1991. (disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/sobre-ihu/ignacio-ellacuria>. acesso em 25 de jul. 2013).

²³⁴ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p. 25.

significativa em suas vidas a partir dessa aproximação. A alegria que elas experimentam parece diferente de qualquer outra que possam ter sentido anteriormente. Isso faz lembrar o que está escrito no Evangelho de João quando diz: “deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá” (Jo 14,27). Então quando se vive verdadeiramente um encontro com Jesus Cristo, logo se sente o desejo de transmitir essa boa nova, que é ele mesmo, a outras pessoas e ninguém dá uma boa notícia sem manifestar alegria.

Na primeira visita que o Papa Francisco fez ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, chamou constantemente os jovens e aos cristãos em geral para que transmitissem a alegria de seguir Jesus Cristo. Na homilia da missa em Aparecida Brasil, ele destacou três posturas fundamentais que devem caracterizar a vida cristã: conservar a esperança, deixar-se surpreender por Deus, viver na alegria²³⁵.

Então, a alegria de seguir Cristo deveria ser uma constante na vida de seus discípulos e discípulas. Nisto pode estar uma das razões pelas quais segui-lo como ressuscitados, ou seja, mostrando que para além de qualquer circunstância, valerá sempre a pena estar com ele. Essa parece ter sido a experiência dos cristãos nas primeiras comunidades. O livro de Atos testemunha que os apóstolos depois que foram presos, açoitados, torturados, ao saírem do recinto do sinédrio, regozijaram-se por terem se achado dignos de sofrer afrontas por causa do nome de Cristo (cf. At 5, 41).

Verzeri convidou muitas vezes suas Irmãs a se alegrarem, mesmo se no sofrimento, na dor, na enfermidade, porque tudo isso as conduziam para mais perto do Coração de Jesus e nele encontrava sentido para toda ação feita em favor dos irmãos e irmãs e particularmente para aqueles mais necessitados.

A configuração com a pessoa de Jesus Cristo vai, pois, dar um sentido sempre renovado para continuar seguindo seus passos na certeza de que a última palavra será a da vida e vida plenificada.

²³⁵ Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/keywords/papa-francisco>. Acesso em; 26 de jul. 2013.

3 O DOM CARISMÁTICO DE TERESA VERZERI HOJE

O chamado que Teresa Verzeri ouviu para iniciar uma obra a fim de que outras pessoas tivessem mais vida, atraiu outras mulheres para se engajarem nesta causa. O pequeno grupo do começo, num curto período de tempo cresceu rapidamente. Depois dos primeiros anos vividos em Bérgamo-Itália, logo se sentiu a necessidade de abrir comunidades em outras cidades vizinhas, em Roma e mais tarde, em outros continentes²³⁶.

Nesta seção pretende-se, de alguma forma, demonstrar como é continuada na atualidade a obra iniciada por Verzeri. Na *primeira parte* retomam-se alguns conteúdos extraídos dos escritos de Verzeri e iluminados também por textos cristológicos. Na *segunda*, em grandes linhas, vai se tentar mostrar como concretamente as FSCJ expressam o carisma nas diferentes realidades em que atuam.

3.1 O serviço de amor ao próximo

Verzeri entendia como serviço aos pobres o colocar-se à disposição deles, amparando em suas necessidades e sofrimentos. Para bem concretizar isso nada melhor do que a prática do amor, da caridade. Este amor/caridade tem duas vertentes fundamentais que são aquelas apresentadas nas Sagradas Escrituras: o amor a Deus e ao próximo. O amor de Deus tem significativas características: ele é *puro* – possui asas de fogo, e com isso se quer indicar sua prontidão e intensidade. Ele não somente voa, mas se eleva acima de tudo. Dessa forma, uma pessoa que age movida pelo amor de Deus, eleva-se acima de todas as coisas humanas, “para em perfeita liberdade e simplicidade, viver do puro amor de Deus”²³⁷.

Esse amor também é *operoso*, é chama ardente. É sempre ativo e jamais negligencia. Assim, uma pessoa que se deixa conduzir pelo amor sente a “suave necessidade” de sempre mais arder em si mesma e ao mesmo tempo comunicar esse ardor aos corações, não descansando até que todos estejam abrasados. O amor divino é ainda, *paciente*. Se muitas pessoas falam do amor, bem poucas compreendem em que ele consiste e uma das maneiras

²³⁶ A expansão para outros continentes aconteceu somente anos depois da morte de Verzeri e Benaglio. Antes de morrer, porém, eles manifestaram o desejo de que outras comunidades fossem abertas para além dos limites europeus. O único continente em que a congregação não se faz presente hoje é a Oceania.

²³⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.27. (ed. em língua portuguesa).

para se perceber se o amor está crescendo numa pessoa é por meio de suas ações. Na capacidade de se colocar a serviço dos outros mesmo enfrentando sofrimentos, está então o verdadeiro amor. Este por sua vez tem a força de libertar o coração de tudo aquilo que não é Deus. Quando uma pessoa se torna livre de si, assume a vida de Deus.

O amor não exige necessariamente que se percorram extraordinários caminhos nem que se vivenciem sofrimentos extremos. Muitas vezes Deus conduz as pessoas por caminhos bem planos e é nas pequenas provações cotidianas que se deve revelar o amor a Deus, é aí que sua ação se torna fecunda. Insiste, pois: “é então que Deus vos quer amorosamente fiéis e generosas. Se assim vos encontrar no pouco, sobrecarregar-vos-á com sua mão bendita e, por grande bondade, vos fará experimentar o muito”²³⁸. Qualquer que seja o caminho pelo qual o amor conduz uma pessoa, ele será muito ativo e exigirá ação. Com efeito, a prova certa do amor são as obras” (cf. Tg 2, 14-17)²³⁹.

Como enfatiza J. Sobrino, o agir, se concretiza de maneira mais eficiente na atitude de amor para com os pobres. Ele diz que o mundo dos pobres não é apenas uma exigência para o pensamento senão também uma vantagem para o conhecimento, “é uma luz que ilumina seus conteúdos”. E acentua que no mundo dos pobres existe uma luz que permite com que a inteligência vislumbre temas que dificilmente se veria sem essa luz. Então, “a luz não é o que se vê, mas o que faz ver”. A opção pelos pobres, insiste, é mais do que uma opção pastoral, é também uma opção totalizante por ver a totalidade, porém de forma consciente e a partir de um lado. Com isso não se reduz a uma de suas partes, mas se espera “que a partir dos pobres se veja mais e melhor do que de qualquer outra parte”²⁴⁰. Para a Cristologia portanto, usar a luz dos pobres significa inserir-se melhor na totalidade de Cristo.

O mandamento de amar a Deus inclui também o amor ao próximo que é o mandamento do Senhor por excelência: “este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amo” (Jo 15,12). De fato, o amor que se ordena ao próximo é ordenado como sendo dirigido ao próprio Jesus Cristo (cf. Mt 25,31-46). “Mais ainda, quem ama a Deus, não pode deixar de amar o seu próximo, imagem viva de Deus que o criou à sua semelhança”²⁴¹.

²³⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 28. (ed. em língua portuguesa).

²³⁹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p. 40. (ed. em língua portuguesa).

²⁴⁰ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*, p. 56-57.

²⁴¹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.49. (ed. em língua portuguesa).

O amor às pessoas deve ser “desinteressado”, livre e gratuito, de modo que ficaria mal para uma FSCJ que não desse o melhor de si, não se sacrificasse o máximo que pudesse, a fim de que outras pessoas pudessem ser salvas, sendo este o grande desejo do coração de Deus. Diz, no livro dos Deveres:

Ficai sabendo que deveis prestar contas a Deus justo e bom que pede vossos sacrifícios em favor daqueles que lhe custam sangue. Ele vos confessou, a fim de que trabalhásseis pela sua salvação. Jurou tratar-vos e favorecer-vos com a mesma medida com que tratais e favoreceis a quem ele conquistou com seu sangue precioso²⁴².

A mesma caridade que se deve ter para com o próximo as Irmãs também devem cuidar para exercê-la entre elas, mas sem descuidar da vida de oração que é o que dá sustento para toda ação, portanto, “as Filhas deste Instituto devem ter o zelo dos apóstolos e o recolhimento dos anacoretas, para visar, como é seu dever, à santificação própria e à salvação do próximo”²⁴³. Para fazer o bem, portanto, é preciso estar muito unida a Deus, buscando encontrar nele toda a força necessária, do contrário não haverá frutos e caso a semente brotasse teria pouca duração.

3.2 A chama da fé

Para exercer a caridade, desdobrando-se em amor para com o próximo, que está caído à beira do caminho (cf. Lc 10, 25-37), é necessário que se mantenha acesa a chama da fé. A sublimidade da vocação das FSCJ requer uma fé vivíssima. As dificuldades que as acompanham exigem heroísmo, para que possam sustentar-se na fé, pois “a fé é o fundamento de todas as virtudes, é o princípio da vida sobrenatural e do mérito, a norma do agir para agradar a Deus”²⁴⁴. Se as FSCJ tivessem que morrer martirizadas para testemunhar a firmeza e o apreço da fé, deveriam se sentir bem aventuradas, no entanto, sem serem mártires de

²⁴² VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.51. (ed. em língua portuguesa).

²⁴³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.52. (ed. em língua portuguesa).

²⁴⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.11. (ed. em língua portuguesa).

sangue enquanto viverem, são chamadas a sustentar o martírio de outro modo, para que se mantenham numa contínua oferta de si na fé e pela fé²⁴⁵.

Sobrino²⁴⁶ afirma que a vida de Jesus está escrita a partir da fé e esta revela um crescimento à medida que vai se descrevendo e conhecendo mais sobre ele. Contudo, “no Novo Testamento e no decorrer da história a fé em *Jesus Cristo* não significa apenas tomar posição diante de *sua* realidade (divina e humana), mas exprime, de maneira inédita, aquilo que é essencial a toda fé religiosa; tomar posição diante da *totalidade* da realidade”. E ainda, concretamente, como as pessoas depositam confiança em uma realidade absoluta que dá sentido à existência e, ao mesmo tempo, acham-se abertas e disponíveis frente “ao mistério não manipulável da realidade”. Mais ainda, “como ouvem as promessas e boas notícias e ao mesmo tempo se encarnam em decepções e crueldades, sob o peso da realidade”. Em suma, como vivenciam as diferentes intempéries da história ao mesmo tempo profundamente envolvidas num mistério inexprimível²⁴⁷.

Verzeri prossegue dizendo que a fé leva ao conhecimento de Deus e o mostra como “única e substancial felicidade da vida presente e futura”. Através dela se pode esperar de Deus por meio de Jesus Cristo, os meios necessários para alcançar a bem aventurança eterna assim como a virtude para superar todos os obstáculos. Ela deve estar sempre presente no ser e no agir de todo cristão. Verzeri acentua: “somente a fé pode nos tornar inabaláveis e santas, porque só ela é inabalável e santa”. É preciso pois, consultá-la sempre em “situações difíceis e em passos perigosos”. A fé é, pois, essa lâmpada que clareia os caminhos, que faz ver em profundidade. Ela orienta as pessoas para não se prenderem apenas às coisas humanas e terrenas, mas conduz às mais elevadas, “fazendo perceber cada coisa em sua verdade e recusando toda falsidade”. Ela é amparo e sustento em toda sorte de tribulações²⁴⁸.

As Irmãs são chamadas a abandonarem-se em Deus, por meio da fé e da confiança que se pode depositar nele, pois Deus é o autor da fé, ancorando-se nela, no próprio Deus se fixa e, de olhos fechados se pode abandonar inteiramente nos braços da Divina Providência. Com

²⁴⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.11. (ed. em língua portuguesa).

²⁴⁶ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo, ensaio a partir das vítimas*.

²⁴⁷ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo, ensaio a partir das vítimas*, p. 11. (grifos do autor).

²⁴⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.12. (ed. em língua portuguesa).

efeito, “nada é mais adequado e necessário a uma esposa de Jesus Cristo de que esse generoso abandono que exprime confiança e repouso naquele que é objeto de seu amor”²⁴⁹.

A fé produz uniformidade à vontade de Deus, de modo que nada pode abatê-la. Ela impulsiona para Deus e apresenta cada acontecimento como “permitido ou ordenado por ele”. E qualquer que seja a ação divina, ela não visa outra coisa senão ao bem maior da pessoa. Quem recebeu a graça da fé e pode saboreá-la, compreenderá com mais facilidade as pessoas que ainda não a receberam e delas deverá ter compaixão. Verzeri exorta assim as Irmãs:

Vosso coração, minhas caríssimas, que deve ser cheio de compaixão para com todos, seja-o especialmente para com estes que já têm maior direito à vossa compaixão. Implorai para eles a luz da fé, sobretudo para os infieis que a desconhecem totalmente e dela são mais distanciados. Dessa forma se estará em conformidade com a Palavra que diz: “acolhei o fraco na fé...” (Rm 14,1)²⁵⁰.

Comblin afirma que a fé em Jesus é também fé no caminho dele. O evangelho de João apresenta Jesus como caminho (cf. Jo 14,6) e este não é outro senão a sua vida humana. Como todo ser humano Jesus também teve sua trajetória, sua estrada própria. Crer nele significa também crer num caminho escolhido por ele e eleger uma via semelhante. “Os evangelhos descrevem o caminho de Jesus e mostram também como esse caminho conduz ao martírio. Por isso, de certo modo, o caminho é representado pela cruz”. A cruz, no entanto não pode ser separada do que a antecedeu, portanto na vida de Jesus ela é consequência de sua ação “durante todo o seu ministério profético”²⁵¹.

As FSCJ são convidadas a mostrar a todos os efeitos da fé, com as atitudes, com o falar, com o próprio sofrimento e com as virtudes. Com isso pode-se conceder ajuda e conforto de modo que as pessoas encontrem incentivo para estimar a fé, abracem-na e nela conformem-se, pois, a fé ensina que tudo acontece de acordo com o plano de Deus, estabelecido pela sua sabedoria para que a ele se glorifique e resulte em bênçãos, pois “dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda eternidade! Amém” (Rm 11,36)²⁵².

²⁴⁹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.13. (ed. em língua portuguesa).

²⁵⁰ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.14-15. (ed. em língua portuguesa).

²⁵¹ COMBLIN, J. *O Caminho*, ensaio sobre o seguimento de Jesus, p. 105.

²⁵² VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.15. (ed. em língua portuguesa).

3.3 Vida de oração e oração na vida

Para que a fé seja alimentada e cresça sempre mais, Verzeri convida suas Irmãs a uma intensa vida de oração e pede também para que rezem por todas as pessoas, pois esse é um dos meios mais eficazes para ajudá-las. Ela diz: “todos que sofrem necessidades devem mover-nos à oração. Rezai pelos inimigos e perseguidores imitando vosso Esposo Jesus que na cruz rezou pelos seus algozes”²⁵³.

Para as jovens que se sentem inclinadas a abraçar o estado religioso, Verzeri estimula suas Irmãs que lhes ensinem o caminho da oração, pois através desta se pode conhecer a vontade do Senhor. A oração ajuda a permanecer com o coração em Deus e a ele entregar todas as pessoas. Verzeri diz: “quantas vezes chegam às nossas casas, pessoas, jovens e adultas, enfermas e talvez até mortas na alma e partem ressuscitadas!” E tudo isso por força dos dias que as Irmãs se entregam à prática da oração. Acrescenta, portanto: “quão preciosos são tais dias que realizam tão feliz transformação!”²⁵⁴

A oração não esteve presente na vida de Verzeri e dos cristãos de todos os tempos, por acaso. Se as pessoas que seguem ou seguiram a Jesus aprenderam a orar é porque antes tiveram no próprio Jesus o exemplo. De fato nos evangelhos aparece o pedido que os discípulos de Jesus lhe fazem para que lhes ensinem a orar (cf. Lc 11,1) e estes têm o seu pedido atendido. Mais do que com palavras Jesus ensina a oração com a vida, com seu testemunho.

Os evangelhos mostram que Jesus rezava muitas vezes. Sobrino diz que os sinóticos apresentam Jesus como um orante judeu: ele dá graças à mesa (Mt 15,36); observa o culto sabático e ora junto com a comunidade (Lc 4,16). Ainda de acordo com os evangelhos, Jesus também fazia muitas vezes sua oração pessoal na intimidade com o Pai. Em Lucas sua vida pública começa com uma oração (Lc 3,21) e todos os evangelhos narram o término de sua vida com uma oração que é interpretada de diversos modos: como oração de angústia, de esperança ou de paz. Todos, porém são unânimes em afirmar sua explícita relação com Deus através da oração (Mt 27,46, Mc 15,34; Lc 23,46; Jo 19,30). Entre o começo e o final, toda a vida de Jesus aparece permeada pela experiência da oração. Jesus aparece orando em

²⁵³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.79. (ed. em língua portuguesa).

²⁵⁴ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 223. (ed. em língua portuguesa).

momentos de decisões históricas, como na escolha dos Doze (Lc 6,12s) e na cura do epilético (Mc 9,29). Ora também por Pedro (Lc 22,32) e por seus algozes (Lc 23,34)²⁵⁵.

Ainda de acordo com o que diz Sobrino, Jesus também fala a respeito da importância da oração, sobretudo em ocasiões difíceis e significativas, como quando afirma que certos tipos de demônios só se expulsam com jejum e oração (cf. Mc 9,29) ou quando relaciona a oração com a convicção da fé (Mc 11,23s). Os sinóticos afirmam ainda que Jesus se retirava muitas vezes para orar em lugares desertos, a um monte ou a algum jardim (horto) (Mc 1,35, Lc 6,12). Num de seus textos Lucas afirma: “Sua fama ia crescendo e numerosas multidões corriam para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades. Ele, porém, se retirava para lugares solitários e se entregava à oração” (Lc 5, 15-16).²⁵⁶ Logo, se conclui que a oração estava muito presente na vida e missão de Jesus e conseqüentemente deve ser algo também muito presente na vida de quem o segue.

Com o intuito de ajudar sempre mais suas Irmãs a crescerem no espírito de oração e na importância desta no cotidiano, Verzeri diz, por exemplo, que não somente com o trabalho se pode ajudar os doentes, mas também com a oração. Diz ainda que aquilo que não se consegue obter nem com palavras, nem com as obras, com certeza se alcançará com as preces, sobretudo se estas forem fervorosas e constantes. Pede que a oração seja feita não apenas pessoalmente, mas também no âmbito comunitário. E insiste: “não há coração, por mais endurecido que seja, que tocado pela graça divina, não ceda; e não há graça, por maior e especial que seja, que ao pedido e à força da oração, não seja obtida”²⁵⁷.

Jesus Cristo é o modelo por excelência, diz Verzeri, por isso as FSCJ devem se espelhar constantemente nele e fazer dele o objeto de suas meditações. Devem procurar fazer todo esforço para tornar-se a ele semelhantes. Meditando solidamente em Jesus Cristo e aprofundando-se nele com a ajuda de Deus, pode-se encontrar uma luz puríssima que estará sempre presente, descobrindo-se assim as qualidades sobre humanas do Homem-Deus. Dessa forma se verá maravilha “o considerar a perfeição daquele espírito, a pureza daquelas virtudes, a eficácia daquelas operações, que embora se apresentem comuns e ordinárias, são em excelência superiores infinitamente a todos, pois que são de um Homem-Deus e são

²⁵⁵ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*, p. 207.

²⁵⁶ SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*, p. 207-208.

²⁵⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 246. (ed. em língua portuguesa).

animadas e recebidas da divindade”²⁵⁸. Acrescenta: Feliz aquela pessoa que sabe adentrar-se na excelência que esconde a vida de Jesus Cristo.

Verzeri prossegue dizendo que a oração é o meio mais ordinário do qual se serve o Senhor para introduzir as pessoas no conhecimento dele; dessa forma se pode adentrar nos mais escondidos abismos de sua perfeição e ele manifesta seus mistérios mais profundos. Uma vez que a pessoa se introduz e se coloca na contemplação de Deus, ali se dá a união, portanto a transformação no próprio Deus. É como diz a Palavra: “aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito” (1Cor 6,17). Tudo isso se obtém, conclui Verzeri, com a meditação de Jesus Cristo²⁵⁹.

Verzeri salienta que na oração não se encontram somente momentos de consolação e de paz, mas para além da doçura do Tabor, é preciso ter o coração voltado para as penas futuras do Calvário. Por isso a FSCJ deve oferecer-se a qualquer sofrimento que o bom Deus o possa dispor ou permitir para a purificação e perfeição de sua alma. Verzeri Pede, portanto as Irmãs que procurem conformar a própria vontade, à vontade divina e unir a ela todos aqueles sacrifícios que tornarão necessários ou úteis para sustentar nas provações²⁶⁰. Segue exortando as Irmãs a que não descuidem da oração e tenham sempre como referência o próprio Jesus que se sacrificou totalmente até a cruz. Abandonar-se em Deus constituía para Verzeri um dos meios mais eficazes de estar unida à sua vontade, por isso repete continuamente: “forma o teu coração conforme a retidão do Coração de Jesus Cristo. Com ele aceita o sofrimento, a vida oculta, a humildade, a mortificação, a pobreza e a simplicidade”²⁶¹.

Verzeri era também uma mulher de muita oração. Dino Donadoni escreve que numa ocasião em que Verzeri estava em Spoleto e rezava na Igreja dos jesuítas deixou registrado o seguinte:

...um íntimo sentimento de união que durou cerca de uma hora. Enquanto eu estava com meu Deus, dizia-lhe: Ah! Fazei-me toda santa, do modo pelos meios que vós queirais; disto não me preocupo: se é do vosso agrado que seja santa, sem que eu o saiba e sem o que o saiba quem me dirige e

²⁵⁸ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 138. (ed. em língua italiana).

²⁵⁹ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 140. (ed. em língua italiana).

²⁶⁰ VERZERI, T. E. *Libro dei Doveri*, vol. II, p. 156. (ed. em língua italiana).

²⁶¹ VERZERI, T. E.; BENAGLIO, G. *Palavras que permanecem*. p. 110.

toma cuidado por mim, fazei-o sem constrangimento, mas amparai-me vós!²⁶²

Essa união com Deus a mantinha unida a ele por quem nutria grande confiança e orientava suas Irmãs para que assim também o fizessem. Escrevendo a uma delas, diz: “deixemos Deus agir. Vivamos dele, nele e por ele, numa atitude de serena submissão e confiança nas suas disposições, adorando seus imperscrutáveis desígnios que ultrapassam nosso entendimento”²⁶³. Diante da proposta que se tinha de unir o Instituto a outro de espiritualidade semelhante, não vendo muito claro ser essa a vontade de Deus, Verzeri também estimula a que se busque em Deus o dom do discernimento. Numa carta diz: “reze muito ao Senhor para que manifeste com clareza a sua santíssima vontade: não se deseja outra coisa que conhecê-la para abraçá-la”²⁶⁴. Enquanto esperava em Roma a aprovação das Constituições, escrevendo às suas Irmãs diz: “até agora tudo correu bem, mas é preciso rezar sempre, para que Deus continue a ajudar-nos com a sua bênção, pois o homem muda e mudam todas as coisas se Deus não as fixa e estabelece”²⁶⁵.

A oração vai, portanto, permeando a vida de Verzeri e a de suas coirmãs. Às vezes, como já foi expresso, ela revela grande conforto em Deus e convida às demais a também se abandonarem nele. Mas às vezes sua oração é também um grito de quem procura entender o que acontece consigo mesma quando diz, por exemplo: “meu coração está seco, árido: não é capaz de suspirar nem de amar a Deus; nem mesmo sabe falar-lhe...”²⁶⁶. É o desabafo de uma mulher que se vê chamada por Deus para levar adiante uma missão, mas que muitas vezes se sente incapaz de conduzi-la. Contudo, segue confiando. Em outro escrito afirma: “Deus está comigo no modo mais oportuno para mim e me envolve, me toca, me possui amorosamente”²⁶⁷.

Verzeri acredita também nas pessoas que estão do seu lado, sejam seus confessores e orientadores espirituais, sejam suas próprias Irmãs que darão continuidade ao que ela iniciou cumprindo o chamamento divino. Ela diz: “Todas as que têm boa vontade, critério sólido,

²⁶² DONADONI, D. T. *É fácil falar em amor*, p. 88.

²⁶³ VERZERI, T. E. *Lettere della serva de Dio*, vol. V, p. 78.

²⁶⁴ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 122.

²⁶⁵ DONADONI, D. T. *É fácil falar em amor*, p. 88.

²⁶⁶ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 303.

²⁶⁷ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 306.

adaptar-se-ão facilmente e de coração ao espírito do nosso Instituto, assim que o conhecerem nas suas verdadeiras características...”²⁶⁸ É o que se almeja, que as FSCJ possam atualizar sempre em suas ações o que desejaram os fundadores para a Congregação, sem perder de vista o que constitui seu eixo fundamental: o coração amoroso de Deus voltado para as necessidades das pessoas, e sem descuidar do que diz a Escritura: “quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11).

3.4 Atualidade do dom carismático das FSCJ

As Filhas do Sagrado Coração de Jesus estando inseridas no mundo em contínua mudança, procuram seguir os passos do Mestre, sendo também iluminadas pelo que antes já sugeriram seus fundadores. Desde a fundação eles sempre insistiram para que as FSCJ não caminhassem por caminhos paralelos, mas que se inserissem em atividades dentro da Igreja, procurando dialogar, propor e inclusive rezar pelos pastores. O livro dos Deveres registra:

Interessai-vos pela exaltação e propagação da Santa Igreja e rezai incessantemente por ela. Amai a Igreja com ternura: é vossa Mãe. Tende para com ela sincera e respeitosa submissão. Desejai a felicidade de derramar vosso sangue, como os mártires, para defender seus ensinamentos²⁶⁹.

A atividade missionária da congregação procurou, portanto caminhar com a Igreja, seguindo seus ensinamentos e vivenciando suas preocupações. Uma delas, é a pastoral social que a acompanha desde os seus primórdios e que ao longo do tempo foi ganhando sempre força dado aos desafios que foram surgindo. Um dos sumos pontífices a dar ênfase a dimensão social da Igreja ainda no século XIX, foi o papa Leão XIII (1878-1903) especialmente com a publicação da encíclica *Rerum Novarum* (1891) na qual ele afrontava grandes questões vivenciadas pela sociedade e entre elas a dignidade do trabalho humano.

Esta encíclica inspirou várias outras no decorrer dos anos, para que a Igreja sempre tivesse um olhar voltado para as diferentes realidades humanas, sobretudo aquelas mais sofridas. A *Gaudium et Spes* com razão pode dizer que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” das pessoas de todos os tempos e principalmente dos pobres e de

²⁶⁸ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 210. (ed. em língua portuguesa).

²⁶⁹ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. I, p.77. (ed. em língua portuguesa).

todos os que sofrem, são também “as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”; sendo que não existe “nada de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração” (cf. GS 1).

A preocupação em ter um olhar voltado para as diferentes realidades do sofrimento humano, muitas vezes provocado por situações injustas, está presente em vários documentos pontifícios bem como nos sínodos e conferências realizadas em todo mundo. As atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), trazem como uma de suas cinco grandes urgências, “o serviço da vida plena para todos”. Entre outras afirmações, inspirada também no documento de Aparecida, diz o seguinte:

A Igreja no Brasil sabe que “nossos povos não querem andar pela sombra da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo”, por isso proclama com vigor que “as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafia os discípulos missionários a maior compromisso a favor da cultura da vida” (DGAE 66).

As FSCJ comungando com as preocupações da Igreja procuram, com sua ação missionária, dar respostas a algumas dessas urgências já apontadas pela Igreja. A realização de seu 27º Capítulo Geral, realizado em Bérghamo-Itália, de 21 de julho a 21 de agosto de 2008, foi para elas um evento que colaborou para vislumbrar possibilidades de responder a alguns dos muitos desafios da atual ação eclesial. Para isso as Irmãs elegeram no referido Capítulo, *seis áreas essenciais* que nortearão a missão das FSCJ até o próximo Capítulo que deverá acontecer em 2014. São elas: transparência da identidade carismática, formação qualificada e contínua para uma presença significativa, a inculturação e a interculturalidade num mundo que se transforma, o mundo dos jovens e o serviço às vocações, a criatividade missionária e o desafio educativo, dimensão econômico-administrativa. Com isso se quer abranger diferentes desafios onde as FSCJ estão presentes, conscientes, contudo do que já assinalavam os fundadores: não é possível fazer todo o bem. No documento afirma-se:

Discípulas aos pés do Senhor, aprendemos a escolher a “melhor parte” para transbordar em gestos surpreendentes e gratuitos de caridade para com todos. Aprender de Jesus Cristo a santidade requer uma atitude de escuta assídua e de busca amorosa, num processo que perdura toda a vida, até tornar-nos verdadeiras filhas do seu Coração e testemunhas corajosas do evangelho²⁷⁰.

²⁷⁰ FSCJ, Documento do XXVII Capítulo Geral, p. 15.

Na introdução do documento do já referido Capítulo, expressa-se assim o pensamento das Irmãs capitulares e por extensão o de todas as FSCJ:

Desejamos repropor o nosso caminho, com a consciência de que, do *passado* nos vem o testemunho de uma grande vitalidade, certas de que o *presente* nos chama a uma comunhão congregacional mais sólida, conscientes de que o *futuro* merece de nós uma passagem coerente do dom recebido, para que Deus possa levar a termo a obra de suas mãos²⁷¹.

A qualidade da presença e da ação das FSCJ dependerá da paciência com que elas escutarão as grandes questões feitas pela humanidade e pelas quais elas também se sentem interpeladas. O tema do Capítulo em questão: “Filhas herdeiras da caridade do Coração de Jesus que se faz serviço para o Reino”, é um convite a, como FSCJ, animadas pelo Espírito, confirmar com confiança o propósito de seguir Jesus Cristo, para tornar-se como ele, sempre mais íntimas do Coração do Pai e em comunhão profunda com cada irmã e irmão²⁷².

Na identidade carismática das FSCJ os fundadores quiseram torná-las conscientes do amor que Deus tem por elas²⁷³. Quando deram vida à Congregação, explicitaram: esse nome, “ora explicitado, ora ouvido, seja lembrança e constante estímulo à imitação daquele Sacratíssimo Coração, todo caridade para com Deus e para com o próximo”²⁷⁴.

A missão da Congregação atende três grandes frentes: saúde, educação e inserção nos meios populares. A saúde entendida não somente nos meios tradicionais²⁷⁵, mas se dá ênfase a saúde alternativa, principalmente nos lugares onde é mais difícil a presença dos profissionais da área e de medicamentos. Nas diferentes realidades se procura ajudar as pessoas a descobrirem as riquezas da natureza e nela também encontrar condições para uma vida mais saudável. Incentiva-se ainda a formação e participação em dinâmicas de grupos para ajudar na cura de feridas através da partilha e integração dos diferentes sentimentos. As Constituições das FSCJ assim expressam: “a exemplo de Jesus, dedicam-se a aliviar o sofrimento humano e

²⁷¹ FSCJ, Documento do XXVII Capítulo Geral, p. 7.

²⁷² FSCJ, Documento do XXVII Capítulo Geral, p. 8.

²⁷³ FSCJ, Documento do XXVII Capítulo Geral, p. 12.

²⁷⁴ Cf. Constituições das FSCJ, art. 1, p. 11.

²⁷⁵ As FSCJ administram três hospitais, todos localizados no Rio Grande do Sul: São Vicente de Paulo em Três de Maio, São José em Giruá e hospital Banco de olhos em Porto Alegre.

buscam iluminar com os valores evangélicos o sentido de viver, de sofrer e de morrer. Em todo tempo e lugar estão atentas às novas formas de pobreza”²⁷⁶.

A educação acontece também fora dos ambientes das escolas²⁷⁷ e centros de formação²⁷⁸. Como ela abrange toda a vida das pessoas, realiza-se em vários âmbitos e lugares. As já mencionadas Constituições expressam: “na sua missão as FSCJ assumem os desafios da dimensão educativo-formativa, ajudando as pessoas a tomar consciência de sua dignidade de filhos e filhas de Deus, protagonistas do próprio crescimento, agentes de uma incidência positiva no mundo em rápida transformação”²⁷⁹.

Finalmente a inserção nos meios populares é a área de maior abrangência de atuação das FSCJ. Acontece através do acompanhamento dos jovens em diferentes atividades formativas, na atenção dada às famílias, na assistência aos menores em situação de risco, no cuidado com os doentes e com os sofredores, na promoção da dignidade da mulher, na ajuda às pessoas em busca do sentido da vida e no seu crescimento espiritual, nos exercícios espirituais, no apoio aos sindicatos e associações sérias, na denúncia de tudo o que empobrece e destrói a vida. “Em cada ação apostólica vale-se do método pedagógico-preventivo de Santa Teresa Verzeri e está aberta à interação com outras congregações religiosas e/ou organismos que promovem a vida, a justiça e a paz”²⁸⁰.

No tocante ao método preventivo-educativo de Verzeri vale salientar que uma de suas qualidades era a de uma boa educadora. Ela deve ter lido obras que lhe ajudaram a desenvolver boas atitudes no que diz respeito à educação das jovens. Em seus escritos, como já foi salientado aparece muitas vezes a referência a Teresa D’Ávila, Inácio de Loyola, Francisco de Sales, entre outros. Em seus escritos ela expressa muitas vezes como se deve conduzir a formação das jovens. Diz por exemplo: “Sê toda coração com Deus e de cuidado para ajudar estas boas adolescentes que têm direito de pretender de você ajuda para se

²⁷⁶ Cf. Constituições das FSCJ, art. 42, p. 30.

²⁷⁷ As exigências do mundo atual e a presença de outros grupos assumindo a educação, fez com que a missão das FSCJ nas escolas diminuísse consideravelmente. Ainda assim as Irmãs ainda possuem cinco colégios no Rio Grande do Sul: Coração de Maria em Esteio; Teresa Verzeri, em Santo Ângelo; Sagrado Coração de Jesus, em São Borja; Medianeira em Santiago e Sagrado Coração de Jesus, em Ijuí.

²⁷⁸ No Rio Grande do Sul existem três centros de formação administrados pelas FSCJ, Estão localizados em Esteio, Porto Alegre e São Borja. São obras sociais que atendem crianças e adolescente de 7 a 14 anos, em situação de vulnerabilidade social, com o objetivo de educá-las com princípios sólidos e ao mesmo tempo evitar que incorram nos grandes riscos tão comuns hoje especialmente em comunidades mais carentes, como a droga, o álcool e como consequência a violência e a morte.

²⁷⁹ Cf. Constituições das FSCJ, art. 41, p. 29-30.

²⁸⁰ Cf. Diretório das FSCJ, art. 28, p. 10.

santificarem, conforme o que Deus delas deseja”. E acrescenta em outro texto: “tenho muito cuidado com as escolas, porque importam tanto ao Coração de Jesus. Ele mesmo as recomenda a ti. Aquelas adolescentes lhe custam seu precioso sangue”.²⁸¹

A obra de Donadoni diz que a atividade educativa de Verzeri se insere de modo autorizado e autônomo, na corrente pedagógica católica, “realizando o sistema preventivo que, depois dela, será retomado também pelo padre João Bosco”²⁸².

O livro dos Deveres traz várias exortações a respeito do cuidado que se deve ter com a instrução e educação juvenil, cuidando para “prevenir” e não para “remediar”. Diz por exemplo:

Cultivem e cuidem muito, e com muito zelo, a mente e o coração das alunas enquanto ainda são adolescentes, para impedir, na medida do possível, a infiltração do mal, sendo melhor preservá-las da queda com as vossas advertências e conselhos do que libertar, depois, pela correção²⁸³.

Verzeri “exige, sobretudo, coerência perfeita entre vida interior e prática exterior. Ela tem sempre presente que as educadoras devem preparar as jovens para a vida, formá-las de modo que se tornem boas e sábias mães de família”²⁸⁴.

No que diz respeito à prevenção Verzeri indica duas normas precisas: 1) afastar as jovens de tudo o que possa perverter a mente e o coração, ou de alguma forma corromper seus costumes; afastá-las do mal, enamorando-as das virtudes contrárias aos vícios. Tudo isso sem que elas percebam que estão evitando um mal, “se não tivessem sob o aspecto da leviandade, de vaidade ou de dissipação”²⁸⁵. 2) despertar nas jovens um santo temor a Deus e uma confiança filial, dizendo-lhes: “se temerdes e esperardes, alcançareis as misericórdias divinas”. Se as jovens confiadas ao Instituto forem tementes a Deus “hão de temer também o pecado que se opõe à santidade divina”²⁸⁶.

²⁸¹ Cartas de 16 de abril e de 09 de novembro de 1835. Citadas em: DONADONI, D. T. Dizer amor é fácil, p. 242.

²⁸² DONADONI, D. T. Dizer amor é fácil, p. 243. Dom Bosco é contemporâneo de Verzeri. Ele nasceu em 1815 e fundou a sua obra em 1841, com 26 anos de idade, dez anos depois da fundação do Instituto das FSCJ. Ele destaca-se como um grande educador da juventude. Sua obra continua viva através de homens e mulheres que dando continuidade ao seu “sonho” desenvolvem sérios projetos educativos em prol dos jovens e adolescentes.

²⁸³ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 191. (ed. em língua portuguesa).

²⁸⁴ DONADONI, D. T. Dizer amor é fácil, p. 244.

²⁸⁵ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 191. (ed. em língua portuguesa).

²⁸⁶ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 192. (ed. em língua portuguesa).

As Irmãs são convidadas a se empenhar com entusiasmo e energia, “usando, porém, uma grande prudência, pois o assunto é por si delicado, especialmente em se tratando de jovens a quem o conhecimento do mal poderia facilmente ser incentivo a desejá-lo e a procurá-lo”. As jovens, portanto, devem ser advertidas que o pecado, é o único mal que lhes pode sobrevir, mas por outro lado, Deus é o único bem, a única felicidade, a qual vale a pena buscar sempre²⁸⁷.

A educação de jovens e adolescentes é muito cara para Verzeri, por isso ela estimula frequentemente as Irmãs que cuide bem dessas “plantinhas”, sem, no entanto suprimir ou lhes tirar o entusiasmo, próprios dessa etapa. Dessa forma serão capazes de grande generosidade, terão “respeito pela própria liberdade e amor capaz de aceitação e escuta”²⁸⁸. Agindo dessa forma as Irmãs estarão conduzindo as jovens pelo caminho do bem e revelando o amor do Coração de Jesus que é fonte de vida para todas as pessoas.

Assim, a continuidade de presença das FSCJ no mundo hoje continua sendo um convite e um desafio para levar adiante a mensagem deixada por Jesus Cristo na concretude de seu amor para com todos e de modo particular para os mais necessitados e excluídos. São ainda aqui as questões levantadas por Bruno Forte, que iluminam a conclusão do que se quer dizer: Como é possível que o Nazareno se torne contemporâneo do nosso presente? Como pode ser superado o abismo do tempo que nos separa daquela longínqua história que transcorreu na obscuridade de uma remota porção do império romano? Como pode alguém que conheceu a morte ser o Vivente para nós?

Forte continua afirmando que “a comunidade das origens respondeu as essas perguntas mostrando no Espírito o princípio e a força da contemporaneidade de Cristo: ‘aquele que recebeu o Espírito em plenitude está para sempre vivo no Espírito (1Pd 3,18) e derrama seu Espírito sobre toda a carne” (cf. 1Jo 1,33; Lc 24,49; At 1,8) ²⁸⁹.

É esse mesmo Espírito que continua suscitando carismas na Igreja para que sirvam como seta a fim de que outras pessoas possam ser tocadas pela força transformadora do amor de Deus. Verzeri diz que quando “o amor de Deus toma posse de uma pessoa a transforma toda em Deus mesmo”²⁹⁰. O amor é como fogo diz a Palavra (cf. Ct 8,6) e esse fogo deve

²⁸⁷ VERZERI, T. E. *Livro dos Deveres*, vol. II, p. 191-193. (ed. em língua portuguesa).

²⁸⁸ DONADONI, D. T. *Dizer amor é fácil*, p. 245.

²⁸⁹ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História*, p. 327.

²⁹⁰ VERZERI, T. E. *Lettere della serva de Dio*, vol. I, p. 165.

continuar se espalhando para que o mundo venha compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede todo o conhecimento e seja plenificado com toda a plenitude de Deus (cf. Ef 3,18-19).

A necessidade de transmitir a mensagem de Jesus hoje continua sendo imperativo para todas as FSCJ. O eco das Palavras do evangelho: “ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 18-19a) permanece ressoando em seus ouvidos.

Teresa Verzeri tinha consciência que estava lançando a semente que era um desejo do Coração de Deus, se não fosse assim ela já teria desaparecido. Os sofrimentos e desafios experimentados por ela e por outras Irmãs que logo abraçaram a causa, foi fecundo. Gerou novos filhos e filhas para a Igreja de Deus.

Em cada realidade, tempo e circunstâncias vão aparecendo novos desafios e as FSCJ devem estar atentas a estes. O pedido de Verzeri e de Giuseppe Benaglio era para que as Irmãs se fizessem presentes lá onde as necessidades são mais urgentes e para fazer o bem que ainda não está sendo feito por ninguém. Para isso é necessário constante atualização, também através de meios acadêmicos, bem como profunda escuta e discernimento.

Na sua missão as Irmãs contam também com a ajuda de numerosos colaboradores, leigos e leigas comprometidas com a causa do evangelho. Pessoas que também escutaram o chamado de Deus e o grito dos mais pobres e se dispõem a um serviço generoso e desinteressado. Pessoas que mesmo estando comprometidas com suas famílias e com tantos afazeres, são capazes de sair de si e se desdobrar para acolher a tantas outras mais necessitadas. As Irmãs Contam também com a ajuda dos sacerdotes e outros/as religiosos/as nas realidades onde se encontram. Sabem que o trabalho feito em parceria é muito mais frutuoso e revela a beleza do evangelho.

As FSCJ seguem a missão deixada por seus fundadores, conscientes de que não estão sozinhas mas contam também com a intercessão destes e com o olhar atento e amoroso da mãe, a Virgem Maria. Sabem principalmente que devem seguir adiante confiando na ação de Jesus sempre presentes em suas vidas. O evangelho de São Mateus assegura: “e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20b).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurou-se responder as perguntas que foram colocadas no início. Elas indagavam: a seu modo e no seu tempo, teria Verzeri contribuído para fazer emergir uma Cristologia? Que Cristologia? É possível visualizá-la a partir de seus escritos? Ainda tem sentido hoje as palavras de Verzeri sobre a pessoa de Jesus?

Especialmente na segunda seção, procurou-se verificar nos escritos de Verzeri e/ou no que foi dito a seu respeito, elementos cristológicos. Destes, foram escolhidos alguns para procurar responder a questão colocada, quais sejam: o seguimento de Jesus, a centralidade na espiritualidade do seu Coração, Jesus e os pobres, Jesus e as mulheres, Jesus e seu relacionamento com o Pai, Deus em Teresa Verzeri, o mistério pascal. A conclusão que se chega é que Verzeri contribuiu para fazer emergir uma Cristologia, uma vez que seus textos são essencialmente cristocêntricos. Mas essa Cristologia é, sobretudo uma manifestação na vivência prática do cotidiano. Jesus é o centro e com ele se aprende como deve ser o agir cristão e principalmente o agir de uma pessoa consagrada ao seu Coração.

Diferente de outras pessoas que tiveram fortes experiências de proximidade com Deus, Verzeri não fala de consolações, de suavidade e doçura experimentada na união com ele. Pelo contrário, o que relata está muitas vezes relacionado a um conhecimento confuso, imperceptível, escondido, da santidade divina. O que ela deixa transparecer é apenas uma força que a acompanha e a faz ser fiel, na qual se empenha e pela qual é capaz de dar a própria vida, pois sabe que tal não poderia vir de outra fonte senão de Deus.

O caminho espiritual que Verzeri faz, é aquele da *purificação interior*, onde ela caminha por vales escuros, guiada apenas pela fé. Vive também uma forte solidão, na privação da presença de Deus. A expressão que muitas vezes ela repete é: *Deus só!* Mas esse mesmo Deus que ela ama, chama e em quem confia ilimitadamente, parece não consolá-la, parece manter-se distante. Dessa forma, por diversas vezes, Verzeri parece não vê em si outra coisa a não ser o pecado, desejando por isso a morte, uma vez que só esta lhe daria livre acesso a Deus.

Verzeri sabe que o fundamento da vida cristã é Jesus Cristo e sua experiência mística está marcada pela participação na agonia do Getsêmani e no abandono da cruz. Nas cartas que escreve aos confessores, no entanto, ela não reconhece esse seu estado interior configurado

com a Paixão do Senhor. A imagem que por vezes pode-se fazer de Verzeri é aquela de uma pessoa que mesmo sem nada ver ou sentir, permanece agarrada ao objeto de seu amor, na esperança de que em algum instante ele possa se fazer presente e console seu coração. Faz lembrar o episódio de Maria Madalena no túmulo, quando os discípulos já tinham desanimado diante da impossibilidade de ver seu Mestre ressuscitado: ela permanece lá, chorando, mas junto ao sepulcro, olhando para dentro, sustentando uma teimosa expectativa de que a qualquer momento ele pudesse aparecer (cf. Jo 20,11). Assim parece muitas vezes encontrar-se Verzeri: conhece a fonte do amor e mergulha nela, mesmo com todos os desafios, pois sabe que só aí seu coração estará seguro e em paz.

Outra questão colocada no início deste trabalho era se, tendo passado mais de 180 anos de fundação da Congregação, como as Filhas do Sagrado Coração de Jesus têm continuado a obra iniciada pelos Fundadores. A terceira seção procurou responder a essa questão a partir do que se vivencia na atualidade. O centro da espiritualidade da Congregação é o Coração de Jesus. O grande compromisso é com a vida e onde ela está ameaçada as FSCJ, assim como todos os cristãos, são chamadas a dignificá-la partilhando traços do Carisma dado à Igreja por meio dos fundadores: misericórdia, compaixão, solidariedade, serviço.

Recentemente aconteceram na República Centro Africana onde as FSCJ têm comunidades, sérios combates e em vários relatos, as Irmãs presentes naquela realidade, falaram da agonia de vivenciar aqueles dias junto à população sofrida, vítima de vários ataques por parte de grupos rivais, pelo descaso e mesmo abandono do governo. As Irmãs falavam das “experiências trágicas e dolorosas de longo calvário” que trouxeram duras consequências para a vida do povo. Elas expressavam que o mais difícil era encontrar a coragem que permite assumir e superar o estado de impotência diante das forças rebeldes que impediam o atendimento humanitário e fazia com que muitas pessoas e entre elas, várias crianças, morressem.

Esta é uma experiência, mas existem muitas outras onde as FSCJ continuam, a exemplo de Cristo, doando suas vidas a serviço da Vida, ancoradas no amor do Coração de Deus que não conhece fronteiras. O Carisma deixado pelos Fundadores continua vivo e renova-se todas as vezes que se atende ao apelo expresso no Evangelho: “Que não se perca nenhum desses pequeninos” (cf. Mt 18,10). Dessa forma a Cristologia continua sempre atual, pois sempre conduz o olhar para seu centro: Jesus Cristo, e com ele para todas as pessoas e realidades. Assim, cessa-se Cristologia da palavra e começa a Cristologia da vida e do anúncio de que

Cristo ressuscitado está presente e atuante e se faz peregrino de todas as pessoas que o aceitam de boa vontade.

Esta pesquisa foi permeada pela Cristologia. Desde a primeira seção, na qual se procurou contextualizar a pessoa de Teresa Verzeri, passando pela segunda, onde foi possível confrontar os escritos de Verzeri com o de diversos autores e autoras e finalmente culminando com a terceira, onde pode-se verificar se a missão das Filhas do Sagrado Coração de Jesus segue o fio condutor assumido por Verzeri. Espera-se que este trabalho possa contribuir para iluminar a missão da Congregação, bem como incentivar a outras buscas, seja dos próprios membros do Instituto, seja de outras pessoas que se interessem pelo tema.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Ática, 1974.
- AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural (Col. Pensadores) 1996.
- BALESTRIN, Inelda Maria. “*Eu te reconheço como Filha minha!*”. A purificação do coração como itinerário espiritual da filha a partir da experiência de Maria Antonia Pedrocca Grumelli. 2009 (Mestrado em teologia). Faculdade de Teologia, Pontifício Instituto de Espiritualidade, Teresianum, Roma, 2009.
- BALOCCHI, Maria Alfonsa. *Teresa Eustochio Verzeri, una donna Forte*. Roma. Pisani, 1946.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Hermann. *História da Igreja*, vol. 3º, Idade Moderna. São Paulo: Paulinas, 1965.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.
- BLANCO, Severiano. *Seguimento. Fundamentação bíblica*. In: RODRIGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals. *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994. p.1010-1015
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador. Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo, Paulinas, 2002.
- BUCKER, Bárbara Pataro. *O feminino da Igreja e o conflito*. Col. Teologia feminina. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CATECISMO da Igreja Católica. 6. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave Maria, 1993.
- CASTELLANO. Jesús ET alii. *Fidelidade criativa: um apelo à vida consagrada*. São Paulo: Loyola, 1997.
- CODINA, Víctor. *Seguir Jesus Hoje: da modernidade à solidariedade*. São Paulo, Paulinas, 1993.
- _____. CODINA, Víctor; ZEVALLOS Noé. *Vida Religiosa: história e teologia*. Col. A Igreja, sacramento de libertação, Série IV, Tomo IX. Petrópolis: Vozes, 1987
- COMBLIN, José. *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Perfectae Caritatis*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 487-504.
- _____. *Lumen Gentium*, p. 39-113.

_____. *Gaudium et Spes*, p. 143-256.

_____. *Dei Verbum*, p. 121-139.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015)*. São Paulo: Paulinas, 2011 (Documentos da CNBB, 94).

CONVERGÊNCIA, REVISTA MENSAL DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Jesus Histórico, rosto humano de Deus*. Brasília: Paulinas, ano XLVII, n. 457, dez. 2012.

DAUDT, Sonia Terezinha. *Processo de “Cristificação” de Teresa Verzeri*. 2000. 131 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade de Teologia, Pontifício Instituto de Espiritualidade, Teresianum, Roma, 2000.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado latinoamericano e do Caribe*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, Paulus, Brasília: ed. CNBB, 2007.

DOCUMENTOS DA IGREJA SOBRE O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Col. Um Coração novo para um mundo novo. São Paulo: Loyola, 1988.

DOYON, Jacques. *Cristologia para o nosso tempo*. São Paulo: Paulinas, 1970.

DONADONI, Dino Tomaso. *Dizer amor é fácil: vida e obra de Santa Teresa Verzeri*. 2. ed. Revista e atualizada. Porto Alegre, 2011.

DUQUOC, Christian. *Cristologia: ensaio dogmático*. São Paulo: Loyola, 1977.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

FALCADE, Neusa. *Coração de Jesus: História, Cultura e Teologia em torno de um símbolo religioso*. PUCRS, Porto Alegre, 2010. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=170434. Acesso em 14 de jul. de 2013.

FAUS, José Ignacio Gonzales. *Acesso a Jesus: Ensaio de Teologia Narrativa*. Loyola: São Paulo, 1981.

FERRARO, Benedito. *Cristologia*. Col. Iniciação à Teologia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. *“A Caridade é a plenitude da lei”*. São Paulo: La Salle, 1969.

_____. XXVII Capítulo Geral, Documento Final, 2008.

_____. *Constituições*, 2009.

_____. *Annali dell’Istituto delle Figlie del Sacro Cuore di Gesù*. Vol. Primo. Roma, 1899.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da História: ensaio de uma Cristologia como História*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Trindade como história*. Ensaio sobre o Deus Cristão. Col. Teologia sistemática. São Paulo: Paulinas, 1987.

GONZALEZ, Carlos Ignacio. *El es nuestra Salvación: Cristologia e Soteriologia*. Colección de textos básicos para seminários latinoamericanos, vol. III. 2. ed. CELAM, Bogotá, 1987.

GLOTIN, Édouard. *La Bíblia del Cuore di Gesù*. Bologna: EDB, 2009.

_____. *O Coração de Jesus, Abordagens antigas e novas*. São Paulo: Loyola, 2003.

HAMMES, Érico João. Abbá – Ó Pai! O Filho, o Pai, a Misericórdia. In: Hackmann, Geraldo Luis Borges (org.). Col. Teologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 75-91.

_____. *O sofrimento de Jesus Cristo e o sofrimento do ser humano*. In: CESCUN, Everaldo, PEREIRA, Leonardo Inácio; NODARI, Paulo (Org.). O mistério do mal: urgência da educação para o bem. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, v. , p. 79-90.

JEREMIAS, Joaquim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

LANCELLOTTI, Ângelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Petrópolis: Vozes, 1980.

MAGGIONE, Bruno. *Era verdadeiramente homem*. Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos. São Paulo: Loyola, 2003.

MANZATO, Antonio. Cristologia latinoamericana. In: SOUZA, Ney de (org.). *Temas de teologia latinoamericana*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 23-65.

MARINI, Assunta. “*Ardere della sua stessa carità*”. Il Cuore de Cristo nel primo manoscritto di regola della Congregazione delle Figlie Del Sacro Cuore di Gesù. 2002. 127f. (Tesina de licença em Teologia da Vida Consagrada) Faculdade de Teologia, Instituto de Teologia da Vida Consagrada, Claretianum, Roma, 2002.

MATEOS, Juan & BARRETO Juan. *O Evangelho de São João*, análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PALACIO, Carlos. *Jesus Cristo, História e interpretação*. Col. Fé e realidade. São Paulo: Loyola, 1979.

PROVÍNCIA NOSSA SENHORA APARECIDA. *50 anos de História: 1931-1981*. Porto Alegre: Ética impressora Ltda, 1982.

PUEBLA: *Conclusões. III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano*. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Sao Paulo: Loyola, 1979, p. 99-100.

TEOCOMUNICAÇÃO. A Santíssima Trindade no Terceiro Milênio. Porto Alegre: Edipucrs, v. 33, n. 142, dez. 2003, p. 717-765.

TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a Cristologia*. Sondagens para um novo paradigma. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Recuperar a salvação*. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Recuperar a criação*. Por uma religião humanizadora. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Recuperar a ressurreição*. A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. São Paulo: Paulinas, 2004.

- RADCLIFFE, Timothy. Os votos como celebração do amor. *Revista Convergência*, Rio de Janeiro, n. 289, p. 144-158, mar. 1995.
- ROPS, D. *Storia della Chiesa di Cristo*, vol. 2. La Chiesa dei tempi Classici. Roma: Marietti, 1961.
- ROGIER, L.J.; DE BERTIER DE SAUVIGNY, J. *Nova História da Igreja*, Vol. IV. Século das luzes, revoluções, restaurações. Petrópolis: Vozes, 1971.
- SANTO DOMINGO. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado latinoamericano*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento de Jesus Histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *O Absoluto é Deus e o coabsoluto são os pobres*. IHU on line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo-RS, n.404, ano XII, p.5-10, out. 2012.
- _____. *Jesus, o libertador. I - A História de Jesus de Nazaré*, (Teologia e libertação). São Paulo: Vozes, 1994.
- _____. *A fé em Jesus Cristo – ensaio a partir das vítimas*. (Teologia e libertação). Petrópolis: Vozes, 2000.
- SUSIN, Luiz Carlos. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*. Ensaio de Cristologia narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997.
- TEPEDINO, Ana Maria. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- VERZERI, Teresa Eustochio. *Livro dos Deveres das Filhas do Sagrado Coração de Jesus e do espírito de sua Instituição religiosa*, vol. I. 3. ed. Porto Alegre, 1981.
- _____. vol. II, 3. ed. Porto Alegre, 1986.
- _____. *Libro dei Doveri*. Documenti di spirito proposti alle Figlie del Sacro Cuore di Gesù, vol. II e III, 5ª ed, Bergamo, Itália, 1952.
- VERZERI, Teresa Eustochio; BENAGLIO, Giuseppe. *Palavras que permanecem*. Porto Alegre, 2011.
- _____. *Lettere della serva di Dio*, Vol. I-V, Bérghamo, Itália, 1952.
- ZORZO, Jelda. *A resposta de Teresa Verzeri*. 1975. 51f. (Trabalho de Conclusão de Curso, reelaborado e revisado). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1975.